

DM

O Natal Madeirense
Representações literárias e turístico-culturais
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cândida Marina Gouveia de Jesus da Mata
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

junho | 2017

O Natal Madeirense

Representações literárias e turístico-culturais

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cândida Marina Gouveia de Jesus da Mata

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTADORA

Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

CO-ORIENTADOR

António Manuel Martins de Almeida

AGRADECIMENTOS

Para que um caminho longo e complicado se torne mais simples, precisamos de o percorrer com as pessoas certas do nosso lado. Por isso, tentarei demonstrar o meu reconhecimento e agradecimento a todos aqueles que me ajudaram nesta etapa.

Em primeiro lugar, tenho que agradecer à minha orientadora Professora Doutora Teresa Nascimento por ter aceitado orientar a minha dissertação. Quero expor o meu verdadeiro reconhecimento pelo apoio que me deu, a disponibilidade, as sugestões, as críticas e pelas sucessivas correções à versão provisória do texto, as palavras de incentivo, mas principalmente por toda a paciência, compreensão e amizade que demonstrou durante este percurso.

Ao meu co-orientador, o Professor Doutor António Almeida agradeço todas as palavras de incentivo, conselhos, recomendações, disponibilidade cedida, ajuda na realização dos cálculos e acima de tudo toda a amizade e confiança que me demonstrou.

Um especial agradecimento à minha mãe, ao meu marido, à minha filha e à minha grande amiga Marlene por estarem sempre do meu lado, encorajando-me a não desistir e a lutar por um bem maior, dispensando parte do seu tempo para realizar diversas tarefas que me competiam de modo a que eu tivesse mais disponibilidade para dedicar ao presente trabalho.

Agradeço também, a todas as pessoas e instituições hoteleiras que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram na concretização desta dissertação, principalmente aos trezentos (300) inquiridos que aceitaram realizar o preenchimento do questionário, pois sem a sua colaboração parte deste estudo não seria possível de concretizar.

A todos a minha sincera gratidão.

RESUMO

Fazem parte da identidade madeirense costumes, práticas e tradições cujas origens parecem remontar aos primórdios da colonização e para cuja salvaguarda muito terá contribuído a insularidade. Na presente dissertação apresentam-se alguns destes usos e costumes típicos na Madeira, mais concretamente na altura em que se comemora o Natal. Esta é uma celebração importante para os ilhéus, e como tal, houve uma visível preocupação de fidelidade às tradições antigas. Através da literatura, constataremos que esta quadra sofreu pequenas alterações nas últimas décadas, pelo menos no que diz respeito ao verdadeiro espírito do Natal Madeirense.

De que forma poderá a quadra natalícia oferecer-se como um cartaz turístico? Que motivos de interesse podem oferecer a literatura e a cultura regionais? São questões às quais a metodologia do inquérito, com a análise dos seus resultados, poderá ajudar a responder.

Por fim, apresentam-se algumas sugestões de preservação e possíveis ideias para melhorar o turismo regional, criando uma ligação entre a literatura e a cultura, de modo a que ambas façam parte dos cartazes turísticos da Ilha, nesta época que é sinónimo de paz, família e fé.

Palavras-Chave: Natal, Literatura, Cultura, Turismo, Preservação

ABSTRACT

The Christmas Celebrations are part of the identity of Madeira's people, customs, practices and traditions whose origins seem to date back to the early days of colonization. The remoteness and insularity contribute significantly to preserve the tradition. This dissertation describes some of these ways and typical customs in Madeira, intimately related to the Christmas periods. This is an important celebration for the islanders, and as such, the preservation of all these traditions is a matter of concern. Through the literature review, we note that this set of traditions experienced only minor changes in the recent decades, at least with regards the "true" spirit of Christmas Madeira.

In this thesis we ask: how could the Christmas season offer tourists an extra attraction to be enjoyed? What additional reasons of interest can be provided by the literature and by the regional culture as a whole? These are questions we expect to answer through this thesis.

Finally, we present some suggestions and recommendations and possible ideas to improve the dynamics of the regional tourism industry, through the development of a creative link between literature and culture. This is because the Christmas traditions are both part of the cultural events of the island, and a celebration of peace, family spirit and faith.

Keywords: Christmas, Literature, Culture, Tourism, Preservation

“Na verdade, onde se comemorará, com a espontaneidade que é peculiar ao madeirense, a Festa de Jesus? Em parte alguma dos cinco continentes existe, por certo, esta exteriorização de sentimento religioso, esta expansão de alegria desbordante que a rua oferece aos nossos olhos deslumbrados.”

GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade- a Festa no Campo*, 2001, p.13

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. Tema e objetivos da investigação.....	11
2. Estrutura metodológica da dissertação.....	13
3. Corpus Escolhido.....	14

CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÕES DO NATAL MADEIRENSE NA LITERATURA E NA CULTURA

1.1 Introdução.....	17
1.2 Representações do Natal na Literatura Madeirense.....	17
1.3 Rituais- Entre o Sagrado e o Profano.....	33
1.3.1. Elaboração da Lapinha típica do Natal na Madeira.....	34
1.3.2. Matança do Porco.....	37
1.3.3. Gastronomia típica do Natal Madeirense.....	38
1.3.4. Missas do Parto.....	38
1.3.4.1. A “Véspera” das Missas do Parto.....	42
1.3.4.2. A “Madrugada” das Missas do Parto.....	43
1.3.5. A Noite do Mercado.....	44
1.3.6. A Missa do Galo.....	45
1.3.7. As Oitavas do Natal e o Dia de Reis.....	51

CAPÍTULO II – FESTIVIDADES NATALÍCIAS COMO MOTIVO DE ATRATIVIDADE TURÍSTICA

2.1. Introdução.....	57
2.2. Turismo na Madeira.....	57
2.2.1. As Festividades e o Turismo.....	60
2.2.2. O Turismo e a Cultura.....	61
2.2.2.1.O Turismo Literário.....	63
2.3.Descrição do Estudo.....	64
2.3.1. Caracterização do contexto onde decorreu a ação.....	65
2.4.Seleção do Instrumento de recolha de dados.....	68
2.4.1. Abordagem Metodológica.....	69

CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS OBTIDOS PELO QUESTIONÁRIO APLICADO

3.1. Introdução.....	71
3.2. Resultados.....	73
3.2.1. Dados sócio-demográfico e organização de viagem.....	73
3.2.1.1. Distribuição da amostra por nacionalidade.....	73
3.2.1.2. Idade, género, estado civil e níveis de rendimento.....	74
3.2.2. Motivações da viagem.....	78
3.2.2.1. A experiência do Natal.....	83
3.2.3. Organização da Viagem.....	87

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

4.1. Introdução.....	96
4.2. Conclusões dos dados obtidos.....	96
4.3. Recomendações gerais.....	101
Conclusão.....	103
Referências Bibliográficas.....	107

Anexos (Apêndices em CD)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Referências de base relativas às diversas questões incluídas no instrumento de medida.....	77
Quadro 2: Distribuição da amostra por nacionalidade.....	78
Quadro 3: Motivações para visitar a Ilha.....	83
Quadro 4: Motivações para visitar/contactar com bens culturais na Madeira.....	84
Quadro 5: Análise fatorial das motivações para visitar os recursos culturais da Ilha.....	85
Quadro 6: Assistência a eventos de Natal.....	88
Quadro 7: Visitou Presépio vs Assistiu a eventos de Natal.....	89
Quadro 8: Diferença de médias- Motivações Culturais vs Visitou/ Não visitou Presépios.....	90
Quadro 9: Motivações/expectativas relativamente à “vida”.....	90
Quadro 10: Motivos para visitar um Presépio e/ ou Museu.....	91
Quadro 11: Organização da Viagem.....	92
Quadro 12: Indicadores de Satisfação.....	96
Quadro 13: Satisfação com estadia vs Disponibilidade para pagar para “fruir” da cultura regional.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atividades efetuadas/ a efetuar.....	86
Tabela 2: Assistência a eventos relacionados com o Natal.....	97
Tabela 3: Satisfação das atividades realizadas durante a estadia na Madeira.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição da amostra por Género	78
Gráfico 2: Distribuição da amostra por Estado Civil.....	79
Gráfico 3: Distribuição da amostra por Nível de qualificação académica.....	79
Gráfico 4: Níveis de rendimento.....	80
Gráfico 5: Distribuição da amostra por Contexto Socioprofissional.....	80
Gráfico 6: Distribuição da amostra por Escalões etários.....	81

Gráfico 7: Visitas a Presépios por Nacionalidade.....	89
Gráfico 8: Percentagem de inquiridos conhecedores de um escritor madeirense.....	93
Gráfico 9: Importância dada à Cultura Madeirense ao pesquisar informação.....	93
Gráfico 10: Grau de importância dada à Literatura Madeirense.....	94
Gráfico 11: Grau de importância atribuída às Tradições locais.....	94
Gráfico 12: Grau de importância atribuída às Tradições do Natal	94
Gráfico 13: Percentagens de resposta tidas como “Importante”	95
Gráfico 14: Aprender mais sobre a Cultura local.....	98
Gráfico 15: Satisfação das Necessidades Culturais.....	98
Gráfico 16: Aprender mais numa próxima visita.....	98
Gráfico 17: Pagar para aprender mais.....	99

INTRODUÇÃO

1. Tema e objetivos da Investigação

A presente dissertação é realizada no âmbito do Mestrado de Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. Aborda a temática do Natal na Madeira, dando enfoque às suas representações na literatura e na cultura madeirense, bem como a sua potencial valorização do ponto de vista turístico e económico. A amostra é constituída por diversas formas de expressão literária e pelas diferentes manifestações culturais presentes nos concelhos que integram a Ilha da Madeira. Para além da necessária componente bibliográfica, a recolha de informação incidirá sobre a realização de questionários dirigidos aos turistas participantes.

Tal como é referido por (Gouveia 2001),

“Para o ilhéu da Madeira, a Festa é a quadra por excelência do bem-estar do corpo e do espírito.

No campo e na cidade, passado o dia de Reis, já se pensa na Festa que há-de vir, já se fazem projectos:

- Para a Festa, quem lá chegar...

- Para a Festa terás o que prometi!

- Mãe, quando se compra o porquinho para a Festa?

- E a lapinha, mãe? Vai-se guardar o Menino Jesus...

E o ano tem a Festa como fundamento da marcação do tempo:

- Faz 5 anos para a Festa; foi um mês depois da Festa; Faz dois anos, 3 meses antes da Festa. E a Festa é a principal coluna da memória para assinalar o tempo.”¹

A literatura retrata o espírito do Natal existente na Ilha, e isso é constatado por vários autores, entre eles, Horácio Bento de Gouveia que, no texto acima citado, demonstra a importância que esta celebração tem para os habitantes desta região.

Na Madeira, o Natal é normalmente designado de *Festa*. Esta expressão é utilizada particularmente para a o dia do nascimento de Jesus Cristo, contudo esta manifestação não se resume unicamente ao natal. Dela fazem parte as missas do parto, as oitavas e o dia de Reis, a que se juntam rituais como o da matança do porco ou a celebração da passagem de ano. As celebrações litúrgicas convivem de perto com rituais profanos e familiares que potenciam o

¹ GOUVEIA, Horácio Bento de. *O Natal na Cidade, A Festa no Campo*, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 2001, pp.47-48

impacto junto dos turistas mais interessados na exploração de contactos com a população e experimentação das tradições locais.

Em suma, para os habitantes do Arquipélago da Madeira, o Natal é a época mais festiva do ano, composta por usos e costumes próprios, constituindo hoje um acervo de enorme importância na re-orientação que se pretende para a sociedade e economia do Arquipélago.

Uma das questões fulcrais a que tentámos dar resposta, na elaboração desta pesquisa foi: de que forma a literatura tematiza as vivências do Natal madeirense? E como pode esta tradição, com profundo impacto na sociedade madeirense, constituir um fator de valorização turística do património cultural regional?

No *corpus* constituinte desta dissertação sobressai a coletânea de poesia de Natal de origem madeirense intitulada “O Natal na Voz dos Poetas Madeirenses”, Gonçalves (1989), que agrupa poemas que contêm “versos de uma sofrida intencionalidade, descrevendo o tema com deslumbramento, mas também com uma não disfarçada preocupação social”². Igualmente importante nos parece a informação de que “Muito material temos já recolhido e outro ainda se mantém por descobrir (...)”³. Outras obras estudadas foram ainda estudadas, fazendo uma especificação mais aprofundada no terceiro ponto desta introdução.

O tema tem vindo a ganhar cada vez mais importância ao longo do tempo, principalmente em artigos de jornal. No decurso desta investigação foram encontrados, na Biblioteca Pública Regional da Madeira, dois *dossiers* intitulados *NATAL*, que contêm um conjunto de artigos de jornais, revistas, bem como excertos de livros que fazem referência ao tema em estudo. Estas compilações provam a importância que esta época tem para o povo madeirense, o que justifica o crescimento da bibliografia em questão.

Dado o contexto geográfico da dissertação que incide sobre uma região insular, caracterizada por uma forte dependência do turismo, importa analisar com detalhe a questão, até porque o período natalício atrai milhares de turistas. Tal afluxo, facilitado pelo período de férias do Natal, explica-se com toda a certeza pela projeção mediática da passagem de ano no Funchal. Daí que importe estudar em que medida este “nicho” de mercado pode ser valorizado, importando conhecer a tipologia de Turistas e de Turismo que procuram.

A experiência turística poderá ser analisada com base numa dupla categorização: a busca do prazer ou a busca de cultura. De forma geral, poderá ser dito que o turismo é um fator

² GONÇALVES, José António, *O Natal na voz dos poetas madeirenses*, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, Funchal, 1989

³*Ibidem*

de satisfação emocional, de libertação e de autonomia individual. A busca do diferente, a procura de valores e da identidade das populações locais promovem a fuga ao quotidiano, possibilitam a busca do exótico e do excitante e proporcionam o encontro com outros ambientes, estilos de vida e universos culturais que são características marcantes do turismo moderno. Oferecidas estas notas de contexto, poder-se-á colocar a seguinte questão: em que medida as festividades natalícias poderão constituir fator de atração turística para o Arquipélago da Madeira?

Enunciado o tema, a natureza geral do problema a estudar e a sua justificação indicamos os objetivos gerais da investigação:

- a) Explorar as representações do Natal Madeirense na literatura e na cultura;
- b) Contribuir, ainda que marginalmente, para a valorização cultural e social das tradições, através da articulação dos termos literatura, identidade e desenvolvimento turístico.
- c) Verificar em que medida as tradições natalícias, através da sua componente lúdico-cultural, funcionam como fator de potenciação turística e cultural;

2. Estrutura metodológica da dissertação

A dissertação está organizada em quatro capítulos. A esta introdução, na qual foram apresentados uma síntese do tema, os objetivos da dissertação, o âmbito e a metodologia da investigação, seguem-se quatro capítulos.

No primeiro capítulo discorre-se, ainda que de forma sumária, sobre as diferentes representações do Natal Madeirense na literatura e na cultura, tendo para o efeito sido selecionado um *corpus* literário significativo, com referência aos rituais, valores e imaginário que esta época transmite. O segundo capítulo centra-se nas festividades natalícias como motivo de atratividade turística. Procede-se, aí, a uma análise documental, a uma observação participante e à seleção de uma amostra e *design* do questionário, que servirá para caracterizar o tipo de turista interessado na temática, bem como as suas motivações principais.

O terceiro capítulo é reservado à análise e interpretação de dados subjacentes ao questionário. É oferecida uma análise crítica dos dados obtidos, bem como uma discussão desses mesmos resultados no contexto das questões de partida.

No quarto e último capítulo desta dissertação é feita uma síntese final, apresentando as conclusões em resposta aos objetivos e questões da investigação, bem como recomendações,

na expectativa de que algumas tradições natalícias, de que a literatura se foi fazendo agente modalizador, possam ser aproveitadas para fins turísticos.

3. *Corpus Escolhido*

A Literatura Madeirense conta hoje com uma bibliografia significativa, particularmente na poesia, contudo a aplicação do termo à literatura produzida na Madeira continua a suscitar dúvidas sobre a sua existência, inclusive entre os escritores locais. No I Encontro Regional de Escritores, realizado no Funchal em 1989, nomes como o de Irene Lucília, Carlos Nogueira Fino e o escritor João Dionísio abordaram esta temática. Tendo em conta Dalila Teles Veras, Augustina Bessa Luís era defensora de que a “Madeira tem plantações de romance como bananais e vinha jaquet. É um nunca mais acabar de personagens, situações, vidas e histórias que não se entende o silêncio das letras acerca delas”⁴ aproveitando a própria Lucília por acrescentar que “Tudo está ali. A obra feita. A ilha viva, autêntica deslumbrante e mágica, obsessiva e dominadora, não precisa de ser recriada por mecanismos de ficção. Por si só, em corpo real ela basta à paixão, preenche os escaninhos do prazer, avassala até à saturação e ao confrangimento”⁵.

Porém Teles Veras afirma que o poeta Carlos Fino, mesmo sem ter origem na Madeira, assumiu a sua insularidade e por conseguinte os seus resultados literários:

“O que somos desenha-se do mar a sulcos íngremes: um canto chão perante a majestade antiga dos navios; uma impressão de asas vagarosas sobre o céu do silêncio; (...) Aqui nascemos, ou aqui chegamos, com raízes precárias. Elas se encarregam de crescer por nós em busca do que somos. Deixai crescer, portanto, o chão de onde brotamos, universal pela razão das árvores, até fazer-se a voz que nos revela.”⁶

Já, segundo a mesma fonte, João Dionísio vai mais além na sua abordagem acerca desta temática, afirmando que a literatura tem início na região quando se dá a consagração constitucional da Autonomia, ou seja quando a Madeira passa a ser conhecida como Região Autónoma. Segundo o mesmo, anteriormente a este acontecimento a literatura da Madeira pertencia à literatura portuguesa:

“ A literatura madeirense ou da Madeira pertence à literatura portuguesa, como qualquer outra literatura

⁴ Disponível em: <http://www.dalila.telesveras.nom.br/palestrasdalilatesveras12.htm>

⁵ *Ibidem*

⁶ *Ibidem*

escrita por portugueses. (...) Podemos dizer, agora, que somos a outra gente da literatura portuguesa, com os nossos amores e desamores, mas, sobretudo, com a nossa realidade. Somos a outra gente para sermos a mesma gente da literatura portuguesa. Mas, com uma diferença em relação aos nossos antepassados: eles tiveram a Independência, nós temos a Autonomia. O que significa: somos da literatura portuguesa e somos uma literatura da língua portuguesa. Trazemos, portanto, para a História da Literatura Portuguesa a nossa diferença económica, social e política, isto é, um ponto de vista literário sobre as estruturas. E, ao enriquecermos a História da Literatura Portuguesa enriquecemos, também, a outra vertente: a História da Literatura de Língua Portuguesa. Em resumo: a partir da data e do fato autonómico, começamos a construir a História da Literatura Madeirense.”⁷

A insularidade bem como os fatores geográficos e culturais dão aos madeirenses uma cultura muito própria que os diferencia dos demais portugueses, tanto na visão em geral que têm do mundo como na sua forma de ser e estar transmitindo essas particularidades na sua literatura.

Entre os escritores não existe um consenso sobre a existência de uma literatura literária, o mesmo resultado foi tido por um estudo recente realizado na Universidade da Madeira intitulado “Distribuição de uma “Biblioteca Essencial de Literatura Madeirense” pelas escolas da RAM: legitimidade ou arbitrariedade curricular?”. Neste estudo foram levantadas questões sobre a definição de literatura, a qualidade da mesma e por fim se existia ou não uma literatura Madeirense. As respostas divergiram, porém, a conclusão obtida é que “Entre os inquiridos não há consenso sobre a existência de uma literatura madeirense, e não será pela via da decisão política que ela passará a existir, ou não, como literatura. Como é evidente, as literaturas são construídas pelos povos, através dos escritores, à margem da decisão política, ainda que possam existir obras literárias empenhadas politicamente que fazem parte das várias literaturas”⁸.

Ao longo deste estudo irão ser aplicados e analisados alguns, textos literários e ensaísticos madeirenses que contribuirão para encontrar respostas para as questões colocadas no início da presente dissertação.

A coletânea de poemas “O Natal na Voz dos Poetas Madeirenses” é uma das obras principais utilizadas para a investigação, porque contém poemas dos mais variados autores madeirenses, como é o caso do Santos Baptista e do Adriano Filipe de Freitas, que abordam o tema em questão. Para além da coletânea acima referida, José António Gonçalves publicou ainda a obra “Lembro-me desses Natais” utilizada também para a elaboração da presente

⁷ Ibidem

⁸ Disponível em: http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Lit_Mad_Trib.pdf- consultado a: 26/05/2017

dissertação. O principal motivo para a sua escolha passou pelo facto de repercutir todas as facetas do Natal Madeirense, começando pela representação do início de uma nova era (nascimento do Menino Jesus) até os excessos consumistas praticados na época.

William Henry Clode e M. Macedo Faria são também poetas madeirenses que representam, nas suas obras, o Natal vivido na Madeira. Esta escolha baseou-se na simplicidade com que manifestam o seu estado de alma relativamente ao espírito natalício e como o criticam relativamente ao que antigamente representava, demonstrando uma certa preocupação com o modo com que se o vive nos dias de hoje.

Horácio Bento de Gouveia foi também um autor importante para a elaboração deste estudo. Da Festa descreve os usos e costumes típicos, em momentos mais recuados ou mais próximos, como lemos em “O Natal na Cidade-Festa no Campo” e “Águas Mansas”. Nelas encontramos textos que remontam a anos passados bem como a atuais.

João Cabral do Nascimento, Victor Caires, Mauricio Fernandes, Lidio Araújo, João Correia e Pita Ferreira, são autores dotados de uma extraordinária versatilidade e sensibilidade que não podia ser ignorada aquando da elaboração da presente dissertação, pois representam nos seus textos a fé, os usos e costumes, os valores e as crenças de um povo peculiar que vive de forma própria e singular esta quadra natalícia.

Pelas razões anteriormente enumeradas, esta foi a escolha para o *corpus* literário desta dissertação de mestrado.

CAPÍTULO I - REPRESENTAÇÕES DO NATAL MADEIRENSE NA LITERATURA E NA CULTURA

1.1 Introdução

O presente capítulo dá a conhecer as tradições peculiares e os valores associados à quadra natalícia perceptíveis através de diferentes representações na Literatura madeirense existentes. Expomos, através de uma organização temporal, os rituais praticados pelos habitantes da ilha nesta quadra natalícia, indo desde a elaboração da lapinha até à celebração do dia de Reis.

1.2 Representações do Natal na Literatura Madeirense

A comemoração do Natal originou-se a partir da sua celebração litúrgica, pela qual adquire o seu grande sentido e pleno significado⁹.

Esta é a época mais festiva do ano na Ilha da Madeira e Horácio Bento de Gouveia, bem como outros escritores que iremos acompanhar nesta dissertação, retratam nos seus textos e poemas o Natal e as suas vivências, passadas e presentes. São muitos os sentimentos que esta época suscita, mas o Amor e a Saudade são os predominantes, bem como os valores: União, Família e Fé.

Atravessando séculos da história humana, esta deslumbrante visão, que é o Natal, adotado por tantas culturas, foi sendo modificada por certos elementos “estranhos”, que por vezes alteram o seu encanto natural comprometendo a sua identidade.

O consumismo, associado a uma maior oferta comercial, fez com que o Natal perdesse o seu brilho original, e por mais distintas que sejam as interpretações associadas a esta vivência, sem o seu significado litúrgico mais profundo, a celebração do Natal sofre um profundo esvaziamento.¹⁰

⁹ PESTANA, Antonino. *O Natal Madeirense Num auto de Gil Vicente*. Revista Das Artes e Da História da Madeira. Vol.V, nº3.1957

¹⁰ LIMA, Sidnei Fernandes. *O Mistério Pascal no Ciclo do Natal*. Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Teologia Sistemática, na área de concentração em liturgia, à comissão julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob a orientação do Pe. Valeriano Santos Costa. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo. 2008. p.15

Atualmente esta festividade superou as fronteiras do cristianismo, ganhando espaço no mundo secular como mais uma forma de consumo e, só depois, algum convívio e comunhão entre famílias.

O poema de M. Macedo Faria leva-nos a ter uma visão menos realista da humanidade, onde o egocentrismo é menor e a preocupação pelo que nos rodeia é real. O Natal devia fazer florescer o sentimento de entre-ajuda. Para a poeta não existirá melhor Natal que aquele em que o nosso ser não seja movido pelo egoísmo e pelo desrespeito ao próximo, contrariamente àquilo a que se assiste na realidade:

“Natal se comemora/ todos os anos neste mundo/ esquece-se quem de dor chora/ neste pântano imundo. / Embriaga-se com vinho/ vive-se com ilusões/ desvia-se do caminho/ e destroça-se corações. / Enquanto se come o peru/ julgando que assim é viver/ esquece-se quem anda nu/ quem não tem o que comer.”¹¹

A falta de fé é também um tema abordado pelo poeta, aproveitando com isto para demonstrar o seu próprio louvor a Cristo, apelando a que se mantenha no pensamento e no coração a humildade e o desapego material que Ele nos mostrou: “Banqueteia-se o corpo/ esquecendo do espírito, /o direito poma-lo torto/ esquece-se Jesus Cristo, / que tão pobre foi nascer/ para exemplo ao mundo dar/ rei que luxo não quis ter/ e em manjedoura se foi humilhar.”¹²

Para finalizar, a poeta acaba por transmitir ao leitor as bases necessárias para que este sinta o verdadeiro Natal. A compaixão, a fé, o perdão são exemplos do que é fundamental para usufruir desta época natalícia na sua totalidade:

“(…) aquele órfão que rejeitas/ poderia ser filho teu/ estende-lhe as tuas mãos abertas, dá-lhe do que Deus te deu. (...) Luta, medita e semeia amor, / procura em toda a Terra/ afugentar a dor/ esquece o presente, o futuro e o passado/ relembra apenas/ o Rei do coração imaculado. /Quando dominares teus instintos (...) poderás dizer afinal/ a qualquer hora do dia/ agora sim, é Natal.”¹³

A forma como esta época é vista pelo povo madeirense modificou-se no tempo e no espaço na medida em que, com o decorrer dos anos o Natal é, agora, vivenciado de forma diferente,

¹¹ FARIA, M. Macedo. *NATAL*, Jornal da Madeira, I caderno, Quarta-feira, 25 de Dezembro de 1996

¹² *Ibidem*

¹³ *Ibidem*

os costumes tendem a ser esquecidos, principalmente pela alteração do modo de vida bem como o relacionamento social dos madeirenses, a fé já não é a mesma, e a era do consumismo apodera-se cada vez mais do ser humano, contudo ainda é possível encontrar algumas famílias que possuem um forte compromisso em manter os típicos usos e costumes do Natal, pois acreditam que a tradição é o seu suporte.¹⁴

O consumismo veio fazer com que o Natal perdesse o seu encanto, este deslumbramento vai-se desvanecendo com a aquisição quotidiana do brinquedo, pois se regredirmos no tempo, há cerca de trinta anos, o desejo do brinquedo, da roupa nova e até mesmo de uma comida melhor era apenas satisfeito pela altura da “Festa”, enquanto nos tempos que correm estes objetos são oferecidos pelos pais a qualquer altura do ano. Não significa que esta quadra da “Festa” madeirense perdesse o fascínio que faz delirar a imaginação da criança com as lapinhas ou rochinhas, esses aspetos mantêm-se e provavelmente irão ser conservados na alma cristã dos mais pequenos, mas se ligarmos os brinquedos ao presépio, que outrora eram uma bênção daquela época, chegamos hoje, à realidade, e apercebemo-nos de que aquela fé que outrora as crianças sentiam já se vai perdendo.¹⁵

No passado, esta problemática não existia devido à fraca economia do país. Maurício Fernandes, com a sua crónica intitulada *cidade no Natal*¹⁶, acaba por expressar o sentimento de pobreza, tristeza e de sacrifício que se vivia na altura. Os camponeses aproveitavam a época natalícia para se dirigir à cidade de modo a poder vender alguns dos seus produtos agrícolas com o intuito de reunir um dinheiro “extra” que, para além de ser escasso, era conseguido através de um trabalho árduo. As crianças vindas do campo sonhavam com os brinquedos, que as da cidade recebiam por esta altura. Olhavam as lojas e vinha-lhes o desejo de possuir o que não tinham.

Esta visão acerca do contraste entre cidade/campo é também retratada na obra “Em Casa da Avó na Ilha da Madeira”, da autoria de Maria Francisca Teresa pseudónimo da autora madeirense Laura Veridiana de Castro e Almeida Soares, onde se descreve de forma sucinta o Natal de outrora, sendo significativa a importância que este tinha para as crianças. O referido livro baseia-se nos costumes do Funchal e nas suas tradições natalícias, muitos deles hoje já

¹⁴ VERISSIMO, Nelson, *Natal Madeirense*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2007.

¹⁵ GOUVEIA, Horácio Bento de, *A Criança e o Desencanto do Natal*. Diário de Notícias, Funchal. 6 Dezembro 1970

¹⁶ FERNANDES, Mauricio. *da cidade no Natal*. Margem 2, n°10, Dezembro 1998, Funchal.pp.3-4.

esquecidos. Passam pelos nossos olhos os costumes do povo madeirense de outrora, tradições como o trazer de flores e ramagens típicas da época por camponeses que aproveitavam a época natalícia para se dirigir até à cidade onde venderiam os seus produtos. Eram dias que a população rural, vinda à cidade, tomava como férias: predominava o descanso, a alegria, o convívio e, sem dúvida, uma alimentação copiosa:

“Na véspera de Natal, de manhã muito cedo, há uma animação desusada nas ruas mais centrais da cidade do Funchal. Vêm dos campos, das montanhas mais próximas, homens, mulheres e crianças trazendo mólhos de alegre-campo, ramos de cedro, de pinheiro de prata, cestos a transbordarem de flôres, de fétos- cabrinhas- de fruta, de legumes, que todos tratam cuidadosamente para venderem naquêle dia (...) alegria infantil dos camponêzes e das crianças por terem, enfim, chegado a essa festa do Natal que eles chamam, simplesmente, a Festa, e que para êles representa uns dias de descanso, de férias, de boa alimentação, de guloseimas, de descantes e jógos aos serões, em frente da Lapinha, onde adoram o Menino Jesus...”¹⁷

Tanto na cidade como no campo o termo *Festa* ainda é utilizado especialmente nos meios populares, mas com o desenvolvimento dos meios de comunicação, ele tem sido preterido em favor de *Natal*. Os dias que dão origem a esta celebração motivam o afeiçoamento à tradição, aos usos e costumes típicos do povo madeirense, como o armar da árvore de Natal e a elaboração da “lapinha”, que mais à frente irá ser explicada e comparada ao conhecido “presépio”.

As crónicas, reunidas na obra de Gouveia (2001) “O Natal na Cidade - a Festa no Campo”, abordam esta época natalícia, dando ênfase ao termo *festa*, muitas vezes utilizado pelo autor quando se refere ao Natal, mais precisamente ao período alargado que na Madeira começa pelo dia em que ocorreu o Nascimento de Jesus até aos primeiros dias de Janeiro. Horácio Bento esclarece na sua crónica, intitulada “Natal de Ausência”, o uso paralelo dos termos Festa e Natal:

“(...) o primeiro resume os rituais rurais e ancestrais e o segundo abarca as novas influências civilizacionais, nomeadamente as luzes e os brinquedos e restantes distrações. Segundo ele, embora a palavra Natal ainda não seja usada massivamente na ilha, com o tempo previa-se o seu incremento no linguajar madeirense: A palavra Natal posto que inda não entrasse em uso, não seja termo comum, não

¹⁷ SILVA, M.^a Margarida Macedo, *Natal*, Educação Permanente-4, 1998, pp. 83

se generalizasse, já pretende substituir a Festa, mormente na convivência da gente grada e mais letrada com a privança dos jornais e senhores de tornaviagem, naturais da cidade e seus arredores.”¹⁸

O escritor refere de forma convicta que a Festa, com todas as suas unicidades, é a mais profunda celebração do ilhéu, não pretendendo com isto afirmar que Horácio Bento desgoste dos outros rituais que foram formados em volta desta temática e que concederam visibilidade à ilha. O cronista faz inclusive, numa das suas crónicas, um amplo enaltecimento ao fogo-de-artifício que todos os anos convida milhares de sujeitos ao Funchal e zonas limítrofes:

“O cenário dos quinze minutos de fogo no Funchal, é, sem dúvida patético, petrificante. Vive-se, nesse curto espaço de tempo, uma das maiores maravilhas do mundo. É a topografia do relevo que circuntorna a cidade a causa do encantamento da noite de S. Silvestre. Se não fora ela, por mais voltas que se desse à distribuição dos feixes de foguetes de cor, nunca teríamos o espectáculo grandiosíssimo e inédito do céu da nossa cidade se transfigurar em fantástica aurora boreal.”¹⁹

Esta obra é constituída por uma prosa feita de evocações de memória e de vivência pessoal e coletiva. O autor tanto pode demorar na descrição de uma “lapinha” como nas considerações acerca da prioridade do “presépio” ou da árvore de Natal. Opta também por desenvolver uma narração pitoresca, de recorte urbano (recorda-se de um Natal que passou em Lisboa e retrata-o no texto “O Natal é isto mesmo”), como também escreve com um certo entusiasmo regional (“Lapinhas e Pastores”, “Trinta Anos Depois”).

O Natal nesta coletânea de crónicas é apreciado no seu significado maior, como é visível nos textos “Natal de Jesus” ou “Passou o Natal”, como também na sua perspectiva histórica, tendo como exemplos os textos “O Natal e o desencanto das crianças” ou o “Natal sem luzes”, ou ainda no seu enquadramento literário, aludindo a textos de outros autores que intensificam os sentimentos, como é o caso de “O Sineiro de Santa Ágata”, de Fialho de Almeida.

Para Bento de Gouveia, o Natal era vivido na Madeira como em nenhuma outra parte, as cores, a fé, as luzes, todos aqueles sentimentos peculiares do Natal eram vistos como momentos em que a devoção religiosa florescia e se expandia em forma de alegria e festividade. Para além de ser uma época relevante na ilha, com os seus costumes, colorações, musicalidades e

¹⁸ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. O Natal na cidade: a festa no campo. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. pp.47

¹⁹ SOARES, Maria de Fátima Gouveia, (2011), “Festas da Cidade”, *Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia)*, Braga, p. 99.

contentamento, é também por esta época que é apresentado aos turistas a diferença que existe acerca do natal na Madeira face a outros destinos. A quadra natalícia pode ser vista como uma exibição das crenças e personalidades do povo madeirense e Horácio Bento de Gouveia, ao redigir acerca do Natal, está ainda a enaltecer esta mesma identidade:

“Na verdade, onde se comemorará, com a espontaneidade que é peculiar ao madeirense, a Festa de Jesus? Em parte alguma dos cinco continentes existe, por certo, esta exteriorização de sentimento religioso, esta expansão de alegria desbordante que a rua oferece aos nossos olhos deslumbrados.”²⁰

Esta é uma obra de testemunho que nos relata na primeira pessoa certas experiências, tradições e sentimentos vividos no Natal. De Horácio Bento de Gouveia, diz João David Pinto Correia, que acentua a combinação entre poesia e a realidade trazida às crónicas através das diversas sensações²¹:

“E acrescento que a escrita valoriza as sensações várias e intensas, mormente as visuais e auditivas: “As cores, as formas, os sons, tudo que traduzia vida já vivida, manifestava a sua presença numa inquietadora obsessão, gosto amargo que tanto me concitava a esta atitude contemplativa, de visão interior, sonho e desespero”, diz Bento de Gouveia em “Natal de ausência”, quando evoca de longe a sua Festa da Ilha. E sobretudo os sons, segundo o mesmo texto: “Os morteiros e os foguetões. A estrela da manhã a boiar no céu escuro. As bombas a estalarem pelas azinhagas. O som de gaitas, pifes e harmónios a reboar pelas montanhas fora, como se elas sonhassem alto seu noivado com os titãs. O bramir do mar raivoso. O repique de sino que enchia a noite”.²²

É ainda o mesmo autor que acrescenta que as crónicas de Gouveia são de certo modo, complementares de outras recolhas, pois:

“Ilustram com vivência, exemplificando a perspectiva do próprio natural do campo e, ao mesmo tempo, conhecedor da cidade, com ênfase lírica e com envolvimento participante, tornando-se em comovente testemunho único pelo grau estético da tradição (ou tradições) que se vai perdendo, pelo

²⁰ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade- a Festa no Campo*, Região Autónoma da Madeira, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 2001, pp.13

²¹ CORREIA, João David Pinto, *Acerca da Festa/Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia*, *Islenha* (30), Jan.-Jun. 2002, pp. 137-143

²² CORREIA, João David Pinto, *Acerca da Festa/Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia*, *Islenha* (30), Jan.-Jun. 2002, pp. 137-143.

menos na sua pureza de há decénios, ou se vai deslustrando, modificando, mercê da substituição ou adiamento de outros elementos que estão traindo as origens.”²³

O Natal na Cidade – Festa no Campo encontra-se ligado ao excesso de consumo e à grande movimentação de pessoas em busca da árvore de natal e dos adornos do presépio. Há ainda uma preferência pelo simples, pela religião, família, igreja, e pela sua preparação, com as Missas do Parto, até à armação da escadinha do Menino Jesus.

Esta crónica, mais precisamente no âmbito etnográfico, é produtiva no louvor das festas religiosas essenciais da ilha, assim sendo a “Festa”, ou seja, o Natal, foi a mais referida pelo cronista. Por não ter dúvidas em relação às suas singularidades, Horácio Bento de Gouveia faz questão de distinguir a quadra natalícia com textos alusivos à grande “Festa”. Na crónica intitulada “Natal”, o autor destaca a particularidade desta quadra na região:

“Celebra-se, em todo orbe cristão, o nascimento de Jesus. Mas, se em todo o mundo as festas litúrgicas comemoram a quadra da vinda de Deus-Menino, na Madeira, a par das cerimónias religiosas, um culto profano desborda, vivíssimo, da alma de toda a gente. O qual culto se exterioriza nas «lapinhas», no estoirar das bombas, na música e nas luzes.”²⁴

Posto isto, podemos afirmar que os constituintes pagãos da quadra, como a “lapinha” e a música são, no compreender do autor, dois elementos exclusivos da Madeira. Horácio Bento além de reconhecer que as ilhas ao serem destinos insulares são “mais conservadoras de costumes e tradições” expressa também algum desagrado pela intromissão de novos costumes que propendem a extinguir os antigos usos natalícios:

“Certa vez, por noite, saíram em terra, no mês de Dezembro, o pai Natal e a árvore de Natal. A novidade foi recebida dos funchalenses que nela ficaram embelezados. E cegos, vá de profanar a «lapinha» com a árvore inexpressiva, vá de insinuar e criar na imaginação dos pequenos a ideia do pai Noel.”²⁵

²³ CORREIA, João David Pinto, *Acerca da Festa/ do Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia*, Islenha nº30, 2002, pp. 16

²⁴ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. Natal. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. pp.19

²⁵ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. Natal. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. pp.20

Apesar de em outros círculos identitários o autor ter sido recetivo aos efeitos do universalismo, notei que, no que respeita ao Natal, o cronista é mais recolhido. Para este, a ilha deveria conservar e manter-se leal à lapinha e à rochinha e pôr de lado as novas representações pagãs e mercantis, como é o exemplo do Pai Natal e do Pinheiro:

“Para nós, madeirenses, estas inovações são uma afronta ao nosso sentimento religioso. / Armemos a lapinha, coloquemos uma rochinha sobre a mesa, construamos o presépio e esbulhemos para longe a árvore que não é nossa, que não faz parte da nossa tradição. E quanto ao velho barbaçudo remetamolo para as regiões do sol da meia-noite.”²⁶

O autor denota um particular respeito por esta época que, aliás, é provado na crónica “Natal de Ausência”. Revivendo a temporada em que estudava na Universidade em Lisboa, narra o que atentou do dissimulado meio natalício da capital portuguesa, num ano em que se encontrou incapacitado de regressar à ilha, e demonstra toda a melancolia que tivera do Natal madeirense: “a festa, a verdadeira Festa, superior a todas que Lisboa celebrava em suas casas, passava-se na ilha e eu vivia na ausência dela, a reconstituição consciente de sensações que iam criando o fundo da minha vida emotiva”.

Logo, com esta afirmação de nostalgia, o cronista exhibe a relevância que a época natalícia tem na vida do povo madeirense. Neste momento, todos os cantos da ilha da Madeira abrigam a comemoração do Natal, assumindo-se assim, o mês de Dezembro como o mais festivo do ano. Durante os excedentes meses do ano vão-se vagarosamente compondo os preparativos para o mês da Festa e, aliás, esta altura é muitas vezes usada como sugestão temporal, como esclarece Horácio Bento:

“No campo e na cidade, passado o dia de Reis, já se pensa na Festa que há-de vir, já se fazem projectos: — Para a Festa, quem lá chegar... — Para a Festa terás o que prometi! — Mãe, quando se compra o porquinho para Festa? — E a lapinha, mãe? Vai-se guardar o Menino Jesus.... — Sim, agora para a Festa.... E o ano tem a Festa como fundamento de marcação do tempo: — Faz 5 anos para a Festa; foi 1 mês depois da Festa; faz dois anos, 3 meses antes da Festa. E a Festa é a principal coluna da memória para assinalar o tempo.”²⁷

²⁶ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. Natal de Ausência. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. pp.21

²⁷ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. O Natal na cidade: a festa no campo. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. pp.47/48

Como muitas vezes evocado por Gouveia (2001) aquando a palavra Natal o sentimento de Saudade surge e para quem passa esta época festiva longe de casa o sentimento é muito intenso, tal como é possível presenciar em várias obras ou textos que retratam o Natal madeirense.

Este tema é também retratado em *Águas Mansas*, que descreve este tão conhecido sentimento de inúmeros estudantes que passam pela experiência de estarem afastados da sua terra natal nesta altura do ano:

“Mas o Natal vivia em mim e na lonjura. Vivia no sentimento de ausência que me esporeava a memória para ir exumando vestígios de sensações que não sendo vida faziam parte dela. A distância imprimia um colorido à lembrança do que já tinha sido e não tornava a ser. Embora. Um elo inquebrável prendia-me a um passado próximo.”²⁸

A Magia do Natal não é a mesma longe de casa, da família, dos amigos e das tradições, tudo parece perder o encanto. A solidão apodera-se do corpo. Apesar de nesse momento existirem inúmeras pessoas em seu redor nada parece funcionar, fazendo com que o sujeito acabe por divagar nos seus mais profundos pensamentos, submergindo nas lembranças do que outrora teve Gouveia (1963):

“Véspera de Natal... Não vivo a magia da cidade, dos pinheiros que enfatizam a pupila desvairada da criança, com os brinquedos pendentes dos ramos. Olho as pequenas árvores, mas penso nas «lapinhas» em degraus e nas «rochas» que se expõem até nas casas mais pobres das Lombadas...”²⁹.

Também em crónicas publicadas no *Jornal da Madeira*, este mesmo autor relembra os seus anos de Universidade, mais precisamente na altura do ano que estamos a analisar, como sendo um período de «exílio voluntário», isto porque foi por sua própria vontade que não viajou até casa no Natal. O sentimento de arrependimento juntou-se ao da saudade a partir do momento em que assistiu à partida do pacote que o poderia ter levado à Madeira. Naquele momento e nos que daí advieram a Festa parecia não existir. A tristeza misturada com o arrependimento pela opção tomada fez com que, novamente, se criasse uma viagem pelas memórias natalícias, aquelas que irão perdurar por longos anos, Gouveia (1955):

²⁸ GOUVEIA, Horácio Bento de, *Águas Mansas*. Coimbra: Coimbra Editora. 1963. Pp. 191-194

²⁹ *Ibidem*.

“O tempo, dentro de mim, era calendário que assinalava os meses e os dias, era relógio que não só apontava as horas em mostrador luminoso, mas as anunciava com timbre doce. A lembrança dos natais da freguesia aguilhoou meu espírito. Bruxedo passional tirou-me para a cisma. E deixei-me transportar...”³⁰.

Uma conclusão pertinente que este autor tirou de todos aqueles anos em que esteve longe dos seus familiares, e das suas tradições, nesta altura de Natal passou por ser um entendimento, de um modo um tanto quanto doloroso, de que a «festa» verdadeira, vivia no tempo e não no espaço. Para o sujeito, o espaço que o rodeava não contava “porque este, onde eu vinha experimentado as sensações presentes, só me proporcionava a necessidade de entrar na vida truculenta criada pelo homem”³¹. Contudo o outro espaço “compartia do mundo de uma infância que agora residia no tempo, o tempo vivente dentro de mim, a única realidade conscientemente sentida”³². No fundo, para o autor, nesta fase da sua vida, o “Natal foi o que passou, é o que vive no tempo e terá a duração da própria vida”³³.

A saudade é um sentimento que impera em muitos corações nesta altura do ano, William Henry Clode foi também um autor madeirense que abordou esta temática nos seus poemas. Por vezes, nos momentos de solidão e meditação resultam os mais sentidos versos. O poeta nas suas mais marcadas situações decidiu registar, numa obra intitulada *Versos e Reversos*, os seus episódios de vida através de poemas, dedicando um espaço à temática estudada.

Criando uma ligação entre a Família, o Amor e o Natal, Clode acaba por nos oferecer de certa forma as emoções propícias para alcançar uma Festa feliz. Quando um desses sentimentos/emoções estão em falta, o Natal perde a magia e o seu significado, resultando a saudade do que outrora foi:

“Quando penso em amor,
tenho em mente o ideal,
que faz encarecer a dor

³⁰ Jornal da Madeira, Funchal. 25 Dezembro. 1955

³¹ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. O Natal é isto mesmo. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. Pp. 30

³² GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. O Natal é isto mesmo. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. Pp. 30

³³ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. O Natal é isto mesmo. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. Pp. 31

da saudade do Natal.

Quando penso em Natal,
não consigo, nunca, opor,
o nascer, o viver, o real
sentimento do amor”³⁴

“Natal é festa de família,
Natal é a família em festa,
Natal sem amor não tem família
Amor sem Natal não tem festa”³⁵

Existe também, por parte do poeta, uma comparação entre o Natal da Madeira com o do Continente, insinuando que a experiência vivida de natais lisboetas foi de solidão e de pouco humanitarismo, contrariando a imagem insular da fé e da solidariedade. Está presente, também, uma oposição entre a Festa/ Natal de antigamente e do presente. O passado da carência é mais devoto e puro, este é exaltado perante o Presente de abundância, superficial, falso e consumista.

Esta discrepância entre o antes/ e agora foi também referida pelo autor José António Gonçalves na sua obra “Lembro-me desses Natais”. A visão do poeta é variada, visto que se exhibe de forma irónica, e de certa forma contraditória. Estas características são visíveis no poema *Lembro-me desses Natais*, onde existe uma regressão a um passado feliz/infeliz.

“Lembro-me às vezes dessa apetência pelos natais
de antigamente ou seja
das horas por esperar junto à lareira apagada por não haver lareira
onde um sapato gasto fazia de meia nova dando as boas vindas
a um velho de barbas brancas escondido no bolso
pobre da mãe ou da irmã (...)
Subir ao Pico da Cruz em romaria de rajões e castanholas
mastigando broas caseiras entre um despique de quadra inconclusiva
parando de vez em quando para apreciar a maravilha das luzes”³⁶

³⁴ CLODE, William Henry, *Versos e Reversos*, Lisboa 2010, pp. 15

³⁵ CLODE, William Henry, *Versos e Reversos*, Lisboa 2010, pp. 15

³⁶ GONÇALVES, José António, *Lembro-me desses Natais*, Funchal 2000, pp.20/21

Pela sua relevância e significado, o Natal, ou a chamada festa, tem justificado estudos parcelares, como as obras etnográficas, recolhidas de músicas e literatura tradicional, ou monográficos (como de Manuel Juvenal Ferreira Pita Ferreira).

Também Pita Ferreira, com o seu estudo etnográfico, atravessa as várias etapas do Natal, com algumas notas sobre o seu significado, expondo situações, costumes, músicas e textos.

O “Natal na Madeira” percorre os vários momentos da época, expondo as situações vividas, os costumes, as letras dos cânticos e ainda algumas receitas para uma mesa farta em pratos/doçarias típicas da gastronomia Madeirense, e “Fá-lo com a competência do espírito atento e a preparação própria de etnógrafo, mas com sensibilidade e sem marcas de especialização tecnocrática”.³⁷

Tal como Horácio Bento de Gouveia, também Pita Ferreira é defensor da ideia de que o Natal passado na Madeira tem um encanto especial, único no mundo, refere ainda que este dia está repleto de costumes e tradições, que dão vida ao povo da Madeira. Tendo em conta que o madeirense é um povo de usos, costumes e crenças, não se satisfaz unicamente com a reunião familiar que se realiza neste dia, este foi mais além e enriqueceu este dia com um folclore cristão, repleto de piedade e beleza, que muito honra a própria fé. Aqui insere-se o *Auto de Natal*, realizado a 25 de Dezembro às 00:00 horas, onde é representado o Nascimento de Cristo. O autor refere que:

“Na Madeira, os dias de Natal, com suas festas e folguedos, são dias passados em união com Deus. Neles, anda bem presente no espírito de todos o nascimento de Cristo, a sua pobreza e amor pela humanidade. (...) No dia de Natal, até mesmo os que têm pouca fé assistem à missa. Vêm recordar os mortos e ausentes; pedir a Deus um Natal feliz e continuar uma tradição de família.”³⁸

Esta época natalícia é a Festa por excelência, uma altura que transmite diversos sentimentos, lembranças e desejos. Normalmente, e como tem sido relatado por autores anteriores, é passado em família, com uma mesa recheada, e uma árvore de Natal, juntamente com um presépio, a enfeitar a sala. Contudo, existem Natais diferentes. Na obra *Aragens da Madeira*, o autor Victor Moreira de Caires relata uma forma de passar pelo Natal um tanto

³⁷ CORREIA, João David Pinto, *Acerca da Festa/Do Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia*, Islenha nº30, 2002, p.142

³⁸ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira- Estudo Folclórico*, 2ª Edição, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 213

díspar daquela a que estamos habituados, porém o sentimento existente é o mesmo: o da saudade da família.

“A refeição decorreu animada e, segundo Almada, Natal é sempre Natal e, longe da família, a pessoa sente mais. Assim com cascas de lapas, caramujos e umas pedras pequenas, Almada começou a construir um PRESEPIO, indicando ao iatista visitante que era NATAL... FAMÍLIA (...) Na quadra natalícia, em especial, quando olhamos para o Sul, relembramos aquele Natal que nos descreveu Almada, o “Imperador das Selvagens” que, à sua maneira, como podia e sabia, comemorava a data com os elementos decorativos e alusivos de que podia dispor, proporcionando uma “lapinha” diferente mas que, mesmo assim, até fazia compreender os iatistas estrangeiros o que era a Festa nestas paragens.”³⁹

Outro Natal distinto foi-nos retratado pelo autor Bento de Gouveia que regride até à Festa de 1916 e de 1917, aquando da primeira Grande Guerra. Na população madeirense surgiram emoções contrárias às habituais, nesta época do ano. Foi uma fase de sentimentos negros, de medos e de muita oração. A população encontrou na religião o escape do fantasma da guerra, Gouveia (2001):

“Contudo, estamos em afirmar que se o Natal às escuras, para a população urbana fez diminuir o poder figurativo, exteriorizador do sentimento que se expande e materializa, por outro lado robusteceu a fé como se a tornasse mais viva, mais consciente, mais constante.”⁴⁰

Com isto concluímos que apesar do lugar onde nos encontramos, mesmo de um jeito distinto, o Natal é um dia repleto de sentimento, em que o significado de Família e de Fé são os alicerces necessários para uma verdadeira Festa madeirense.

Para além de Bento Gouveia, William Henry Clode e Victor Maria de Caires, também M.^a Margarida Macedo Silva, com a sua obra *Natal*, aborda e analisa este tema. A obra de Silva (1998) é composta por quatro partes, sendo apenas três delas essenciais para esta dissertação: “Antologia do Natal”, “Encontros com a Região (Ciclo do Natal)” e por fim “Magda-Flor e o Natal”.

³⁹ CAIRES, Victor Maria de Caires, *Aragens da Madeira Histórias da Beira-Mar*, Editorial Correio da Madeira, Funchal, p. 157

⁴⁰ GOUVEIA, Horácio Bento de, *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. O Natal é isto mesmo. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001. Pp.63

É visível um encanto inato, na voz de poetas e investigadores, alguns antigos outros modernos, mas todos ligados a este espírito natalício que acaba por ser a quadra mais terna do ano. Este livro é formado por páginas de extrema sensibilidade, de pureza, fraternidade cristã e amor ao próximo.

A Antologia possui poemas alusivos aos pastores, distribuídos em diferentes épocas, como são o caso de Baltasar Dias, Francisco Álvares de Nóbrega, entre outros.

Encontros com a Região é uma compilação de programas radiofónicos realizados por Magda-Flor na Estação Rádio da Madeira, reproduzindo-se assim textos do Padre Pita Ferreira, de Eduardo Antonino Pestana, “Rochinha” e “O Natal Madeirense”, e também de Horácio Bento.

Por fim, estão presentes dezasseis poemas de Magda-Flor alusivos ao tema em estudo. Para conclusão do livro, Margarida Macedo Silva “oferece” ao leitor uma entrevista onde refere, secundando outros autores, que:

“Gostaria de ver preservadas as «Missas do Parto», as «Lapinhas» e a «Missa do Galo». Porque qualquer delas é o prolongamento do «Natal português», que nas ilhas permaneceu por mais tempo. Isto sem esquecermos os aspetos histórico-culturais que tais tradições implicam.”⁴¹

Enquanto para uns, como Horácio Bento de Gouveia, Pita Ferreira entre outros, o Natal na Madeira é sinónimo de Festa e Família, de coletividade, para outros é sinónimo de individualismo. Cada sujeito vive e sente esta época festiva de forma única e individual, ainda que de certa forma se encontre ligado à família, aos sentimentos e aos pensamentos, as vontades são únicas e próprias de cada um.

O individualismo é também abordado por João Cabral do Nascimento que discorre, na sua crónica, sobre um Natal que outrora se vivia na Madeira, aquele em que a vizinhança era família, aquele em que o povo se juntava e festejava em conjunto, hoje apenas lembranças, doces recordações que não passam disso. “Detenho-me à porta, indeciso. E digo de mim para mim: Para quê todo esse rumor, toda essa vertigem? Para que vos afadigais dessa maneira, incitando-me em vão? O meu Natal não é esse.”⁴² E tal como Bento de Gouveia, também Cabral do Nascimento SE QUESTIONA acerca do que torna o Natal na Madeira tão especial e distinto. Porém a sua visão é completamente oposta.

⁴¹ SILVA, M^a. Margarida Macedo, *Natal*, Educação Permanente, 1998, p. 138

⁴² *Ibidem*

“Por ser mais florido, mais tépido? Por ser aquecido por um sol que transluz entre nuvens, e embalado por um mar cor de pérola, que se move sem pressa, como um desdobrar lento de sucessivas folhas de estanho? Por ter festões de giestas e grinaldas verdes de alegre-campo, e fruta da flora tropical, e presépios de conjuntos anacrónicos? Por causa daquele silêncio de chumbo, soturno e opressivo, abafado e elástico, entrecortado aqui e além pelo rebentar dos petardos? Pela circunstância rara de toda a gente ficar de portas adentro, no dia principal, a gozar a sua festa num egoísmo quase feroz que parece excluir toda a ideia de comunicação com o exterior?”⁴³

Contudo afirma ainda que cada madeirense, antes da segunda metade do século XX criava o seu próprio natal, como que justificando o comportamento que anteriormente criticava, com isto demonstra uma certa contradição de pensamento.

“Contudo, na Madeira, o sentimento que ele gera é perfeitamente individualista. Cada pessoa tem o «seu» Natal, isto é, sente-o à sua maneira; e, comungando embora com os demais nessa euforia ecuménica, guarda no íntimo, para si apenas, recordações particulares, anseios próprios, saudades intransmissíveis, um mundo de coisas imponderáveis e inexplicáveis.”⁴⁴

O Natal é um tema abrangente que é abordado por inúmeros escritores/poetas, assim sendo não podemos deixar de fazer referência à Antologia *O Natal na voz dos Poetas Madeirenses*, sendo esta composta por poesia de Natal de origem madeirense, elaborada por vários poetas nascidos ou residentes na ilha. Procurar a essência do Natal, diante das diversas formas com as quais ele se apresenta na atualidade, tornou-se algo demasiadamente complexo, contudo muitos dos autores madeirenses não deixam de fazer referência a esta época.

Na antologia anteriormente referida apresentam-se versos que percorrem o tema com um profundo deslumbramento e entrega cristã, descrevendo os cenários desta época com um esplendor que não corresponde à realidade:

“Do céu baixando, uma luz
Ilumina, afaga e doura
A rústica manjedoura
Onde vai nascer Jesus.

⁴³ NASCIMENTO, João Cabral do, *O Natal de há trinta anos*. Das Artes e da História da Madeira. Nº4. 1950

⁴⁴ NASCIMENTO, João Cabral do, *O Natal Madeirense*, Eva, Dezembro 1947.

Hossana! Da Terra aos céus
Tudo vibra de alegria:
É mãe a Virgem Maria,
Por obra e graça de Deus!

Inocente, pequenino,
Filho de Deus, o Menino,
Será o nosso Redentor!

Vai, enfim - brandemos fundo! –
Implantar-se em todo o mundo
O reinado do Amor!”⁴⁵

Para além do fascínio pelo nascimento, e tudo aquilo que o envolve, presente no poema acima transcrito é também possível perceber uma evidente preocupação social em outros, como por exemplo o *Natal* de Adriano Filipe de Freitas:

“Natal! Natal! A noite clara e fria,
Vinha da Igreja o povo em multidão,
Buscando a casa e o tépido clarão
Da lareira ridente de alegria.

Vestida de farrapos e sombria,
Levando uma criança pela mão,
Ferindo os pés descalços pelo chão,
Após os mais, uma mulher saía.

É mãe e filho, sós, a tiritar,
Num velho pardieiro a desabar,
Abrigaram-se, enfim, sem pão, sem luz.

⁴⁵ BAPTISTA, Santos, *Jesus*, 1925, GONÇALVES, José António, *Natal na Voz dos Poetas Madeirenses*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, pp.20

Sobre palha, num canto, os dois deitados,
Naquela noite, assim abandonados,
Tiveram cama igual à de JESUS!”⁴⁶

O poeta retrata a solidão que pode existir num indivíduo rodeado por outros, demonstrando ainda que o desinteresse e despreocupação evidente da época resultaram em certos contrastes sociais. O conforto e falta dele são características evidenciadas pelo poeta para reforçar a ideia de individualidade. A humildade registada vai ao encontro do nascimento de Jesus, com Quem se faz uma analogia no final do poema. Por fim, constatou-se ainda que cada vez mais o lado altruísta da população madeirense está, tal como as tradições, a ser esquecido.

Estes são pequenos exemplos do conteúdo de uma obra extremamente rica em conhecimentos, acerca das tradições e rituais que o povo madeirense tem no mês de Dezembro, altura em que se comemora o Natal. Esta obra contribuí de certo modo, para o enriquecimento da Cultura madeirense relativamente à *Festa*, pois contém, para além da compilação de poemas, pequenas notas biográficas dos autores.

1.3 Rituais- Entre o Sagrado e o Profano

Entre o sagrado e o profano sobressai uma visão dualista, segundo Durkheim “o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum”⁴⁷ concluindo com se “existe religião tão logo o sagrado se distingue do profano.”⁴⁸ Posto isto, é considerado sagrado tudo o que está relacionado com a religião, os mitos e as crenças. O sagrado se expressa em qualquer religião, como uma realidade distinta da usual, ou seja, envia-nos para o anormal, o metafísico, já o profano remete-nos para o normal, biológico, natural, ou seja, tudo aquilo que acaba por não ser sagrado.

Relativamente à definição de sagrado, esta causa limitações, segundo Eliade (2004) o sagrado passa por ser uma hierofania, ou seja, uma demonstração de uma entidade sagrada, o que acarretaria a crença em Deus.

⁴⁶ FREITAS, Adriano Filipe de, *Natal*, GONÇALVES, José António, *Natal na Voz dos Poetas Madeirenses*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, 1942 p.20

⁴⁷ DURKHEIM, Èmile. *As formas elementares da vida religiosa*, Martins Fontes, São Paulo, 1996.p.51

⁴⁸ DURKHEIM, Èmile. *As formas elementares da vida religiosa*, Martins Fontes, São Paulo, 1996.p.150

1.3.1 Elaboração da Lapinha ou Presépio típico do Natal na Madeira

A armação da lapinha assenta em vários usos e costumes. O presépio ou a lapinha começa a construir-se com antecedência, semeiam-se as searas⁴⁹ e procuram-se as imagens que irão servir de pequenos figurantes no presépio. A lapinha é uma espécie de trono, construído com degraus em forma de pirâmide, que se cobrem com um pano branco e se decoram com frutos, estando no fundo uma lâmpada de azeite. Por fim, no topo deverá encontrar-se a imagem do Menino Jesus, de pé. O significado transmitido pela lapinha é profundamente cristão. Segundo Nuno Filipe, “A oferta de frutos da terra significa a homenagem ao Deus-Menino. Reconhece-se a sua soberania.”⁵⁰

Estas são uma parte importantíssima da tradição na Madeira. É o presépio do povo madeirense. Normalmente faziam-se as lapinhas na véspera do dia de Festa, atualmente fazem-se mais cedo. A Lapinha apresenta duas variantes: a *escadinha* (Anexo I) e a *rochinha* (Anexo II).

“A *escadinha* apresenta três lanços. Normalmente, é forrada com papel - «papel de ramagens» (...) e disposta sobre uma cómoda ou uma mesa, coberta com uma toalha de linho bordada. No topo da escada (ou trono), coloca-se a imagem do Menino Jesus, rodeada por um arco de flores de papel e ladeada por duas jarras com junquinhos ou sapatinhos. Nos outros degraus, apresentam-se *pastores* (figuras de presépio), frutos (laranjas, tangerinas, pêros, castanhas ainda nos ouriços, nozes...) e as *searinhas*. É habitual também colocar um pão (*brindeiro*) e uma lamparina de azeite. Na parede, afixa-se um galho de alegre-campo e sobre a cómoda ou mesa não faltam as tradicionais cabrinhas e uma jarra com ensaio.”⁵¹

A *escadinha* era protegida com um papel e com flores brancas, sendo este o símbolo da pureza, e posta em cima de uma cómoda ou mesmo de uma mesa, a conhecida mesa de presépio. A *escadinha* preenchia o centro e permanecia acostada à parede do fundo da sala, ou, em algumas situações, num quarto exclusivo para o presépio. Esta elaboração específica vai-se desvanecendo, para sermos mais concretos, está sendo substituída pela *rochinha* que, provavelmente por desenvolvimento semântico, adotou a denominação própria de lapinha,

⁴⁹ Searas- Cereais semeados e já nascidos, in <https://www.priberam.pt/DLPO/searas> [consultado em 10-10-2015]

⁵⁰ FILIPE, Nuno. O Natal Madeirense, Jornal da Madeira, Pedras Vivas, Domingo, 24 de dezembro de 1995

⁵¹ VERÍSSIMO, Nelson, *Natal Madeirense*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2007, pp. 82

devido à saliência da Ilha, e tendo em conta que «lapa» é um refúgio livre pela natureza, na rocha viva.

Assim, a lapinha começou a ter a forma de uma serra em miniatura, sendo feita de pedras, cobertas com papel pintado com “viochene” para lhe dar uma cor mais realista aproximada à das montanhas, o tão conhecido castanho. As pedras são postas de modo a se parecerem com os montes e vales. Esta montanha expõe a orografia⁵² da ilha, buscando representá-la de uma perspetiva mais pequena.

A rochinha é atualmente a mais usada, pois assemelha-se mais ao real e é assim descrita:

“(…) feita com papel pardo, pintado com viochene⁵³. Molda-se o papel em consonância com os volumes que esconde, imitando montanhas, vales, fajãs e uma gruta. Antigamente, utilizavam-se socas de canaveira para moldar o papel das rochinhas miniaturais, que se colocavam sobre mesas, arcas ou cómodas, mas hoje estão a cair em desuso. Armada a rochinha, colocam-se as figuras de presépio, casas e igrejas; fazem-se caminhos, lagos, riachos, cascatas e levadas; dependura-se o alegre-campo na parede; distribuem-se as searinhas, o azevinho, as mimosas, o ensaião, os sapatinhos e outras verduras. Por fim, colocam-se os frutos e o menino sobre a manjedoura. (...) Na rochinha, recria-se a paisagem da Ilha. Convivendo intimamente com Maria, José, os Anjos e o Cristo Menino, lá estão os ilhéus nas lides quotidianas do campo, da casa, do mercado e da oficina, folgando em romarias e arraiais, na matança do porco ou em amena cavaqueira, na procissão ou à volta do coreto”.⁵⁴

Formada a rochinha, são colocadas sobre esta as figuras tradicionais do presépio, bem como as verduras utilizadas para embelezamento. Para finalizar, dispõem-se os frutos e o menino Jesus na manjedoura. É descrita por Cabral do Nascimento uma rochinha situada na zona do Funchal da década de 1920:

“Das escarpas fluem águas de vidrilho, entre fetos e avencas naturais, e nos promontórios mais inacessíveis equilibram-se, por milagre, casas de papel com muitos andares e janelas de venezianas, e igrejas de altos campanários amarelos ou vermelhos. Por toda a parte, nos recôncavos da lapa, sobem e descem pastores e pastoras, em cujos ombros se ostentam cabazes com laranjas, anonas, maçãs, galinhas, patos e perus. Há peixes fora de água, indiferentes à circunstância de se encontrarem num

⁵² Estudo das nuances do relevo de uma região (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Orografia>- consultado a 06/06/2016

⁵³ Produto utilizado para escurecer madeira. Cf. Duarte Azevedo, *Não há Natal sem viochene*, Diário de Notícias, Revista, Funchal, 21 de Dezembro de 2008

⁵⁴ VERÍSSIMO, Nelson, *Natal Madeirense*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2007, pp. 82/83

elemento que não é o seu, e animais de climas antagónicos, reunidos com tanta naturalidade como se estivessem na própria arca de Noé. Em baixo, sobre a mesa, rodeando a toalha de linho, corre uma fila de searas dentro de xícaras – trigo, lentilha, centeio, milho, alpista; estão verdes e pujantes, mas as raízes, sem terra para se expandirem, já se entrelaçaram de tal modo que formam como que um bloco duro e redondo.”⁵⁵

Em suma, a Lapinha tem na vida dos madeirenses uma grande importância nesta época do Ano e, segundo Sarmiento (1951), sendo esta um “símbolo da paz, da redenção da humanidade”⁵⁶ tem que estar presente pois uma “casa sem presépio era casa onde não havia Natal”⁵⁷ indo ainda mais além Antonino Pestana revela “[...] a nossa lapinha, pejada de anacronismos, mas acidentada, policroma, alegre, viva, rica de verdura, farta de frutos, está certa; traduz a beleza da nossa terra e a alma da nossa gente”⁵⁸. Porém, José António Gonçalves traduz uma ideia um tanto diferente no seu poema intitulado Lapinha Madeirense. No poema o ser encontra conforto numa realidade reinventada pelos populares, “Lá fora há o agasalho a luz/ uns palmos de festa a sinfonia/ o tempo por fazer nas elegias”⁵⁹, demonstrando ainda uma certa tristeza por aquilo que é considerado a caracterização do nascimento de Jesus.

“Não se vê ninguém nos beirais das velhas
casas escuras de pedra viva e
mal iluminadas pelas candeias
expostas aos pés do presépio. Só.
(...)
Nas grutas castanhas de sombras frias
umas palhas gastas de outras eras
indicam o descanso do menino”⁶⁰

⁵⁵ NASCIMENTO, João Cabral do (1950). *O Natal de há trinta anos*. Das Artes e da História da Madeira, Funchal, n.º 4, pp. 26-27.

⁵⁶ SARMENTO (Tenente-Coronel), Alberto Artur. *Fasquias e Ripas da Madeira*, 2.ª edição, Funchal, Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1951. p.59

⁵⁷ ARAÚJO, Lídio, *A Festa*, O Liberal, Empresa de Artes Gráficas, Lda., Madeira, 2002, p. 31

⁵⁸ VERÍSSIMO, Nelson, *Natal Madeirense*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2007, p. 8

⁵⁹ GONÇALVES, José António. *Lembro-me desses Natais*. Funchal. 2000.p.46

⁶⁰ GONÇALVES, José António. *Lembro-me desses Natais*. Funchal. 2000.p.46

1.3.2 Matança do Porco

Para além da Lapinha/ Presépio, a Matança do Porco é dos costumes mais antigos do Arquipélago da Madeira. Conforme algumas investigações este ritual foi levado para o Arquipélago da Madeira por povos do norte de Portugal que se mudaram para estas ilhas aquando da sua colonização. Este ritual acontece nas vésperas do Natal, geralmente entre o dia 8, o dia da Imaculada Conceição e o dia 16 de Dezembro.

É uma das ocasiões mais significativas do Natal madeirense, sendo considerada uma imposição da Festa, por ser um costume típico que serve para a realização do prato de carne de vinho-e-alhos, ingerido com fatias de pão embebido no molho, ao almoço, no dia de Natal. A matança do porco acontecia, para algumas famílias, especialmente do Funchal, na alvorada do dia da Imaculada Conceição e para outras, mais propriamente as do interior da Ilha, no mesmo dia em que se celebrava a primeira “Missa do Parto”. Em tempos passados, a carne do porco caseiro e morto pelo Natal era o alimento da família ao longo de todo o ano, pois na Madeira, comia-se principalmente peixe por ser mais económico. Atualmente, este procedimento constitui o ensejo para a família e amigos se juntarem cumprindo em simultâneo a tradição.

Todas as frações do porco eram utilizadas para diversas refeições e de diferentes maneiras. Algumas permaneciam já condimentadas para a refeição do dia de Natal, pois, para além da carne de vinho-e-alhos que se ingere ao almoço, prepara-se ainda, com alguma antecedência, a carne assada para o jantar do referido dia. São ainda distribuídos pelos familiares, amigos e vizinhos algumas partes da carne. No interior da Ilha, o melhor pedaço era embalado numa toalhinha branca e era oferecido à casa paroquial⁶¹. O dia da matança concluía-se, já quase de madrugada, com cantigas típicas da época ou despiques, seguidos pelo rajão, pelo machete, ou pelo violino popular, conhecido, entre o povo madeirense, como rabeca, nutrindo a sensação de união entre os presentes. Como clarifica Eduardo Pereira, “é a única quadra do ano em que a alma popular vibra espontânea e dá largas a uma expansão natural”⁶².

Na Madeira e no Porto Santo, mais especificamente nas zonas rurais, a criação do gado suíno tomou uma relevância substancial no sustento das famílias. Tendo em conta que o processo de conservação ainda estava aquém do que atualmente se usa, a carne salgada e as banhas do porco tornaram-se, por imenso tempo, os principais produtos da alimentação comum do meio rural, visto que não necessitavam de muitos cuidados para se manterem conservados.

⁶¹ ARAÚJO, Lídio, *A Festa*, O Liberal, Empresa de Artes Gráficas, Lda., Madeira, 2002, p. 23

⁶² PEREIRA, Eduardo C. N. *As Ilhas de Zargo*, Vols. I e II, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1967. Pp.505.

1.3.3 Gastronomia Típica do Natal Madeirense

No dia da Imaculada Conceição, mais precisamente a 8 de Dezembro, as famílias reúnem-se por outro motivo além da matança do porco. Esta reunião acontece para iniciarem a confecção dos típicos bolos de mel, por norma feitos em grandes quantidades, bem como as broas de mel, as cavacas, os doces de coco e as rosquilhas, todos eles próprios da época natalícia. Durante toda esta preparação é também tradição comer um bolo de mel que restava do ano anterior. Estes costumes gastronómicos eram acompanhados de cânticos natalícios e integravam os preparativos para a Festa. Era também no dia da Imaculada Conceição, ou no domingo seguinte, que se preparavam os licores de fruta, como o de laranja, baunilha, morango, tangerina, maracujá, anis e o tão conhecido «tin-tan-tum» que, nas famílias tradicionais, incumbia aos homens.

“Nas casas, a limpeza a que se procede não exclui a própria caição das paredes; nos diversos arranjos que se seguem está implícita a substituição das cortinas das janelas e até a modernização dos estofos da mobília. Depois, passando das salas e dos quartos para a despensa e cozinha, vem em primeiro lugar a amassadura dos bolos de mel e a preparação dos licores, em especial de tangerina e amêndoas. Aquela representa uma das mais fortes tradições insulanas, e dir-se-ia inventada por um espírito faceto que porfiasse em misturar os ingredientes mais antagónicos, desde as especiarias – canela, pimenta, noz-moscada, cravinho – ao açúcar, à farinha, à manteiga, à banha. Há na sua confecção como que um ritual: depois de amassado, o bolo, com uma cruz desenhada a toda a sua altura e largura, fica a levedar durante três dias dentro de um alguidar, antes de ser cozido. E por mais estranho que isto se afigure, ninguém, ao comê-lo, terá dúvida em confessar que o acha muito bom.”⁶³

1.3.4 Missas do Parto

Tratando-se de uma prática centenária, as “Missa do Parto” continuam a ser uma das melhores manifestações de devoção popular e da cultura tradicional madeirense atualmente, formando um autêntico bem imaterial que está no suporte da identidade popular.

No primórdio do povoamento da ilha, verifica-se uma especial veneração à Virgem Maria, sob o título de Nossa Senhora da Conceição. Parece ser incontestável que a sociedade madeirense tem uma peculiar afeição à Mãe de Deus, visto que muitos crentes recorrem a ela por toda a Ilha, sob vários motivos. Como mencionam Gaspar Frutuoso e Henrique Henriques

⁶³ NASCIMENTO, João Cabral do, *O Natal de há trinta anos*. Das Artes e da História da Madeira. N.º4. 1950

de Noronha (ver Anexo III), as venerações à Virgem Maria são imensas, estas devoções são incentivadas pela Igreja de modo a que se obtenha a Sua proteção nas mais variadas situações.

Gaspar Frutuoso, em *Saudades da Terra*, refere que, em meados do ano de 1590, muitos foram os romeiros que se deslocaram aos festejos de Nossa Senhora do Faial ou da Piedade, aí se mantendo por um longo período, aproveitando para criar festejos com danças e melodias típicas, sendo isto em honra do prodígio da Sua aparição⁶⁴. Com isto dá-se uma aproximação a uma possível data de origem das comemorações das Missas do Parto.

Definir os limites entre o sagrado e o profano é deveras complexo, entre as demonstrações de crença e as condutas cristãs que, por tradição oral ou por pertinência mística, pública ou afetiva, se aproximaram de nós com especificidades referentes, criou-se assim uma mistura de diversas culturas. Na realidade, o povo da Madeira reflete distintas culturas e aculturações, porque para a Ilha afluíram colonizadores nativos do Minho, das Beiras, do Alentejo, do Algarve, e também castelhanos, andaluzes, galegos, flamengos, francos, bretões e até germanos e polacos. Identicamente, prisioneiros mouros, das Canárias e negros da Guiné.

Sem poder desagregar o religioso do profano, podemos então declarar que os dois se enlaçam. Assim sendo, o estado do ilhéu, residindo numa área exígua e limitada, submetido às intempéries do tempo e da Natureza, fez com que os habitantes madeirenses se tornassem hostis a domínios exteriores e a usos menos comuns, conduzindo-o à exaltação e aos costumes, afeiçoando-se de um modo particular à crença.

O Natal na Madeira está associado à peculiar afeição à Virgem Maria, seguindo os deveres litúrgicos deste período, um abastado folclore cristão, que cinge, tradicionalmente, atuações litúrgicas acerca do Natal, em formato de auto de natal, com cenários evangélicos sobre a origem de Jesus, os quais são assistidos pela sonoridade dos utensílios musicais típicos da região, tornando as igrejas uns autênticos palcos de atuações, tal como acontece nos costumes medievais. Esta forma de celebrar o Natal remonta ao Auto de Gil Vicente e ao “Baltasar Dias, escritor madeirense do tempo de D. João III, que escreveu um auto de natal intitulado *Auto do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*”⁶⁵, que transpõe o que vinha sendo criado pelo povo madeirense por toda a Ilha.

⁶⁴ Gaspar Frutuoso. *As Saudades da Terra*, Fac-Símile, por Álvaro Rodrigues Azevedo, Funchal, «Coleção Funchal 500Anos», 2007, pp. 99.

⁶⁵ FRANCO, José Eduardo. *Festa: Liturgia Natalícia Popular na Cultura Madeirense*, Actas do Colóquio Internacional, Piedade Popular Sociabilidades – Representações, Espiritualidades, Lisboa, Terramar, Centro de História da Cultura/História das Ideias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Dezembro de 1999, p. 342.

Em todas as paróquias da Ilha são, então, realizadas as chamadas novenas de preparações espirituais para o Natal, quadra mais alegre do ano, as quais são designadas por “Missas do Parto”. O povo madeirense dá pelo nome de “Missas do Parto” às “Novenas do Menino Jesus”, ou, mais precisamente, às comemorações litúrgicas com que a Igreja estrutura os seus seguidores para o nascer de Jesus, tendo estas início no dia 16 estendendo-se até o 24 de Dezembro.

São comemoradas pelo alvorecer, mais concretamente entre as cinco e as sete horas da manhã, tendo, muita afluência, pois mostram uma revelação exclusiva do povo madeirense. Esta tradição foi “introduzida pelos padres franciscanos, aquando da sua ação pastoral nos primórdios do povoamento do Arquipélago”⁶⁶. Esta realiza-se tão cedo para não aborrecer o esforço do dia-a-dia do povo, em particular os das zonas rurais, visto que o trabalho tem início quando o sol nasce. É uma veneração mariana e celebra os nove meses de gestação da Virgem Maria ou Nossa Senhora do Ó, elegida, por Senhora ou Virgem do Parto. Por esse motivo, as missas iniciam nove dias antes do Natal, terminando com a Missa do Galo, que ocorre pelas 24 horas, no dia 24 de Dezembro, determinada a formalizar a nascença do Menino Jesus, na Noite de Natal:

“É costume antigo e documentado, pelo menos desde o século XVIII. Na verdade, no testamento de mão comum de Luís Gonçalves da Silva e sua mulher, elaborado a 30 de Novembro de 1716, ficou estipulado que, na Capela de São José do lugar da Ribeira Brava, seriam realizadas *Missas do Parto*”.⁶⁷

Os madeirenses, tal como, presumivelmente, a população do restante País, ligaram o Ó dos refrões à condição de embarço da Virgem Maria, Senhora do Ó ou Nossa Senhora da Expectação, transmitindo o culto do Menino para a sua progenitora, “que suspira ardentemente a hora bendita de O dar ao mundo”⁶⁸. Encontrando-se, assim, o motivo para evocar estas novenas do natal como as “Missas do Parto”:

⁶⁶ José Eduardo Franco, ob. cit., p. 346

⁶⁷ VERÍSSIMO, Nelson, *Natal Madeirense*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2007, pp. 80

⁶⁸ CARVALHEIRA, Pe. José do Vale. *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*, Lisboa, Edições Salesianas, 1988. Pp.171

“(…) festa da Expectação de Nossa Senhora pelo nascimento do seu Divino Filho. Deve-se o nome ao facto da antífona de Vésperas do Ofício Divino, a partir do dia 17 e até 24 de Dezembro, se iniciar pelo vocativo “O”: O Sapientia..., O Adonei (...) O povo, na sua sensibilidade, raciocínios e deduções, associou o “O” a estado de gravidez de Nossa Senhora que daria à luz daí a uma semana, transferindo o culto do Menino para sua Mãe.”⁶⁹

Para além disso, é visível uma espécie de preferência dos ilhéus pelo nascimento de Jesus Cristo, envolvendo, assim, a *Festa* na comemoração principal da vida. Inclusivamente, é na véspera da festa, que as “Missas do Parto” têm início.

“(…) a rotundidade da letra O lembra o estado do ventre da mulher nos últimos tempos da gravidez, e como a festa da Senhora do Ó se realiza mesmo à boca do Natal, apenas oito dias antes do dia 25 de Dezembro, o povo da nossa terra assentou em que nessa festa se celebrava a gravidez da Virgem Santíssima, mas gravidez manifesta, clara, visível aos olhos de toda a gente e da qual havia de sair o Messias”.

Ainda sobre este assunto o Padre António Vieira afirma que o “O” atinge outro sentido relacionado à visão exemplar da circunferência, como sendo a forma geométrica que representa o belo. Logo no princípio da pregação devota a “Nossa Senhora do Ó” declara que “a figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza e conhece a geometria é o círculo”⁷⁰. Acredita-se serem estes os esclarecimentos para o simbolismo que o costume popular deu a esta festa, cheia de crença relacionada ao enigma da vida e que os franciscanos tão bem perceberam e conseguiram inserir na tradição litúrgica das “Missas do Parto”. Imagina-se que são estas as explicações para o simbolismo desta festividade que está repleta de uma crença relacionada com o segredo da vida introduzida na tradição litúrgica destas missas pelos franciscanos.

É com a primeira “Missa do Parto” que se inicia o Advento do Natal popular madeirense é também a primeira demonstração de alegria pela Festa que se aproxima; é o Natal à vista. Para os mais devotos, são a prenúncia do Natal: declaram-no, esclarecem-no e fazem dinamizar um povo leal a um costume secular.⁷¹

⁶⁹ SILVA, João Arnaldo Rufino da, *Cânticos Religiosos do Natal Madeirense*, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 1998, pp. 11

⁷⁰ VIEIRA, António . *Sermões*, Vol. I, Porto, Lello & Irmão, 1959, p. 204

⁷¹ Eduardo Antonino Pestana, ob. cit., p. 143.

Na existência destas missas o Padre Manuel Juvenal Pita Ferreira destaca três ocasiões importantes: a “Véspera”, a “Madrugada” e a “Missa”⁷².

Sem desejar criar uma narração detalhada deste uso madeirense, serve distinguir na presente dissertação estas ocasiões. Com isso tentamos apelar à sua conservação alertando para prováveis alterações, que poderão suceder com o progredir dos períodos modernos.

1.3.4.1 A “Véspera” das Missas do Parto

A véspera da “Missa do Parto” era celebrada em todas as freguesias que faziam parte das paróquias da Madeira. Todavia, o Padre Pita Ferreira faz referência, na sua obra, à que se concretiza em Câmara de Lobos, visto que segundo o seu ponto de vista é a freguesia mais simbólica em termos de empenho da gente local na sua concretização, “descrevendo-a como uma autêntica véspera de festa patronal”⁷³, especialmente na primeira metade do século XX.

Como é típico da Madeira, cada sítio comemora a festa, numa data exata. Contudo, ao não existir mais do que seis sítios em cada freguesia, e tendo em conta que as “Missas do Parto” são nove, os dias excedentes são destinados aos desígnios dos emigrados espalhados pelo Mundo, ou então servem como modo de retribuição, mais precisamente nas zonas piscatórias, de compromissos concebidos pelos pescadores ou suas famílias, em ocasiões de risco em alto mar. É devido a este tipo de crença que existe tamanha dedicação nas novenas, sendo quase que um encargo comparecer a esta celebração. Não existe justificação para não comparecer neste ato, mesmo os que estão fora acabam por enviar alguém do seu meio familiar para servir como seu representante.⁷⁴ Nestas celebrações existem cânticos específicos, alguns de origem desconhecida, que normalmente são do saber dos participantes.

Após a celebração da missa, dá-se um convívio entre os ouvintes, convertendo-se assim o adro da igreja num local animado, com partilha de licores, bebidas quentes e bolos ou broas.

A girândola de fogo é colocada no ponto mais alto do sítio, posteriormente incendiada, pelas doze horas, ao mesmo tempo que a salva. Solta-se o fogo do meio-dia, e este é

⁷² FERREIRA, Pe. Manuel Juvenal Pita. *O Natal na Madeira (Estudo Folclórico)*, Funchal, Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo, Funchal, 1956, p. 15.

⁷³ FERREIRA, Pe. Manuel Juvenal Pita. *O Natal na Madeira (Estudo Folclórico)*, Funchal, Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo, Funchal, 1956, p. 15.

⁷⁴ ARAÚJO, Lídio. *A Festa*. O Liberal, Madeira, Empresa de Artes Gráficas, Lda., 2002. p. 25

considerado o instante de grande responsabilidade desta missa, porque “revela a força e o dinheiro dos festeiros, o brio do sítio, o progresso que a solenidade faz, de ano para ano”⁷⁵.

1.3.4.2 A “Madrugada” das Missas do Parto

Quando nos referimos à “madrugada”, estamos a falar do momento em que nos dirigimos para a igreja. Numa das suas obras o padre Manuel Juvenal Pita Ferreira faz ênfase à freguesia da Ribeira Brava por esta ser a mais destacada, pois o povo realizava uma imensa marcha desde os sítios mais elevados até ao vale cavo de uma ribeira, lugar onde se encontrava a Igreja, demorava então o percurso duas ou três horas a pé por trilhos apertados, oblíquos e escabrosos⁷⁶.

Tendo em conta o costume, o povo andava a pé, descia por veredas, espaços apertados e sem luminosidade, somente alumiados com “pedaços de pneu, amarrados a um pau a servirem de facho, porque têm a vantagem de não se apagarem com facilidade, além de maior duração”⁷⁷, numa autêntica manifestação de crença à “Virgem do Parto”.

O alvoroço era seguido por cânticos populares ou pelos despiques, invocando por norma a Festa ou a Virgem do Parto. Habitualmente, eram lançados vários foguetes, estes são próprios do Natal na Ilha da Madeira, pois têm a função de demonstrar o quão próximo se encontra. Nestas caminhadas, era habitual o uso de um cantil com a típica poncha madeirense ou a tão conhecida aguardente de cana, para ser usado sempre que a garganta necessitasse ser refrescada, assim a voz sairia “mais afinada”. Porém, além de consumirem o que estava no cantil, muitos acabavam por se exceder quando se dirigiam a certas tascas para ingerirem outras bebidas, esta falta de moderação fazia com que alguns “romeiros” ficassem com as vozes desafinadas⁷⁸.

Devido a estes comportamentos exagerados por parte de alguns indivíduos, as autoridades eclesiásticas, no séc. XIX, acabaram por proibir a celebração das missas “antes das seis da manhã, debaixo de pena de suspensão a todo o Prisbytero, que o contrário praticar”⁷⁹, impedindo ainda a abertura das igrejas antes das cinco horas e meia da manhã. Com isto

⁷⁵ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 17.

⁷⁶ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 17.

⁷⁷ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 17.

⁷⁸ Lídio Araújo, ob. cit., pp. 26 e 27

⁷⁹ Arquivo Histórico Documental do Paço Episcopal do Funchal, Caixa “Circulares”, n.º 17, Ofício Circular.

tentavam preservar a estima pelo sagrado e a obediência às normas litúrgicas existentes na altura.

Por fim, aguardavam junto ao adro da igreja os crentes, esperando que esta se abrisse e que o “Invitatório” tivesse início: “Ao Menino nascer, / que gosto teremos! Oh! Quanto felizes, / todos nós seremos! Anjos e pastores, / vinde em harmonia, / a louvar o Parto da Virgem Maria”.⁸⁰ Atualmente são estas as lembranças e recordações que o povo madeirense carrega consigo, e como tal a comparação do que foi e do que é, é algo que sucede com alguma frequência. Citamos um testemunho no Diário de Notícias de uma senhora já com uma idade considerável que revela uma melancolia em relação ao seu passado. Não foi só o sentimento religioso que outrora se demonstrava mais profundo, mas também as circunstâncias em que se encontrava, faziam com que a tradição tivesse um impacto maior na sua vida deixando assim a saudade de como antes eram celebradas estas tão conhecidas celebrações.⁸¹

1.3.5 A Noite do Mercado

Na noite de 23 de Dezembro dirigem-se para o Mercado dos Lavradores, situado na cidade do Funchal, numerosas pessoas de toda a parte da ilha e do mundo. É a chamada “noite do mercado”. Desde o começo do presente século, esta noite tornou-se num momento de festa, sendo motivo de atração televisiva e de programas de animação. Há aproximadamente duas décadas que se conta com a presença de um grupo que anima a tão movimentada “noite do mercado” com cânticos natalícios⁸². Primeiro, o mercado servia de atração para o povo proveniente do Funchal pela oferta de produtos biológicos, como fruta e hortaliças bem como ornamentações natalícias tradicionais, como os pinheiros e os brinquedos. Podiam ainda ouvir-se durante toda a noite cantigas e despiques no interior do mercado bem como nos seus arredores.

“Desde o início deste século, «a noite do mercado» transformou-se num acontecimento festivo, com cobertura televisiva e animação programada. Contudo, há cerca de vinte e seis anos, um grupo de amigos tem vindo a animar a «noite do mercado» com cânticos de Natal (...) Anteriormente, o mercado atraía a população funchalense pela oferta de produtos hortícolas, fruta em abundância, pinheiros e outras

⁸⁰ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 18.

⁸¹ GONÇALVES, Sandra. *Missas do Parto continuam a ser uma das principais tradições dos madeirenses*. Diário de Notícias. (14 de Dezembro 2006)

⁸² SILVA, Agostinho. *O 'maestro' do Mercado*. Diário de Notícias, Revista Mais, Funchal, 2008 p. 8

as ramas verdes para as ornamentações tradicionais, brinquedos e bugigangas. O ajuntamento de pessoas proporcionava também momentos de diversão, com cantigas e despiques dentro do mercado e nas ruas limítrofes durante a noite. As tascas desta zona eram muito frequentadas pelas bebidas e sandes de carne de vinho e alhos ou de fígado, que preparavam para s vendedores e clientes do mercado.”⁸³

Também Alberto Sarmiento descreve esta tradição, no séc. XX, como sendo um momento movimentado realizado após a última missa do parto:

“Ante-alvorada, após a última missa do parto, quase irreverentemente, no turbilhão do empurro ao sair da igreja, era uma azáfama, um burburinho, em seguir à Praça, ao Mercado, ir às compras das flores, dos frutos, escolher as folhagens festivas, os barços ornamentais para as lapinhas, a fim de adornar o Menino, e trazer comezainas fartas para casa, para os dias da família reunida. O Mercado só, era pouco, em espaço, para conter a folia das mercas. Improvisados mercados se patenteavam, nos largos mais espaçosos, pelo tabuleiro das pontes, pelos muros das ribeiras...”⁸⁴

A “noite do mercado” de outrora já não é a mesma que a de hoje, visto que esta faz com que milhares de pessoas se dirijam ao Funchal, não pela necessidade de comprar produtos agrícolas, mas sim pelo convívio e animação que esta oferece.

1.3.6 A Missa do Galo

A celebração da Missa do Galo acontece muito cedo, mais precisamente antes da alvorada. Após a chegada à Igreja, inicia-se a festa, contando esta com a participação dos assistentes, que durante o ano não interagem tão ativamente quanto desejado, principalmente, quando estas celebrações eram realizadas em Latim, o que findou, aproximadamente, nos anos setenta do século XX.

É recordado pelo Pe. Pita Ferreira o costume da freguesia do Porto Moniz, por esta ser a mais emblemática da Ilha, no que toca à celebração e por também ser aquela que resultava com superior fulgor. Depois da entrada na Igreja, o sacerdote, unido aos degraus do altar, proferia: “Deus in adjutorium meum intende”, que a população respondia: “Domine, ad

⁸³ VERÍSSIMO, Nelson, *Natal Madeirense*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. 2007, pp. 81

⁸⁴ SARMENTO, Alberto Artur. *O Natal na Madeira quando eu era estudante*. Das Artes e da História da Madeira, Funchal, n.º 9, 1951. pp. 1-4.

adjuvandum me festina”, para imediatamente iniciar, com inteira grandiosidade, o “Invitatório”, na língua portuguesa, cantarolado pela total multidão que declarava ativamente: “Ó meu Menino, / Ó meu Redentor, / Meu doce Jesus, / Salvai-nos, Senhor”, assim findava a primeira parte da missa. Era através de um invitatório que se inseria o canto nas Missas do Parto, primeiramente com uma impressão mais veloz, seguidamente estende-se numa marcha lenta, contendo permanentemente dois termos renovados e analisados musicalmente, sendo eles Redentor e Senhor. A comitiva era genérica, dado tratar-se de cantigas de balada acessível e com textos de simples entendimento popular, continuamente respeitantes a Nossa Senhora, “razão pela qual a Virgem do Parto e a Senhora do Rosário se encontram na mesma atmosfera” na época natalícia⁸⁵.

Na obra *Cânticos Religiosos do Natal Madeirense*, de João da Silva, estão presentes todos os cânticos tidos como tradicionais ou populares. Nesta o autor afirma que todos os textos são centenários, contudo não lhe é possível fixar a sua origem desde o período da descoberta. Devido ao não conhecimento da verdadeira origem de alguns dos cânticos, considerados “obrigatórios” nas Missas do Parto, como é o caso d’ “Ave- Maria, Ó Virgem Soberana” ou o “Pai-Nosso”, não nos vamos alongar neste tema.

Considerados indispensáveis nas missas, estes cânticos foram coligidos em livro, por Rufino da Silva e que, segundo nos declara, não conseguimos perceber até que ponto são originários da Madeira. Estes já eram conhecidos no princípio do século XX, porque despontam em coletâneas impressas para utilização dos devotos. O autor declara que umas melodias surgem policopiadas numa coletânea, cuja primeira edição prevê ser antecipada ao ano de 1890 e a segunda tendo a data de 1908⁸⁶.

Os cânticos constituem um testemunho peculiar da veneração pela Virgem do Parto, reconhecendo, os vários autores ao longo desta dissertação identificados, que devesse preservar as rezas e as cantigas, tão específicas das suas nove missas. Alicerce e razão da existência do Natal, as missas do parto igualmente organizam a Festa, mas, concomitantemente, já são uma fração da mesma. Devido a tal são considerados espaços de festa, onde o devoto e o céptico se interligam, havendo nos dois uma matriz cultural característica do sentido de domínio regional. Nos dias antecedentes ao Natal, é referido por vários autores nas suas obras as várias cerimónias típicas da época que são realizadas, estas acabam por revelar a vivacidade do povo, formando um autêntico património cultural vivo.

⁸⁵ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 11.

⁸⁶ João Arnaldo Rufino da Silva, ob. cit., p. 6.

A análise feita aos cânticos de Nossa Senhora demonstrou a frequência de uma exaltação à sua beleza física, o louvor pela sua Maternidade, bem como o apego ao Rosário. A Virgem no presépio, segundo Silva (1998):

“ (...) inspira quadras de lirismo popular pelos sentimentos despertados no povo ao contemplar a penúria, o frio, o desconforto e o bucolismo que rodeiam o nascimento de Jesus. Estas quadras terminam geralmente com pedido de perdão pelos pecados cometidos e com uma referência aos novíssimos do homem: _morte, juízo, inferno e paraíso. Pede-se uma boa morte e um lugar no céu.”⁸⁷

Na altura dos Descobrimentos, mais precisamente no séc. XV, era habitual proferirmos versos durante a reza bem como ensinar aos mais novos o catecismo através de versos populares. Tiveram também influência nos cânticos povoadores estrangeiros (italianos, espanhóis, flamengos).⁸⁸

O facto de existir um certo distanciamento entre as freguesias, bem como da Ilha em relação ao Continente, fez com que se conservassem alguns textos e melodias, não já na sua pureza original, mas com as alterações naturais que o uso e o tempo costumam fazer.

Segundo Pita Ferreira os cânticos são considerados simples e de fácil compreensão, de modo a que toda a população católica consiga entender. Estes fazem sempre referência a Nossa Senhora sendo esta a “razão pela qual a Virgem do Parto e a Senhora do Rosário se encontram na mesma atmosfera”⁸⁹ nesta época natalícia. “Ave-maria, cheia de graça,/ O Senhor é contigo,/ Bendita sois vós entre as mulheres”⁹⁰ compõe não só um louvor a Maria como também é demonstrado fé nos mistérios relacionados com a sua vida. Existe ainda uma comparação entre Eva e a virgem Maria quando é mencionado “Bendito é o fruto/ Do vosso ventre, Jesus”⁹¹, ou seja, enquanto Eva quis o fruto proibido existente na árvore, Maria em oposição entrega o fruto do seu ventre⁹². A segunda parte da Ave-maria faz ainda parte deste invatatório, nela existe um

⁸⁷ SILVA, João Arnaldo da, *Cânticos Religiosos do Natal Madeirense*, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 1998

⁸⁸ SILVA, João Arnaldo da, *Cânticos Religiosos do Natal Madeirense*, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 1998

⁸⁹ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 11

⁹⁰ *Ibidem*

⁹¹ *Ibidem*

⁹² <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-oracao-da-ave-maria-> Consultado a : 08/04/2016

pedido dos fiéis onde pedem à Virgem proteção na hora da morte: “Santa Maria,/ Mãe de Deus,/ Rogai por nós,/ pecadores,/ Agora e na hora da nossa morte,/ Ámen.”⁹³

Durante o cântico é sempre rogado pelos devotos a Salvação, anseiam por se redimirem dos pecados e com o nascimento de Jesus esperam a tão esperada absolvição divina: “Em nós, do presépio/ Ponde olhos de amor./ Esposo das almas,/ Salvai-nos, Senhor”.⁹⁴ Posto isto, desejam que o seu nascimento seja imediato, para que os sentimentos impuros sentidos desaparecem, surgindo apenas amor nos corações: “Nascei já, nascei,/ Meu bem, meu Menino./ Nascei já, nascei,/ Amor pequenino.”⁹⁵ Após o seu nascimento os fiéis rejubilam, Maria deu início a uma nova vida: “Nos braços da aurora/ Já está nascido/ Jesus tão formoso,/ Jesus tão querido.”⁹⁶

Também João de Sousa Coutinho, na sua obra *O Natal na Madeira*, descreve a Missa do Galo e transcreve os seus cânticos tradicionais, fazendo referência a uma prática que, por motivos de censura, atualmente já não se realiza, a “Pensação”.

“Era primitivamente desempenhada por duas personagens, um anjo e uma pensante. Esta aparecia, em cena, vestida de branco e trazendo um berço e roupinhas para oferecer ao Menino Jesus. Acolitada pelo anjo, desempenhava, diante os fiéis, cinco acções importantes – apresentava o Menino ao povo, lavava-O, vestia-O, deitava-O no berço e embalava-O. Era uma cena cheia de ternura e beleza. O facto da pensante lavar o Menino deu origem a várias interpretações e censuras.”⁹⁷

Os Autos de Natal são celebrados em quase todas as freguesias nesta missa que celebra o Nascimento de Cristo tendo como cenário o presépio. Estas representações são da aprovação de todos os populares, e resultam de encenações de temas bíblicos, como é o caso da anunciação do anjo:

“ Participo-vos, pastores,

⁹³ Pe. Manuel Juvenal Pita Ferreira, ob. cit., p. 11

⁹⁴ *Ibidem*

⁹⁵ *Ibidem*

⁹⁶ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira- Estudo Folclórico*, 2ª Edição, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 18

⁹⁷ COUTINHO, J. De Sousa, *O Natal na Madeira: estudo folclórico*. Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 2001

a maior das alegrias,
que, ali mesmo, em Belém,
nasceu agora o Messias.

Agora já não sois órfãos.
_ Parabéns. Tendes um Pai.
Rendei mil graças a Deus.
Sua bondade louvai.
Para conhecer o Menino
Eu vou dar-vos um sinal.
Tão lindo é Ele, que o mundo
não viu nem verá igual.

A sua caminha é feita
de frias palhinhas, só.
É Deus e tão pobrezinho,
Que até mesmo mete dó.

Ele estará deitadinho
Nas palhinhas dum curral,
Embrulhadinho em paninhos.
É este todo o sinal.

Agora, vou para Belém,
adorar o vosso Deus.
Correi todos. Ide vê-lo.
Até logo. Adeus. Adeus.”⁹⁸

O cenário da natividade e a adoração dos pastores são também dramatizados pelos fiéis.
Passo a citar alguns versos cantados no Porto Moniz, no Natal de 1953:

“ Foi por milagre de Deus
um cego aqui vir ter.

⁹⁸ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira- Estudo Folclórico*, 2ª Edição, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 132

Neste mundo nao Vos vejo,
No outro Vos quero ver.”⁹⁹

“Hoje, em dia dos seus anos,
eu bem desejava ter
uma oferta das mais ricas,
que lhe pudesse oferecer.

A oferta é diminuta.
Digo com toda a razão.
Eu nada pude arranjar.
Ofereço-lhe o coração.”¹⁰⁰

Os pastores, representados por homens e mulheres, vestidos com os trajes tradicionais, levam consigo fruta, animais, hortaliças, carne de porco e vinho para o Menino, mas que reverte ao pároco da igreja. Revivesse a Missa do Galo e as Missas do Parto através das romarias dos pastores e a anunciação do anjo Gabriel, e, segundo João Arnaldo Rufino da Silva, a dimensão desta afirmação está expressa no repertório de música religiosa natalícia existente na Ilha.

Os cânticos tidos como tradicionais, visto que nos habituámos a ouvi-los e a cantá-los desde o nascimento, ficaram de tal forma memorizados que é impossível esquecê-los. Fazem parte da identidade cultural e da memória coletiva da população madeirense, mesmo quando esta se encontra dispersa por todo o mundo.

Infelizmente, e segundo o autor, Silva (1998):

“ O atual condicionamento sociocultural, onde impera o consumismo com a invasão maciça de música gravada, através dos multimédia, a exigência cultural da reforma litúrgica e também o peso da influência cultural que a diáspora madeirense encontra no estrangeiro, constituem fatores determinantes que podem levar ao esquecimento deste património musical.”¹⁰¹

⁹⁹ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira- Estudo Folclórico*, 2ª Edição, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 144

¹⁰⁰ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira- Estudo Folclórico*, 2ª Edição, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 145

¹⁰¹ SILVA, João Arnaldo Rufino da. *Cânticos Religiosos do Natal Madeirense*, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1998.

Tal situação sucede igualmente com diferentes costumes, sendo a literatura um modo de preservar algumas, para não dizer muitas das tradições típicas de um povo.

1.3.7 As Oitavas do Natal e o Dia de Reis

São nomeados pelo povo da Ilha da Madeira, os dias seguintes ao Dia de Natal como a “oitava” ou as “oitavas do Natal”.

O “natal madeirense” foi acompanhado, constantemente, pela liturgia católica. Portanto, surgem assim os termos: “primeira oitava”, “segunda oitava” e “terceira oitava”.

Contudo, verificamos estas premissas presentes na Enciclopédia Católica Popular que nos elucida acerca de uma “oitava em liturgia”¹⁰². Mais nos adiciona a referida Enciclopédia como, “tal costume, com raízes na liturgia judaica, esteve muito em voga durante a Idade Média. A reforma de S. Pio V reduziu o seu número, e o Conc. Vat. II só manteve as do Natal e da Páscoa”¹⁰³.

Antigamente na Ilha, estas oitavas eram vivenciadas como se fossem “dias santos de guarda”¹⁰⁴. O padre Manuel Juvenal Ferreira Pita chega mesmo a referir na sua obra que o povo madeirense, no ano de 1956, tinha como hábito ouvir a missa pela manhã, comungar e beijar o Menino Jesus, já pela tarde visitavam os seus parentes com quem partilhavam a mesa do jantar, sendo este o seu jeito de “*alembrar a Festa*”.¹⁰⁵ Nesta época os comércios não abriam, e na zona rural não se trabalhava, caso este costume não fosse respeitado era-lhes retirado os seus instrumentos de trabalho de modo a que se sentissem obrigados a descansar:

“O comércio fecha as portas e, no campo, ninguém trabalha. Se algum lavrador ou comerciante se atreve a tal, fica sujeito à visita dos *rapazes da Greve* que, mascarados ou não, tiram as enxadas, foices, pás e cestos das mãos dos donos, os bordados e a costura das mãos das donas e os obrigam a descansar.”¹⁰⁶

¹⁰² Prolongamento por oito dias da celebração duma festa importante, ou então o oitavo dia dessa celebração

¹⁰³ FALCÃO, Bispo Emérito de Beja Manuel Franco, *Enciclopédia Católica Popular*, 2006, 2.ª Edição, Paulistas, p. 367

¹⁰⁴ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*, 1956, pp. 257-260

¹⁰⁵ *Ibidem*

¹⁰⁶ *Ibidem*

A animação e partilha representam de forma exemplar o que se espera deste dia. No campo oferecem-se galinhas, e recebem-se bolos de mel, roupas e até mesmo dinheiro: “os afilhados de casamento elevam a sua oferta para quatro ou seis galinhas. Numa das oitavas do Natal, vão a casa dos padrinhos ajudar a comê-las em boa canja e regadas com bom *americano*.”¹⁰⁷

A esfera natalícia das oitavas do Natal que nos relata Pita Ferreira estendeu-se no tempo, e, atualmente, determinados costumes, atrás referidos, são revividos em várias freguesias da Madeira. Contudo, as oitavas não findam no Natal. Depois do “Fim do Ano”, estendem-se pelas oitavas do Jesus¹⁰⁸ e pelas oitavas dos Reis¹⁰⁹, durando até ao dia de Santo Amaro¹¹⁰.

De modo a conservar-se uma delas, na Madeira foi determinado este dia como feriado regional¹¹¹, 26 de Dezembro: a primeira oitava.

Normalmente a Festa prolonga-se até ao dia de Reis, contudo em algumas freguesias da Ilha da Madeira, como referido anteriormente, dura até o dia 15 de Janeiro, altura em que se celebra o Santo Amaro¹¹². Na véspera desta data, ocorrem convívios familiares, onde a família, amigos e vizinhos se juntam para o “varrer dos armários”, aproveitando o momento para o degustar das iguarias que sobraram do Natal e para cantarem ao senhor Santo Amaro. Também é neste dia que se desmancham as lapinhas, sinal do fim da Festa.

Atualmente, as tradições deste dia são celebradas fervorosamente nos concelhos de Santa-Cruz e Ponta de Sol, bem como na freguesia do Paul do Mar. Porém, na freguesia da Camacha, concelho de Santa-Cruz, o “varrer dos armários” ocorre a 17 de Janeiro, no dia que se comemora o Santo Antão¹¹³. Desta tradição faz parte um cântico exclusivo para o momento do “varrer dos armários” cantado no dia de Santo Amaro em diferentes partes da Ilha:

“Vamos varrer a lapinha,
Deixai-nos entrar, Senhora,
Trazemos connosco a pá
E também uma vassoura.

¹⁰⁷ *Ibidem*

¹⁰⁸ Primeiro dia do ano

¹⁰⁹ 6 de Janeiro

¹¹⁰ 15 de Janeiro

¹¹¹ Através do Decreto Legislativo Regional N.º 18/2002/M, de 8 de Novembro

¹¹² Santo padroeiro do Concelho de Santa-Cruz

¹¹³ Festa de Santo Antão protetor dos animais, também designado na Camacha por Santo António de Abade.

Viemos de lá tão longe,
Do pé da terra dos alhos,
Trouxemos a vassourinha
Para varrer os armários.

Santo Amaro é bonito
É bonito não se o deixa
Para provarmos o vinho
Com cebolas de «escabecha».

Trazemos também connosco
Uma saca e uma pá.
Abra-nos a porta, Senhora,
Que queremos varrer já.”¹¹⁴

O presente assunto é também aludido por Pita Ferreira na sua obra, mencionando certos costumes típicos de vários sítios da Ilha neste dia de Reis, como por exemplo na Ribeira Brava: “(...) os visitantes tocam e cantam, diante do presépio, e deitam esmolos num pires, posto para isso, pelo dono, à frente do Menino Jesus. Há versos apropriados para a visita e oferta.”¹¹⁵

Contudo a tradição do Porto Santo é distinta, normalmente os visitantes não cantam em frente dos presépios, só se o dono da casa facultar a viola, antes acabam por passar o tempo a analisar as figuras de barro e a forma como estão dispostas nos mesmos. É referido ainda, pelo mesmo autor, que na maior parte das freguesias da Madeira, no passado, tinham por tradição rezar o terço em frente à lapinha, bem como, nas novenas, dar o Menino Jesus a beijar, costumes já hoje esquecidos: “Dava-se em todas o Menino a beijar, enquanto toda a gente cantava o *Bendito*, já hoje esquecido.”¹¹⁶

Nos dias que correm, as autarquias bem como os Centros de Dia diligenciam atividades para perpetuar a tradição. Ao contrário do que se possa ter pensado esta tradição não desapareceu. Na realidade, permanece viva e, até em alguns locais, com mais intensidade, se

¹¹⁴ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, volume I, Ed. Círculo de Leitores.

¹¹⁵ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*, 1956, pp. 257-260

¹¹⁶ *Ibidem*

tivermos em conta os anos sessenta ou setenta do século anterior. Feita uma análise superficial aos cânticos, é possível notar uma certa preocupação, por parte dos visitantes, em agradar os visitados: “Os vizinhos que desculpem,/ Se os Reis não são do seu gosto” e “Os vizinhos que desculpem/ de virmos sem avisar”. O termo “padrinho” é também ele constante, antigamente associado a pessoas de riqueza, normalmente escolhidas para apadrinharem casamentos e batizados. Fazendo ainda referência de certo modo às oitavas do Natal quando referem: “Ó vizinha, abra-me a porta,/ Trago aqui uma galinha”. Para que possa ser entendido na totalidade, passo a citar alguns versos cantados no dia de Reis:

“ As estrelas miudinhas
fazem o céu bem composto.
Os vizinhos que desculpem,
Se os Reis não são do seu gosto.

Para virmos aqui, hoje,
muitos passos houve a dar.
Os vizinhos que desculpem
de virmos sem convidar.

Eu venho de lá tão longe,
Da Igreja de S. Martinho.
Ó padrinho, abra-me a porta,
Dê-me um copinho de vinho.

Quando vinha para aqui,
Pisei um pé de jarvão.
Ó padrinho, abra-me a porta,
Se me quer conhecer.

Eu venho cantar os Reis,
Do lado da Nazaré.
Ó vizinha, abra-me a porta,
Se quer saber quem é.

Para virmos hoje aqui,

Só pensei, ont' à tardinha.
Ó vizinha, abra-me a porta,
Trago aqui uma galinha.”¹¹⁷

Esta “velha” tradição madeirense tem uns poemas mais típicos e conhecidos por miúdos e graúdos desde uma ponta a outra da ilha. São aprendidos de diversas formas, desde muito cedo na escola, ou então pela chamada herança cultural, onde os costumes foram passados de boca-a-boca pelos antepassados, sendo assim transmitidos como o cantar das “Janeiras”. Tal como os referidos anteriormente, estes versos acabam por aludir para o sentimento de partilha entre a população: “Se não tem nada que nos dê,/Dê-nos um copinho de vinho”, o vinho é várias vezes mencionado, pois é a bebida mais conhecida da Madeira.

“E vós bem sabeis,
E vós bem sabeis
Que é no dia de hoje
Que se canta o Reis”.

“Vimos à porta do vizinho,
Se não tem nada que nos dê,
Dê-nos um copinho de vinho.”

“Vimos aqui hoje
Cantar ao Menino,
Para se beber
Um copinho de vinho.”¹¹⁸

Em 1966, o escritor Horácio Bento de Gouveia exibia uma “visão pouco encorajadora” acerca da subsistência deste costume. Sempre num estado de melancolia em relação às suas recordações de infância e adolescência passadas no norte da ilha, pensava que os usos citadinos iriam destruir os antigos costumes preservados no meio campestre, que nesse caso iam “contra

¹¹⁷ FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita, *O Natal na Madeira- Estudo Folclórico*, 2ª Edição, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 308/309

¹¹⁸ FREITAS, Pe. Alfredo Vieira de. *Era uma vez... na Madeira, Lendas contos e tradições da nossa terra*, 2ª Edição, Funchal, 1984, p.97

a maré absorvente da telefonia e do televisor”¹¹⁹. Porém, admite acreditar que apesar das transformações que esta época poderá sofrer, as Janeiras irão ser sempre festejadas no momento exato:

“Tudo evoluiu. Nada permanece. Refrear a transformação seria aniquilar a vida. Porém há costumes que, à semelhança de certas fontes extintas no Verão e que irrompem da talisca da rocha no Inverno, se perpetuam, revelando-se no seu período adequado. As Janeiras é um deles.”¹²⁰

Esta é uma tradição que transmite festa, alegria e boa disposição: “Como era praxe, viera o vinho e a aguardente com mel, vieram os doces farinhentos para enxugar os licorosos líquidos, gemeu a rabeca, soaram as violas e os machetes e começou a folgança, num bailarico de canções folclóricas.”¹²¹

Relativamente ao Natal, podemos afirmar que nos últimos anos o interesse por alguns costumes, como as Missas do Parto, a Noite do Mercado e os Reis tem-se intensificado, sobretudo pela dedicação, das autarquias, Igreja e Casas do Povo, com especial atenção ao fenómeno por parte da comunicação social.

¹¹⁹ GOUVEIA, Horácio Bento de (2001). *O Natal na cidade, a Festa no campo*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais (selecção de textos e nota de apresentação de Nelson Veríssimo). p.67

¹²¹ FREITAS, Pe. Alfredo Vieira de, *Era uma vez... na Madeira*, Lendas contos e tradições da nossa terra, 2ª Edição, Funchal, 1984, p.100

CAPÍTULO II – FESTIVIDADES NATALÍCIAS COMO MOTIVO DE ATRATIVIDADE TURÍSTICA

2.1 Introdução

Neste segundo capítulo pretende-se relacionar as festividades natalícias com o turismo, procurando demonstrar de que modo estas festas descritas na literatura madeirense são, ou não, motivo de atratividade turística para a Ilha e que tipo de turista recebemos. Daremos, ainda, enfoque à seleção de uma amostra e *design* do questionário aplicado, que serviu para caracterizar o tipo de turista interessado nesta festividade. Apesar de certas particularidades existirem desde tempos antigos, foi principalmente graças ao turismo que lhe foi atribuída uma maior valorização, percebendo o povo madeirense o sentido etnográfico dos seus costumes e a importância que essa autenticidade tinha para os visitantes.

2.2 Turismo na Madeira

O termo Turismo é definido pelo Dicionário de Língua Portuguesa como sendo uma “actividade económica relacionada com viagens organizadas, geralmente para lazer”¹²². Uma definição mais detalhada é-nos dada pela Organização Mundial de Turismo:

“O turismo é um fenómeno social, cultural e económico que implica a deslocação de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual para fins profissionais/ pessoais ou empresariais. Estas pessoas são chamadas visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com as atividades realizadas, algumas das quais implicam despesas turísticas.”¹²³

É muito complexo fixarmos um significado para este conceito: “turismo tem sido definido de várias maneiras (ou refinado) por parte dos governos e instituições académicas por se relacionar com áreas como a economia, a sociologia, a antropologia cultural, e geografia.”¹²⁴

¹²² Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/>. Consultado a 25/04/2016

¹²³ Disponível em: <http://media.unwto.org/en/content/understanding-tourism-basic-glossary>. Consultado a 01/06/2016

¹²⁴ THEOBALD, William F. *Global Tourism* (3º ed). Burlington: Elsevier Science.2005. p.10

Matérias como a cultura, a sociologia e a antropologia analisam os costumes, a interação dos visitantes com a cultura local bem como o procedimento dos mesmos nos destinos. Já a área da geografia acaba por se dedicar ao estudo dos cursos de viagem, aos assuntos ambientais e climatéricos. Como referido anteriormente existem inúmeras definições para Turismo, Leiper acaba por ter uma opinião contrária à dada anteriormente:

“(…) há três abordagens na definição de turismo: económicas, técnicas e holísticas. As económicas visualizam o turismo tanto como um negócio e uma indústria. As técnicas identificam o turista, a fim de fornecer uma base comum pelo qual coleta os dados. As holísticas tentam incluir toda a essência do assunto.”¹²⁵

A European Travel Commission põe em uso as duas definições. A primeira, de carácter conceptual: “The movement of persons to cultural attractions in cities in countries other than their normal place of residence, with the intention to gather new information and experiences to satisfy their cultural needs.”¹²⁶; a segunda, de natureza operacional: “All movements of persons to specific cultural attractions, such as heritage sites, artistic and cultural manifestations, arts and drama to cities outside their normal country of residence.”¹²⁷

Com a evolução dos meios tecnológicos, o turismo sofreu uma grande transformação acabando por se tornar uma das mais importantes atividades da economia. Tornou-se assim a força vitalizadora para o progresso de muitos países, regiões ou localidades.

O principal motor na evolução da economia na Ilha da Madeira assenta no Turismo. As particularidades da ilha, ligadas nomeadamente ao panorama natural e cultural, tornam-na numa atração para turistas de diversos locais do globo.

As principais causas para o aumento e progresso do turismo da Ilha da Madeira começaram por ser a beleza das paisagens e o seu clima. Tendo em conta Silva (1994), o tema turismo não pode ser falado antes do século XVII, referindo que anteriormente à época citada “as pessoas deslocavam-se, admiravam novas terras, mas o seu fim era a exploração ou o comércio. Também não se fez sentir aqui o turismo aristocrático, o grand tour, a viagem nobre e seu tutor”¹²⁸.

¹²⁵ THEOBALD, William F. *Global Tourism* (3º ed). Burlington: Elsevier Science.2005. p.11

¹²⁶ THEOBALD, William F. *Global Tourism* (3º ed). Burlington: Elsevier Science.2005. p.2

¹²⁷ *Ibidem*

¹²⁸ SILVA, A. (1994): *Apointamentos sobre o quotidiano madeirense (1750-1900)*. Editorial Caminho: Lisboa. p.179

Porém, Isabel Silva (1985) afirma que o turismo na Madeira nasceu antes do século XVII, mais precisamente por volta do séc. XV:

“(...) percorrendo a história da Ilha, desde a sua descoberta até aos nossos dias, verificámos que o fenómeno do turismo, em termos de duração não é de origem recente. Ele nasce no séc. XV, introduzindo-se numa determinação estrutural pelos séculos posteriores, passando necessariamente por movimentos conjunturais que foram moldando a sua vocação primitiva”.¹²⁹

Na sua obra, a autora faz referência a dois períodos para o princípio do turismo na Madeira. O “Colonial”, que foi desde o séc. XV até XVIII, e a época “terapêutica” no séc. XIX até inícios do séc. XX. Cada fase está relacionada com contextos externos diferenciados. Contudo, ambas assentam na dependência que a ilha tem em relação à navegação atlântica, principalmente na atração que a beleza edénica da Ilha e do clima ameno exercem.

Aquando da abertura das navegações oceânicas (séc. XV ao XVIII), um apoio elevado ao tráfego comercial para a exploração de novos continentes desponta na Madeira. Novos visitantes, novos registos sobre aspetos do clima, das paisagens, contribuíram para a designação, pela qual a Madeira ainda é conhecida, de Madeira como “Pérola do Atlântico”. Esta época foi considerada “o aspeto turístico do colonialismo”.

As belezas naturais da ilha e as suas condições climáticas propiciam o interesse pela ilha. Em 1751, Thomas Hemberden decidiu investigar as qualidades do clima existente na ilha bem como os seus efeitos terapêuticos. A recomendação da ilha para determinados tratamentos teve início, começando, a Ilha da Madeira, a ser divulgada como uma estância terapêutica para certas doenças: “O clima ameno da Madeira, manifestado pelas temperaturas mais ou menos constantes entre o dia e a noite e ainda a existência de fracas amplitudes térmicas diurnas e anuais, permitiram que a Ilha fosse recomendada”.¹³⁰

A partir do séc. XIX, a divulgação da ilha já não tinha como foco unicamente os doentes. O divertimento alia-se à saúde, entrando assim num processo de transição: “A partir

¹²⁹ SILVA, I. (1985). *A Madeira e o Turismo: pequeno esboço geográfico*. Funchal: SRTC

¹³⁰ Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/15/ilha-madeira-turismo.html>- consultado a: 01/06/2016

dos anos 80, a Madeira foi perdendo a conotação de estância de saúde e ganhou a de Ilha de férias”.¹³¹

Os guias turísticos da ilha, projetavam assim a ideia de que a Madeira conservava ligações regulares com diversas cidades, entre elas alemãs, inglesas e até mesmo do Mediterrâneo, no final do séc. XIX e inícios do séc. XX. Deu-se então um aumento da oferta de centros de turismo, que acabou por fazer com que os guias dessem ênfase às vantagens da região face a outros destinos turísticos.

2.2.1. As Festividades e o Turismo

O crescimento de eventos festivos na área do turismo é uma realidade global, acabando estes por movimentar o setor económico e social do local onde se inserem. Surgem, ainda, como forma de combate à sazonalidade turística de alguns destinos, que assim pode ser minimizada através de promoções e realizações de eventos, com o intuito de atrair mais visitantes numa época em que a procura é reduzida.

Segundo Marujo, estes eventos, ou festividades funcionam também como um meio de publicidade de um local como destino turístico a ser consumido, ou seja, quando a imagem é bem transmitida e “vendida”, veicula-se uma ideia positiva do local em questão. Dimmock e Tiyce referem ainda que os eventos turísticos procuram realizar objetivos como:

“(…) a satisfação de múltiplos papéis como, por exemplo, o desenvolvimento da comunidade, a renovação urbana ou o despertar para a cultura; a realização de um espírito de festa gerado através do intercâmbio de valores e do desenvolvimento de uma sensação de pertença; a promoção da singularidade através da criação de experiências únicas e ambientes favoráveis; serem autênticos nos seus valores e processos histórico-culturais; promoverem a tradição através da celebração da história ou de modos de vida quotidiana; promoverem a hospitalidade através da troca de valores e experiências; evidenciarem o simbolismo procurando a dignificação dos rituais culturais com o seu significado especial; promoverem a criação de temas originários da tradição ou dos valores culturais.”¹³²

¹³¹ Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/15/ilha-madeira-turismo.html>- consultado a: 01/06/2016

¹³² DIMMOCK, K., TIYCE, M. (2001). Festivals and events: celebrating special interest tourism. In N. Douglas, N., N. Douglas, & R. Derrett (Eds.), *Special interest tourism: contexts and cases* (pp.355-383). Milton: John Wiley & Sons Australia

Consideramos que as festividades do Natal na Madeira entram na categoria daquilo a que, autores como Allen e Toole¹³³ designam como celebrações específicas ou rituais que são planeados, propositadamente, para marcar ocasiões especiais, com o intuito de alcançar certos objetivos sociais e culturais.

O Natal que se realiza na Madeira é considerado um evento especial, isto porque o seu espírito festivo, as suas particularidades, as suas tradições e o seu simbolismo são o conjunto perfeito para proporcionar ao visitante uma atmosfera especial que, além de agradar aos locais, ainda aumenta a satisfação dos visitantes, ao oferecer uma alternativa às atividades, ditas “normais”. Por este mesmo motivo, as entidades locais e regionais interessaram-se em “apostar” na promoção deste evento, principalmente pela capacidade que tem em atrair visitantes.

Atualmente deparamo-nos com um leque de possibilidades de eventos culturais existentes em todos os destinos turísticos, concorrendo estes entre si de modo a atrair a atenção dos turistas.

2.2.2 O Turismo e a Cultura

O desenvolvimento do turismo, na maioria dos casos, conta com uma vantagem muito relevante, a Cultura. Esta acaba por ser o quadro, numa visão mais alargada, onde o turismo tem lugar, e num modo mais limitado podemos considerá-la como uma atração para os turistas, contando para isso com os museus, o património cultural e edificado e os eventos culturais.¹³⁴

Este tipo de turismo valoriza a identidade do território em causa, permitindo conhecer a história do património cultural, os usos e costumes de uma determinada sociedade. A multiplicidade cultural realizada através do património cultural material e imaterial formam o enorme atrativo para o progresso do turismo regional.

São diversas as oportunidades para o Turismo Cultural na Madeira. A gastronomia típica madeirense é uma das motivações tal como o artesanato, as festas ou as demonstrações culturais como as danças e os cantares típicos. Realmente, a região contém certos interesses que podem ser aprofundados e analisados para servir de atração para os visitantes.

Uma das motivações para visitar a ilha passa pela gastronomia local, por isso a Madeira acabou tirando vantagem da sua tradição cultural expressada na culinária para realizar festas

¹³³ ALLEN, J., TOOLE, W., MCDONNELL, I., & HARRIS, R. (2003). *Organização e gestão de eventos*. São Paulo: Campus.

¹³⁴ MACLEOD, D. e CARRIER, G. *Tourism, power and culture: anthropological insights*. Channel View Publications: Bristol. 2010

gastronómicas em vários pontos da região, estas acabam por dar a conhecer ao turista os pratos típicos da cultura madeirense bem como permitir a interação e aumentar, de forma positiva, a ideia do turista em relação a esses concelhos.

Para além da gastronomia, também o artesanato faz parte da cultura madeirense. “O visitante deseja comprar lembranças típicas dos locais que ele visita”¹³⁵, por isso a ilha possui alguns centros onde o turista pode assistir à produção de artesanato em vime e do bordado, aproveitando depois para comprar algumas destas lembranças típicas deste povo.

As festividades natalícias, que se realizam na região atraem inúmeros turistas. Estes eventos não são só uma atração turística que “satisfazem a necessidade de co-participação e a sensação de estar lá.”,¹³⁶ como acabam por funcionar como componentes culturais que para além de reconhecerem e distinguirem o destino em relação a outros concorrentes, reforçam ainda a identidade da região através das festas de Natal entre outras, sendo assim um retrato de uma cultura e de uma história de um povo.¹³⁷

Porém, e segundo o autor Peter Burns¹³⁸, para haver uma ligação entre o turismo e a cultura, terá que ser necessária uma estratégia de desenvolvimento, ou seja, terá que existir um maior investimento na cultura.

Com a evolução dos centros urbanos, com o surgimento de novos estímulos referentes à distribuição do território e à salvaguarda da qualidade dos monumentos arquitetónicos, do ambiente, da cultura e do meio social dos complexos urbanos, o património cultural depara-se, atualmente, com certos obstáculos. Assim sendo é deveras relevante que se consiga fazer interagir o património cultural com o desenvolvimento contemporâneo das cidades, para que este seja preservado e potencializado no sector do Turismo Cultural. Tendo em conta a “Carta de Turismo Cultural”¹³⁹, compreende-se este tipo de turismo como sendo uma “forma de turismo que tem por objectivo, entre outros objectivos, a descoberta dos monumentos e lugares”¹⁴⁰.

¹³⁵ IGNARRA, L. *Fundamentos do turismo*. Pioneira Thomson Learning: São Paulo. 2001. p.120

¹³⁶ RICHARDS, G. PALMER, R. *Eventful Cities: Cultural Management and Urban Revitalisation*. Butterworth-Heinemann: Amesterdam. 2010. p.19

¹³⁷ MARUJO, N. *Turismo, Turistas e Eventos: O Caso da Ilha da Madeira*. Dissertação de Doutoramento em Turismo, Universidade de Évora (Policopiado). 2012

¹³⁸ BURNS, Peter. *Turismo e antropologia*. São Paulo: Chronos, 2002

¹³⁹ Disponível em: <http://www.icomos.org/tourism/>. Consultado a 03/06/2016

¹⁴⁰ SARDO, Anabela. *Turismo Literário: Uma forma de valorização do património e da cultura locais*. EGITANIA SCIENCIA, n.2, 75-96. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. 2008. p.81

2.2.2.1. O Turismo Literário

A Literatura pode ser considerada como fulcral na promoção do Turismo Cultural, por constituir-se como fator e utensílio de defesa da memória coletiva, pois “a (re) construção da memória das cidades através da literatura conduz à valorização de diversos elementos - tangíveis (monumentos, lugares, edifícios, objectos materiais) e intangíveis (histórias, sentimentos, costumes, atmosferas) integrantes destes espaços.”¹⁴¹

O simples facto de ler acaba por incitar e estimular o leitor a sair em procura dos locais descritos, na tentativa de experimentar de emoções idênticas às narradas na obra literária.

O turismo literário é definido de duas formas diferentes pela Organização Mundial do Turismo. A primeira destaca o facto de o turismo literário validar o agrado da necessidade de variedade e ampliação da cultura geral que o ser humano suporta. Já a segunda, relaciona o turismo literário com as necessidades culturais e educacionais do ser humano.¹⁴²

De um ponto de vista mais profundo, este tipo de turismo está relacionado, precisamente, com “a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores desses textos”¹⁴³. Posto isto, o turista literário procura descobrir de que maneira os sítios em que os autores residiram ou visitaram influenciaram o modo de redigir e de relatar, nas suas obras literárias, uma certa realidade social e cultural, percorrendo esses mesmos lugares.

A interação entre Literatura e o Turismo suscita estudos interdisciplinares.¹⁴⁴ A Literatura tem a habilidade de provocar o interesse de determinados aspetos tratados nos textos e isso envolverá a hipótese de levar o leitor a viajar até aos sítios neles representados, provocando emoções deveras similares no leitor. Outra perspetiva complementar é a oferecida pela visita ao ninho do escritor, ou seja, a casa onde cresceu ou viveu, com o intuito de ficar a conhecer o meio em que este habitou e escreveu. O turismo literário é, assim, uma deslocação

¹⁴¹ HENRIQUES, Cláudia, QUINTEIRO, Sílvia. *O turismo literário. Olhã sob a perspectiva de João Lúcio*. Documento apresentado na International Conference on Tourism & Management Studies, Books of proceedings, v.1. 2008. p. 600-608.

¹⁴² CASTRO, Nádia, COKE, Elisa, FRIEZA, Liliana, PINA, Sancha, QUINTEIRO, Sílvia. *Viagens com Manuel Teixeira Gomes*. Dos Algarves, n.16, 09-15. Universidade do Algarve: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. 2007

¹⁴³ SARDO, Anabela. *Turismo Literário: Uma forma de valorização do património e da cultura locais*. EGITANIA SCIENTIA, n.2, 75-96. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. 2008. p.81

¹⁴⁴ *Ibidem*

de indivíduos com interesses na criação literária e nas suas representações. O Turismo Literário acaba por ser diferente do Patrimonial, isto porque os viajantes que o realizam buscam basicamente sensações de percepção da área e a imagem concreta das paisagens narradas pelo autor.

Para perceber até que ponto as festividades natalícias foram um motivo de atratividade turístico-literário, iremos apresentar no tópico seguinte um estudo com base em observações efetuadas aos visitantes da Ilha da Madeira, de modo a inquirir junto destes o motivo da sua viagem.

2.3. Descrição do Estudo

A realização deste estudo foi feita em duas etapas diferentes. A primeira passou por uma observação participante onde se incidiu sobre a análise comportamental dos turistas em espaços relacionados com o tema a ser trabalhado. E a última é referente a um estudo principal que residiu na aplicação de um questionário a turistas hospedados em vários pontos da ilha.

Os locais escolhidos para a investigação comportamental foram: o Presépio do Curral das Freiras, que se destaca pelas suas dimensões excecionais, é visitado por milhares de madeirenses e turistas, orientando o visitante através de um trajeto curvo, apresentando figuras em miniatura de costumes típicos da localidade; a Missa do Parto, realizada na cidade de Santa-Cruz, e por fim, a Noite do Mercado.

Durante o estudo piloto foi-nos possível constatar a forte aderência de turistas que frequentam estes espaços, principalmente o Presépio do Curral das Freiras. A vontade para viver aquela experiência era de tal modo desejada que a espera prolongada não desencorajou os visitantes.

Relativamente às Missas do Parto realizadas na Igreja Matriz do concelho de Santa Cruz, através de uma observação participante pôde constatar-se, que o público que frequentou esta celebração era maioritariamente madeirense, contudo não nos foi possível concluir com base nas observações acerca da participação estrangeira, vizinha ou local.

Por fim, e em relação à Noite do Mercado, o comportamento dos visitantes correspondeu ao esperado, ou seja, houve uma forte comparência dos mesmos nesta celebração, talvez por se localizar no centro urbano, onde está hospedada a maior parte dos nossos visitantes. Estes mostraram-se interessados, divertidos e com vontade de explorar os diversos sabores de frutas, petiscos e bebidas oferecidas pelos comerciantes.

Todavia, apenas com a observação participante não nos seria possível caracterizar o tipo de turista interessado nesta temática, nem as suas motivações. Portanto, foi realizado um questionário centrado no usufruto da oferta cultural existente na quadra natalícia, que permitiu, posteriormente, empreender uma análise estatística do tema.

Os questionários, que foram aplicados aos visitantes da Ilha da Madeira, têm como objetivo compreender o tipo de turista, as suas motivações e o seu interesse, em particular, pelo Natal.

2.3.1. Caracterização do contexto onde decorreu a ação

Os questionários que permitiram realizar esta parte do trabalho de investigação foram distribuídos em treze hotéis espalhados pela região. O primeiro foi o Hotel Dom Pedro Baía Club, seguido pelo Vila Galé Santa-Cruz, Four Views Oásis- Caniço, Dom Pedro Garajau, Ocean Gardens situado em São Gonçalo, a Estalagem Eira do Serrado, a Estalagem do Mar, situada em São Vicente, bem como a Estalagem do Vale, Hotel Moniz Sol e o Euro Moniz, que estão localizados no concelho do Porto Moniz. As últimas três instituições hoteleiras que contribuíram para a distribuição do presente questionário foram o Madeira Panorâmico Hotel, o Pestana e por fim a Quinta Bela de São Tiago. Indicados os hotéis que aceitaram participar, será útil, ainda que de forma sumária, -descrever os espaços físicos que contribuíram para a recolha de dados. A seguinte caracterização foi realizada através de observações realizadas nos espaços mencionados anteriormente e dados disponíveis nas suas páginas da Internet.

O Hotel Dom Pedro Baía Club é um hotel de quatro estrelas, com localização próxima do mar bem como das montanhas, oferecendo um ambiente sereno que proporciona ao visitante umas férias relaxantes. Está situado na cidade de Machico, considerada uma cidade calma com uma zona costeira histórica. Refere um hóspede que: “Tivemos uma estadia muito agradável no vosso hotel. A equipa foi simpática; a comida excelente e o quarto foi o melhor em que ficámos em muito tempo”¹⁴⁵.

O Hotel Vila Galé Santa-Cruz é considerado um hotel recente na cidade, visto ter sido inaugurado no ano de 2006, com categoria de quatro estrelas. Este situa-se em “cima do mar” e tem quartos modernos e acolhedores, tendo ainda uma vista impressionante sobre o Atlântico.

Situado na freguesia do Caniço, concelho de Santa-Cruz, encontra-se o Four Views Oásis, com uma localização muito próxima ao mar. Este oferece belas paisagens, com uma

¹⁴⁵ Disponível em: <http://www.dompedrobaiahotel.com/pt/guestcomments.html>- consultado a 06/06/2016

sublime visão sobre as Ilhas Desertas e também da Ponta de S. Lourenço, oferecendo um acesso direto a um percurso muito próximo do mar e uma variada oferta gastronómica, que no conjunto, faz com que este seja um dos principais eleitos para a estadia de quem procura umas férias sossegadas. Em relação ao Dom Pedro Garajau, que se situa entre o Caniço e o Funchal, ele desfruta de um clima ameno típico da costa Sul da Madeira, estando localizado numa área calma, com o aeroporto da Madeira a apenas 10 minutos de distância e a cidade do Funchal a 7 km.

Outro dos hotéis que nos ajudou nesta recolha foi o Ocean Gardens situado em São Gonçalo. A sua localização é de certo modo favorecida, pois oferece uma vista deslumbrante sobre a Baía do Funchal. Conta ainda com uma pequena gruta “datada do século XVII, que pertenceu à Guarnição da Fortaleza e era usada para albergar uma peça de artilharia que defendia dos piratas, a Baía do Funchal”.¹⁴⁶ Na quadra natalícia, costuma estar com “lotação esgotada devido à deslumbrante vista que tem sobre a baía do Funchal, local onde é lançado o tão conhecido fogo-de-artifício madeirense.”¹⁴⁷

O Hotel Eira do Serrado foi outra das escolhas para a distribuição do questionário por ser conhecido pela excelente hospitalidade entre os visitantes. Refere um dos respondentes “Dear Sirs, I would like to congratulate you for your hospitalty and all the kindness with which you always treated us. The professional way in which you handled everything was very much appreciated. Thank you!”¹⁴⁸ Por se encontrar rodeado de uma paisagem encantadora, hospeda turistas que procuram contacto com a natureza e um “ritmo mais lento” para as suas férias, sendo este um ponto perfeito para iniciar alguns dos melhores passeios pelas levadas da Madeira.

Na zona Norte da Ilha, mais precisamente no concelho de São Vicente, contou-se com a ajuda/colaboração das Estalagens do Mar e do Vale. A primeira encontra-se próxima ao mar, rodeada de montanhas, possibilitando desfrutar da beleza e calma que o local oferece. Em relação à Estalagem do Vale esta é uma unidade de turismo rural e conta com um passado histórico: “(...) que começou há cerca de 150 anos com uma casa senhorial, tendo também sido uma escola e utilizado como hospital quando a população local necessitou de serviços de

¹⁴⁶ Disponível em: <http://oceangardens.pt/site/>- consultado a 06/05/2016

¹⁴⁷ *Ibidem*

¹⁴⁸ Disponível em: <http://www.eiradoserrado.com/en/guest-comments.html>- consultado a 06/05/2016

saúde.”¹⁴⁹ Em relação à opinião dos hóspedes é maioritariamente positiva, consideram o sítio calmo, com uma boa localização e uma boa hospitalidade.

Refere um dos hóspedes que: “I have rarely encountered such friendly and obliging staff. The setting is beautiful and peaceful and it's central location means that all areas of the island are accessible after only an hour or so drive. The food is very good with an on site chef and the choice is varied and will appeal to all tastes. The staff are extremely professional and the readiness to help with any out of the ordinary requests has been refreshing. We came along during the new year celebrations and despite this very busy time, the extremely busy staff are always smiling and eager to please. This holiday has been wonderful and I cannot recommend the Estalagem Do Vale highly enough. We are looking looking to return.”¹⁵⁰

Ainda na zona Norte, foram entregues questionários em dois hotéis do concelho do Porto Moniz, mais precisamente o Moniz Sol e o Euro Moniz. São ambos procurados por aqueles que querem um sítio onde possam relaxar, passear a pé e desfrutar da beleza natural da ilha. As piscinas naturais são também uma forte atração para a escolha daquele local para se hospedar.

Excelentemente localizado numa zona privilegiada, encontra-se o Madeira Panorâmico Hotel que oferece um cenário deslumbrante sobre o mar, as montanhas e a cidade, transmitindo ao visitante calma e tranquilidade. Já o Hotel Pestana Casino Park acaba por oferecer uma simbiose entre a calma e a excitação, ou seja, para além do relaxamento, proporciona ainda momentos de agitação e puro divertimento com o seu casino.

Por fim, contámos ainda com a colaboração do Hotel Quinta Bela São Tiago, que “foi originalmente um tradicional solar madeirense, construído em 1834. Tornou-se a residência de uma família importante, na que era uma das zonas mais nobres do Funchal no final do século XIX.”¹⁵¹ Mesmo com as remodelações que sofreu ao longo do tempo, ainda no edifício original é possível observar a sua beleza arquitetónica que transmite ainda um ambiente de aconchego e conforto.

Sobre este hotel, refere um dos hóspedes que:

¹⁴⁹ Disponível em: <http://estalagemdovale.com/index.php/pt/>- consultado a 06/05/2016

¹⁵⁰ Disponível em: <http://estalagemdovale.com/index.php/pt/>- consultado a 06/05/2016

¹⁵¹ Disponível em: <http://www.quintabelasaotiago.com/pt/guestcomments.html>- consultado a 06/05/2016

“Caro Senhor(a), tivemos uma excelente estadia convosco até o dia 6 de janeiro. Muito obrigada pelas fantásticas férias. O Jantar de gala foi muito agradável, você e todo o pessoal não pouparam esforços para serem prestáveis e amigáveis. Estamos a pensar regressar para o Fim do Ano de 2010, e trazer a nossa filha connosco.”¹⁵²

2.4. Seleção do Instrumento de recolha de dados

O questionário aplicado nos hotéis acima mencionados é utilizado para transformar informação recolhida, através de perguntas a pessoas, em dados. Através deste método, é exequível avaliar o que um sujeito sabe, os seus valores e os seus pensamentos (crenças). Esta informação pode ser modificada para números ou dados quantitativos, usando práticas de escalas de atitudes e de avaliação, calculando a quantidade de indivíduos que concederam determinada resposta, criando dados de frequência¹⁵³.

Relativamente à sua elaboração, Tuckman (2000), menciona que o questionário necessita de ser construído de forma cautelosa. Em conformidade com esta afirmação, Carmo e Ferreira (1998) descreve um combinado de procedimentos a ter em conta como o número de perguntas: essas mesmas questões devem ser fechadas de modo a conseguir respostas mais objetivas não dando espaço para dúvidas; as questões devem ser de fácil compreensão. No final, deve existir por parte do investigador um certo cuidado em verificar se este abrange todos os pontos da problemática a questionar¹⁵⁴.

Para a construção do questionário, utilizado na presente dissertação, foram respeitadas as etapas referidas pelo autor anterior. Aquando da formulação das perguntas, decidimos utilizar diferentes tipos de questões. Utilizou-se questões fechadas, que segundo Ghiglione e Matalon (1993), devem ser apresentadas aos inquiridos, após a colocação da pergunta, uma lista de respostas possíveis; questões de produção numerada e escolha múltipla, com estas foi possível caracterizar a amostra em relação ao género, sexo, idade, grau de escolaridade, formação académica e situação profissional¹⁵⁵; questões de seleção de escolha múltipla composta, dando a escolher múltiplas respostas entre o conjunto das que são propostas e por

¹⁵² *Ibidem*

¹⁵³ Tuckman, B.W. *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000

¹⁵⁴ CARMO, H., FERREIRA, M. *Metodologia da Investigação: Guia para Auto – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta. 1998.

¹⁵⁵ Ghiglione, R., Matalon, B. *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora. 1993

fim, questões de seleção de ordenação, em que foi proposto uma série de afirmações para ordenar por grau de importância.

Procurámos, ainda, seguir a orientação de Bell (1997) de maneira a que o questionário possuísse instruções de preenchimento compreensíveis e quadrados para resposta. A aplicação do questionário foi por entrega direta, contando com a colaboração de instituições hoteleiras. Ao elaborar os questionários, pretendeu-se recolher informações de acordo com as questões que definimos para esta investigação.

2.4.1. Abordagem Metodológica

Para atingir os objetivos delineados para esta dissertação, decidiu-se, em termos de abordagem metodológica, por aplicar questionários a uma amostra representativa de turistas. O contexto em questão correspondia aos visitantes hospedados na Madeira, na época de natal e Ano Novo. Em termos dos locais de recolha, optou-se pelos hotéis referidos anteriormente no ponto 2.3.1., dado a maior facilidade de contacto com os turistas, via apoio da receção. Esta prática permitiria “chegar” ao nosso público-alvo de uma forma fácil, e tendo em conta que se trata de perguntas fechadas e um tempo de resposta reduzido, não seria necessário a presença de algum inquiridor. Desta forma seria possível obter de forma eficaz um número elevado de questionários respondidos.

Na seleção dos hotéis adotaram-se os seguintes procedimentos. Primeiro com base numa pesquisa efetuada ao nível da internet identificou-se uma lista de hotéis com números de telefone ou e-mail disponível. Posteriormente, com base na listagem efetuada no ponto anterior, entrou-se em contacto com a receção do hotel, de forma a pedir apoio na recolha. Foi possível obter a ajuda de cerca de 12 hotéis, indicada atrás no ponto 2.3.1.

O questionário incluía 4 secções principais. A primeira parte perguntava uma série de questões de natureza sócio-demográfico. A segunda parte, ligada diretamente ao tema desta tese, inquiria os respondentes sobre se tinha visitado ou não um presépio ou assistido a eventos de natal, quais as motivações relativas à cultura que mais os caracterizavam durante a estadia, quais as razões principais para visitar a ilha na época de Natal, quais as suas motivações em termos de valores de vida e quais as motivações para visitar um presépio. A terceira secção procurava saber se já teriam visitado um tour literário, qual o grau de esforço posto a procurar informação e quais os dias de estadia média e qual a sua companhia de viagem, entre outras questões. A quarta, e última seção, perguntava aos inquiridos sobre atividades realizadas, o grau de satisfação com a estadia e qual o interesse em visitar a ilha, entre outras questões.

Dado o peso das diversas nacionalidades da Europa Ocidental no conjunto dos turistas que nos visitam, o questionário foi traduzido para inglês. No total, a recolha resultou em cerca de 300 (315) questionários completos. Depois de atribuídos códigos às respostas, por exemplo, às respostas do género feminino foi dado o código 2 e às respostas do género masculino o código 1, os dados foram introduzidos no programa Excel e depois no programa estatístico SPSS, de forma a ser mais fácil calcular médias e cruzar variáveis.

As etapas da metodologia utilizada nesta dissertação têm uma limitação, dado que apenas os turistas alojados nos hotéis que aceitaram apoiar o estudo é que estão incluídos no total de respostas. Razões de custos não permitiram distribuir os questionários em toda a ilha.

CAPÍTULO III- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS OBTIDOS PELO QUESTIONÁRIO APLICADO

3.1. Introdução

Neste terceiro capítulo, iremos expor, analisar e interpretar os resultados da investigação realizada, considerando os objetivos definidos na introdução. Posto isto, e tendo em conta os dados reunidos, dividiu-se o capítulo em três subcapítulos, com o primeiro subcapítulo a incidir nos dados sociodemográficos (3.2.1), seguindo-se as motivações da viagem (3.2.2) e por fim a organização da viagem (3.2.3). Como referido acima, a presente dissertação procurava estudar o potencial de valorização dos recursos culturais visíveis no período de Natal e de ano Novo e verificar qual o interesse dos turistas para os desfrutar. Tanto quanto se conhece, trata-se do primeiro estudo nesta área, o que aponta para uma abordagem exploratória, aplicando questões relativamente gerais e simples. Na definição do questionário foram tidos em conta textos diversos identificados abaixo, e que se baseiam em estudos aplicados noutros países sobre o papel da cultura no desenvolvimento turístico.

As questões colocadas no início da presente dissertação foram: Qual a dimensão do interesse dos turistas nas festividades de Natal?; Quais as motivações para visitar um presépio?; Quais os turistas mais interessados em explorar os recursos culturais relativos ao Natal?; Qual o impacto das visitas a presépios e eventos em termos de satisfação?; Qual o papel da Literatura madeirense como fator de atratividade turística?.

Devido ao facto de se tratar de um estudo exploratório, resolveu-se optar por uma abordagem quantitativa em termos metodológicos. O facto de se pretender obter um vislumbre e aferir do interesse genérico dos turistas, via análise das respostas de uma amostra representativa de inquiridos, pesou de sobremaneira na opção retida. Em linha com outros estudos, razões de conveniência e de custo pesam também da escolha final em termos de metodologia.

A escala das motivações culturais foi retirada de Yolal e Negrusa (2012), que analisaram as motivações culturais de estudantes turcos para comparecer e frequentar eventos culturais e museus. A escala em questão inclui itens utilizados em alguns estudos chave na área do turismo, sobre as motivações para viajar e desfrutar dos destinos (Prentice, Davies, & Beeho, 1997; Poria, Butler, & Airey, 2006). A escala em questão inclui uma série de razões para viajar, que incluem motivos ligados á aprendizagem, usufruto de bens culturais, experimentar “coisas” novas, procura do prazer, entretenimento, relaxamento e repouso, razões

personais e motivos diversos. Os turistas inquiridos deveriam indicar numa escala de 1 a 7, em que medida o item foi importante na sua visita à Madeira. A escala atrás foi comparada com outros estudos que foi possível identificar nas bases de dados (sciencedirect) e teses de mestrado na área do turismo cultural. O objetivo desta questão era identificar quais as razões de natureza cultural mais importantes do ponto de vista dos turistas inquiridos.

Outra escala identificada em vários estudos respeita à Lista of Values. A mesma tem por objetivo identificar em que medida os valores chave que governam um indivíduo afetam as suas decisões e o seu comportamento no que diz respeito às escolhas de lazer e entretenimento. A escala inserida baseia-se em Li e Cai (2012) que por sua vez baseiam a sua análise no trabalho escrito de Kahle (1983).

A motivação para visitar presépios foi definida com base numa escala de 8 itens/declarações, baseadas em Taheri et al (2014) e Gould et al (2008). A escala de Gould et al (2008) tem por objetivo estudar as atividades de lazer empreendidas de forma séria. No original o título refere “serious leisure activities”, dado serem aplicados a quem mostra um elevado grau de motivação, envolvimento e muito frequentemente grande destreza numa atividade.

Quadro 1: Referências de base relativas às diversas questões incluídas no instrumento de medida

Questão	Objetivo	Referência
Motivações relativas ao usufruto de bens culturais	Identificar as razões predominantes, entre estéticas, divertimento/lazer, socialização com familiares e amigos, etc, que motivam o interesse em visitar/desfrutar/conhecer	Taheri et al (2014); Baloglu (2001), Gursoy e McCleary (2004); Falk et al (2011); Baloglu e Uysal (1996); Park e Yoon (2009); Peterson (2005); Yolal e Negrusa (2012)
Listo of Values	Identificar quais os valores predominantes (Valores orientados para si próprios ou Valores sociais) na definição do comportamento dos inquiridos	Madrigal e Kahle (1994); Cardoso e Costa (2012); Kamakure e Novak (1992); Simões et al (1992)
Motivações para visitar a ilha		Taheri et al (2014); Prentice (2004),
Motivações intrínsecas para visitar presépio	Identificar a natureza das motivações que levaram os turistas a visitar um presépio ou a assistir a evento de natal	Gould et al (2008); Taheri et al (2014)
Visitas a festivais literários; seleção de destino devido a relação com escritor; tipos de atividades realizada; Indicadores de satisfação e intenções de revisita	Identificação da experiência dos turistas inquiridos na frequência de festivais literários, e na relação do destino com escritores e outros recursos culturais; Indicação do esforço na pesquisa de informação	Chan e Goldthorpe (200); Guedes e Jiménez (2015); Lehtimäki (2008); Carson et al (2013); Squire, 1991; Chinag e Yeh (2011); Ontario Arts Council (2012); Chlabru et al (2013); Connel e Meyer (2009)
Indicadores relativos á organização da Viagem e Dados sócio-demográficos	Identificação do perfil básicos dos turistas inquiridos; Identificação	Li e Cai (2012); Kim et al (2007); Herbet (1996)

3.2. Resultados

3.2.1. Dados sócio-demográfico

3.2.1.1. Distribuição da amostra por nacionalidade

Tendo em conta a distribuição da amostra por nacionalidade, constata-se um peso “excessivo” de turistas de nacionalidade francesa face ao que seria de esperar, tendo em conta a distribuição por nacionalidades (ver Quadro 2). Deve ser referido que a atenção em termos de recolha de dados recaiu sobre as quatro nacionalidades chave, ou seja, britânicos, alemães, franceses e portugueses. No seu conjunto, estas nacionalidades correspondem a cerca de 70% do total de hóspedes (2).

Quadro 2: Distribuição da amostra por nacionalidade

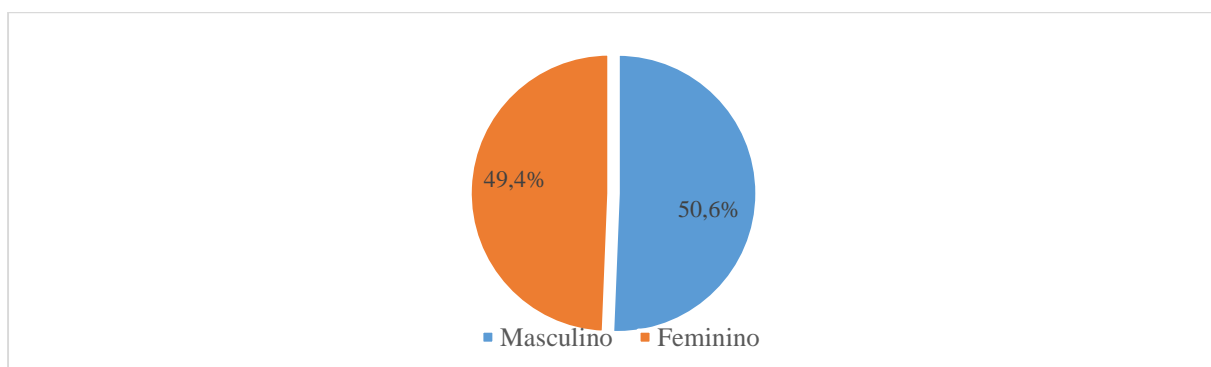
Nacionalidades	Perc.
Britânica	35%
Alemã	21%
Portuguesa	21%
Francesa	22%

Antes de iniciar a descrição dos resultados obtidos e de introduzir um comentário aos mesmos, introduz-se a caracterização da amostra no que se refere ao perfil sociodemográfico.

3.2.1.2. Idade, género, estado civil e níveis de rendimento

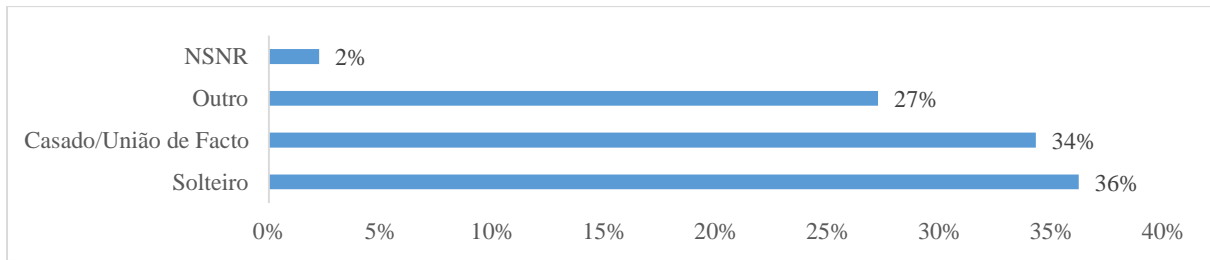
Em termos de divisão por género atesta-se uma repartição equilibrada da amostra, com um pequeno excesso de inquiridos do grupo masculino (Ver Gráfico 1).

Gráfico 1: Distribuição da Amostra por género



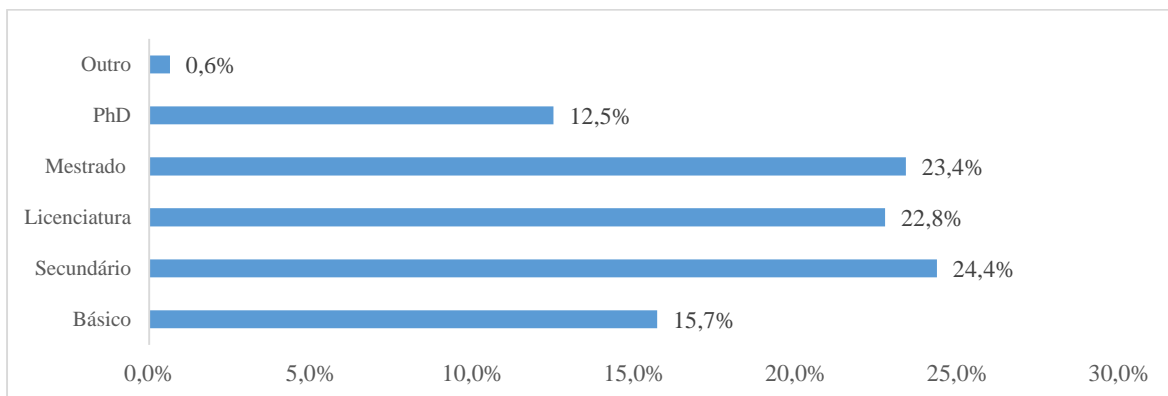
Em relação à repartição da amostra relativamente ao Estado Civil, comprova-se um peso “exagerado” da categoria “Outros” (27%), face ao que seria de esperar tendo em conta dados constantes de estudos anteriores, onde se verifica um peso predominante da categoria “Casados” (ver Gráfico 2). Os casados correspondem a 34% dos inquiridos, com os solteiros a equivaler a 36% dos averiguados. Todavia, importa mencionar que a recolha decorreu em Dezembro e Janeiro, período baixo do turismo regional, com maior peso das categorias de idade superiores, o que poderá justificar um maior peso de categorias como viúvo e divorciado. Caso se adicionem as categorias “casado” e “outro” obtém-se um resultado de 61%.

Gráfico 2: Distribuição da Amostra por Estado Civil



Comparativamente à formação académica, é visível um peso considerável das categorias “Licenciatura”, “Mestrado” e “Doutoramento” (Gráfico 3). No que diz respeito à categoria “Básico” (15,7%) deve ser reconhecido que se trata de um número “exagerado” face ao que seria esperado, o que poderá ser explicado pelo número significativo de turistas com 50 anos ou mais e logo com menor escolaridade. No entanto é de destacar o peso das categorias Mestrado (23,4%) e “PhD” (12,5%), dado que, serão os turistas com maior potencial de interesse nos recursos culturais do destino. Os resultados obtidos vão de encontro ao Estudo sobre o Gasto turístico na Madeira¹⁵⁶.

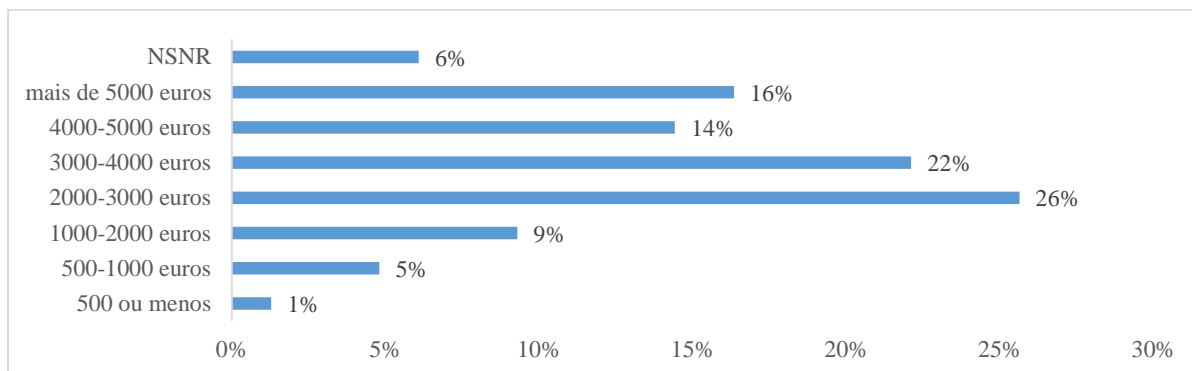
Gráfico 3: Distribuição da Amostra por nível de qualificação académica



Tendo em conta o rendimento médio indicado no questionário pelos inquiridos e no que se refere ao seu estatuto sócio-profissional, os dados obtidos sugerem um elevado poder de compra (Gráfico 4). Cerca de 62% da amostra recebe entre 2000 e 4000 euros, evidentemente acima do rendimento médio em Portugal mas semelhante aos níveis de rendimento médio nos países de origem. O nível de rendimento médio avaliado ronda os 3697 euros, sendo possível calcular diferenças em termos de nacionalidade.

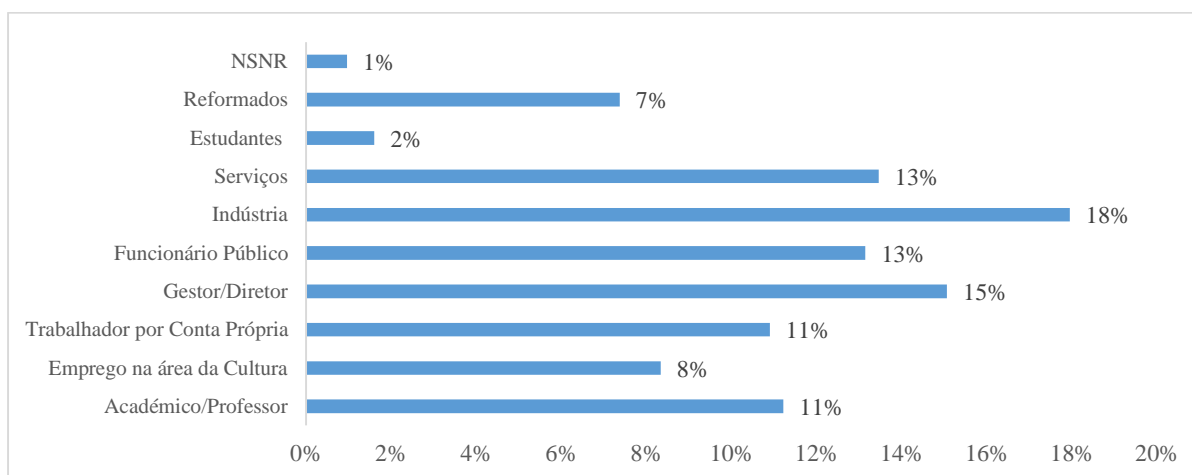
¹⁵⁶ <https://cld.pt/dl/download/e5c9d4e1-0ca6-4b90-a672-5008e84ab6c3/gasto%20turista%202003-2004.pdf>

Gráfico 4: Níveis de rendimento



No que diz respeito ao contexto profissional dos inquiridos (Ver Gráfico 5), os resultados mostram que cerca de 8% dos mesmos, indicam no questionário um emprego na área da cultura. Em termos europeus, a percentagem de emprego nesta mesma área é de cerca de 3,3%. Caso se considere que a amostra inclui um número elevado de turistas com mestrado ou doutoramento, pode ser aceite o valor de 8% como plausível.

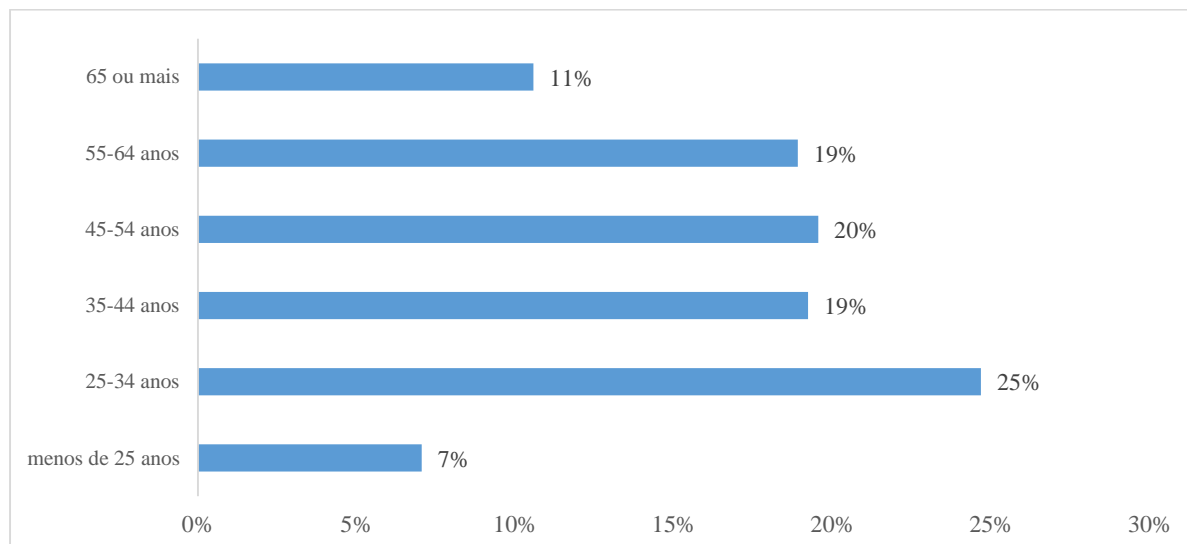
Gráfico 5: Distribuição da Amostra por contexto Socioprofissional



Em termos de idade, os dados sugerem uma média de 45 anos. Porém em termos de escalões etários (Gráfico 6), predomina a faixa dos 25 aos 34 anos, embora os resultados do SPSS mostrem que a maioria dos turistas indicam uma idade na faixa dos 45 anos ou mais. O peso da faixa 25-34 anos pode ajudar a compreender os resultados obtidos, acima, com a

variável “Estado Civil”. A maioria dos turistas com idades entre os 25 e os 34 anos poderá ter dificuldades em responder à questão “casado” ou “solteiro”.

Gráfico 6: Distribuição da Amostra por escalões etários



Portanto, os dados apontam para uma amostra, cujo perfil sociodemográfico corresponde de grosso modo aos dados avaliados em estudos anteriores¹⁵⁷, no que se refere à idade média, ao rendimento e ao estatuto sócio-profissional. É de destacar o número significativo dos indivíduos com nível de escolaridade acima da média, assim como os inquiridos com experiências profissionais na área da cultura e/ou docência/academia.

Deve ser ainda referido o nível de rendimento médio indicado pelos inquiridos, dado que valores elevados indiciam maior capacidade de compra e potencialmente maior interesse para a exploração dos recursos culturais.

¹⁵⁷ *Estudo sobre o Gasto Turístico na Madeira*, disponível em: file:///C:/Users/candi_000/Downloads/2-Estudo_Gasto_Turistico.pdf, consultado a: 12/06/2016

Documento Estratégico para o Turismo na RAM (2015-2020), disponível em: http://ceim.pt/wp-content/uploads/2015/01/doc_estrategico_turismo_ram.pdf, consultado a: 12/06/2016

3.2.2. Motivações de Viagem

Relativamente às motivações para visitar a ilha, os resultados mostram questões relativas à imagem geral da ilha, questões de comodidade e de oportunidade emergem como mais relevantes (ver Quadro 3). Em linha com outros estudos¹⁵⁸, constata-se novamente ser a questão da qualidade do parque hoteleiro muito importante. De seguida, e em linha com as expectativas, a deslocação à ilha neste período relaciona-se com a oportunidade de desfrutar da época de natal e de todos os eventos associados ao mesmo. Ainda, questões relativas ao explorar da cultura, num clima de segurança e em companhia da família, surgem igualmente no topo.

De forma curiosa, aspetos como o relaxamento e o descanso surgem no fim da tabela. Estes resultados podem ser entendidos tendo em conta a data da recolha de dados, ou seja, esta foi realizada no final do ano, período em que questões relativas ao descanso típico das férias não surgem tanto em destaque, como no período de “férias grandes”. De forma geral, os dados parecem indicar que uma maioria dos inquiridos estaria disposto e pronto a explorar os recursos culturais da ilha, nomeadamente a literatura regional.

¹⁵⁸ *Estudo sobre o Gasto Turístico na Madeira*, disponível em: file:///C:/Users/candi_000/Downloads/2-Estudo_Gasto_Turistico.pdf, consultado a: 12/06/2016

Quadro 3: Motivações para visitar a Ilha

Motivação	Média
Qualidade dos hotéis	6,601942
Desfrutar da época de Natal e Fim de Ano num destino diferente	6,592233
Desfrutar da beleza da ilha e das suas paisagens	6,582524
Acolhimento e hospitalidade da população local	6,559871
Atmosfera nova e exótica	6,548387
Obter uma compreensão profunda e imergir na cultura local	6,525974
Escapar da rotina diária e descobrir coisas novas e excitantes	6,525974
Visitar museus e outras atrações locais	6,522727
Destino seguro para visitar com a família	6,517799
Desfrutar de entretenimento cultural e festivo	6,508143
Principalmente por razões de lazer e para aprender sobre a cultura local	6,375405
Preços competitivos e atrativos	6,308442
Destino especial e diferente	6,299674
Aprender sobre a cultura local	6,291262
Aprender sobre a literatura local	6,224756
Sentir a atmosfera especial do destino	5,651613
Visitar um lugar relacionado com os meus interesses e hábitos de lazer	5,616129
Observar os residentes na ilha no seu dia- a -dia	5,577419
Aprender coisas novas ou aumentar a minha cultura geral	5,521036
Experimentar algo diferente	5,469256
Para poder falar sobre o destino no regresso	5,419355
Compreender-me melhor	5,354839
Dar a conhecer a outros que visitei este destino	5,322581
Compras	5,300971
Sentir harmonia e paz interior	5,3
Desenvolver competências e habilidades	5,225806
Visitar um lugar que os meus amigos ainda não visitaram	5,193548
Desfrutar de momento de luxo	5,174194
Ganhar um sentido de realização	5,145161
Fazer coisas com os meus amigos e familiares	4,112903
Oportunidade para aprender alguma coisa sobre a cultura local e modo de vida	4,019481
Relaxar e descansar	3,980583
Afastar-me da pressão do trabalho	3,970874
Conhecer e contactar com a população local	3,96129
Poder ter experiências inesperadas	3,857605
Sentir excitação na sequência de novas experiências	3,839869
Estar livre para agir em conformidade com o que sinto	3,781046
Ter uma experiência de aventura e ousadia	3,67541

Em termos de motivações para explorar os bens culturais da Ilha (visitar presépios), os dados indicam que as razões que giram à volta da apreciação que o destino suscita junto dos inquiridos, mais o desejo de incrementar os conhecimentos de índole cultural, são as principais atrações ou razões para visitar, ou seja, muitos dos inquiridos explorarão os recursos culturais pela simples razão que julgam o destino interessante (ver Quadro 4). O impacto do Natal propriamente dito aparece no fundo da tabela, o que sugere que as férias no período em apreço não são entendidas como um espaço de aventura, de confronto com o desconhecido, e de descoberta cultural consistente e “séria”, mas sim um período de usufruto do Natal e das ofertas que este oferece aos visitantes, de contemplação na natureza e de procura de conforto, encontrando-se também no fim da lista questões relativas a experiências novas, sentir excitação, o inesperado, e agir de forma livre conforme as circunstâncias. Constatou-se ainda que a estadia na região durante o período de Natal não se relaciona com a possibilidade de desfrutar desta quadra na região, como poderá acontecer aquando visitas a lugares onde residem familiares.

Quadro 4: Motivações para visitar/contatar com bens culturais na Madeira

Motivação	Média
Porque adoro a Madeira, nos seus diversos aspetos	5,401929
Para alargar a minha cultura geral	5,33871
Devido às características físicas do monumento e/ou evento	5,307692
Desejo aprender sobre a cultura local	5,299035
Devido ao background histórico dos Presépios	5,263666
A cultura madeirense também é parte da minha cultura	5,26045
Porque se proporcionou, sem estar previsto	5,251613
Como parte de um tour organizado	5,245955
Para contribuir para a preservação do capital cultural para a próxima geração	5,232258
Para estar com pessoas que têm interesses similares	5,227273
Para relaxar	5,215434
Considero importante visitar lugares “culturais” durante as minhas férias	5,196774
Para estar com pessoas que se querem divertir	5,193548
Para acompanhar amigos/familiares	5,187702
Porque adoro a época festiva do Natal	5,187702
Porque desejava divertir-me um bocado	5,176849
Para estar junto de pessoas que gostam das mesmas coisas	5,142395
Desejo sentir-me emocionalmente envolvido	5,122581
Porque desejava sair da rotina	5,054662
Para partilhar a experiência com os meus amigos	4,941748

Uma comparação de médias relativas às motivações culturais, entre as primeiras visitas e os repetentes mostra serem estes últimos os mais interessados e motivados para explorar os recursos culturais da ilha. Pode ainda ser dito existir um carinho especial pelo destino que motiva os turistas, em especial os repentes, a avançar para a exploração da totalidade dos recursos. Os resultados indicam, por exemplo, que as motivações, expressas pela soma dos diferentes itens incluídos no quadro 4, permitem compreender a questão de visitar ou não um presépio. Comparando as médias de quem visitou um presépio (ou não) e de quem assistiu a eventos de Natal (ou não), fica evidente que turistas mais motivados para visitar os recursos culturais mostram mais interesse a visitar mais os presépios. Ou seja, quem indica no questionário um nível superior de motivações para explorar os recursos culturais tende a assistir mais a eventos de natal e a visitar presépios. A análise fatorial das motivações para visitar os recursos culturais indica a existência de 4 razões chave, a saber, satisfação emocional, aprendizagem, relaxamento e convívio/socialização (ver Quadro 5).

Quadro 5: Análise fatorial das motivações para visitar os recursos culturais da Ilha

Item	Média		1	2	3	4
Desejo sentir-me emocionalmente envolvido	5,12	q226	,445	,125	,308	,020
Para contribuir para a preservação do capital cultural para a próxima geração	5,23	q227	,613	,245	-,014	,115
Devido às características físicas do monumento e/ou evento	5,31	q228	,711	,209	-,190	-,053
Para acompanhar amigos/familiares	5,19	q2214	,536	-,044	,330	,144
Porque adoro a época festiva do Natal	5,19	q2218	,577	,025	,184	,152
Considero importante visitar lugares “culturais” durante as minhas férias	5,20	q221	,098	,691	-,162	,269
Desejo aprender sobre a cultura local	5,30	q222	,125	,694	,142	-,070
Para alargar a minha cultura geral	5,34	q224	,107	,727	,140	-,070
Porque desejava sair da rotina	5,05	q229	,150	,430	,251	,210
Para relaxar	5,22	q2211	,090	,189	,704	-,046
Como parte de um tour organizado	5,25	q2212	,079	,029	,735	,157
Para estar junto de pessoas que gostam das mesmas coisas	5,14	q2215	,272	,060	,085	,644
Para estar com pessoas que têm interesses similares	5,23	q2216	-,011	,051	,050	,828

O Fator 1, designado “experiência emocional”, inclui os itens “Desejo de sentir-se emocionalmente envolvido”, “Para contribuir para a preservação do capital cultural para a

próxima geração”, “Devido às características físicas do monumento e/ou evento”, “Para acompanhar amigos/familiares” e “Porque adoro a época festiva do Natal”. De maneira geral, este fator refere-se ao lado mais afetivo da experiência de visita a um presépio.

O Fator 2, designado, “aprendizagem”, engloba os itens “Considero importante visitar lugares “culturais” durante as minhas férias”, “Desejo aprender sobre a cultura local”, e “Para alargar a minha cultura geral”, que no geral englobam motivações relativas ao ensejo de utilizar as férias como ponte para apreender e contactar, ainda que superficialmente com a cultura local.

O Fator 3, designado por “relaxamento”, engloba os itens “Para relaxar” “Como parte de um tour organizado”. Visitas a presépios emergem como fator de distração, e engajamento superficial como a oferta cultural, contexto que é especialmente oferecido no contexto de visitas organizadas.

Por fim, o Fator 4 engloba os itens “Para estar junto de pessoas que gostam das mesmas coisas” e “Para estar com pessoas que têm interesses similares” e designa-se por “socialização entre pares”.

A análise fatorial explica cerca de 49,7% da variância. Esta, no que diz respeito aos fatores culturais permite agrupar as motivações em quatro grandes grupos, a saber: emocionais, aprendizagem, relaxamento e socialização. Portanto, os resultados obtidos sugerem um elevado grau de interesse e motivação, em geral, para explorar os recursos culturais do destino. Os resultados mostram ainda que questões que se referem às possibilidades de aprendizagem emergem como prioritárias na cabeça dos turistas.

As motivações podem ainda ser apreciadas de outra forma. Em relação ao tipo de atividades indicadas como “efetuadas” ou a realizar no período de estadia na Madeira, a maioria indica as seguintes: “Visitas a sítios e edifícios de interesse histórico” (53%), “Visitas a catedrais e igrejas” (47%), “Visitas a atrações como Jardins” (47%) e “Levadas” (46%), o que corresponde, de grosso modo ao que seria expectável.

Tabela 1: Atividades efetuadas/a efetuar

Assistência/visita a locais de artesanato	45%	Visitas a teatros	43%
Visitas a sítios e edifícios históricos	53%	Participação nas Tradições de Natal	49%
Visitas a pontos de interesse do ponto de vistas arquitetónico e patrimonial	45%	Visitas a Catedrais e Igrejas	47%
Visitas a museus	46%	Visitas a galerias de Arte	35%
Visitas a atrações como jardins	47%	Levadas	46%
Assistências a espetáculos culturais	40%	Prática de desportos outdoor	43%
Assistência e conhecimento de tradições locais	44%	Visita a um presépio de Natal	50%

3.2.2.1. A experiência do Natal

Duas das perguntas essenciais para compreender a relação dos turistas com o período em apreço faziam referência à participação dos mesmos em eventos de Natal e visitas a presépios. Na tabela 1, constam dados sobre as diferentes atividades realizadas. Como é possível ver, um número apreciável de turísticas terá visitado museus, edifícios/ruas de interesse arquitetónico e patrimonial, catedrais e igrejas, jardins, atividades que podem ser realizadas em qualquer altura do ano. Embora os resultados indiquem um certo grau de interesse e disponibilidade para pagar, faltam questões mais dirigidas ao Natal. Cerca de 50% dos inquiridos indica ter visitado um Presépio de Natal.

Os resultados por nacionalidade indicam resultados interessantes, com cerca de metade dos turistas a indicar uma resposta alternativa. Os resultados obtidos podem ser considerados como dececionantes tendo em conta a importância que os presépios têm no período natalício e as expectativas iniciais quando se iniciou a dissertação. Para compreender os resultados será útil ter em conta a relativa secundarização, na promoção do destino. O Natal, face à passagem de ano e fogo-de-artifício, é de carácter religioso e de convívio familiar sendo vivido de forma intimista e com grande foco na gastronomia. Os resultados até podem ser considerados como promissores e expressão um grau de interesse muito grande na questão, até porque não existe um volume de promoção muito grande nem grande visibilidade externa do Natal.

Relativamente a outras variáveis¹⁵⁹, inseridas no quadro 6, os resultados mostram que:

- a) As variáveis idade, género e escolaridade não são relevantes para explicar diferenças entre os que visitaram e os que não visitaram um presépio;
- b) Os turistas com maior nível de rendimento mostram menos interesse nos presépios;
- c) Quem indica maior interesse em visitar a região e quem demonstra maior interesse nos recursos culturais da ilha, acaba por visitar e estar mais interessado nos presépios;
- d) Quem já visitou um tour literário ou participou em festivais literários demonstra um menor grau de interesse no assunto;
- e) Quem indica maior grau de satisfação com a estadia e maior interesse em retornar, mostra um maior grau de interesse nos presépios.

Portanto, os resultados indicam que o grau de motivação, medido através da soma das diferentes motivações parece ser o fator decisivo a influenciar os turistas a visitar um presépio.

¹⁵⁹ Os resultados obtidos nesta seção resultam da comparação de médias, efetuadas com base no SPSS.

Tanto o poder de compra como a sensibilidade para as questões culturais e literárias, medidas através da participação ou não em festivais literários e tours não surgem como relevantes. Ou seja, os resultados indicam que os eventos natalícios não serão suficientemente atrativos para motivar os turistas com maior experiência em temas culturais a apreciá-los, sugerem antes que é o apelo do destino como um todo que motiva os turistas a explorar os recursos existentes. Alguns turistas poderão visitar presépios e participar em atividades de natal quase por acaso, em resultado de reparem em “ajuntamentos de pessoas” no decurso das suas deambulações urbanas.

Quadro 6: Assistência a eventos de Natal

Variável	Signific.	Testes	Observações
Idade	Não;0,879	Médias	Média idades:45,4/45,6
Género	Não;0,258	Qui-quadrado	Homens: 50%sim/50%não Mulheres:54%sim;46%não
Escolaridade	Não;0,235	Qui-quadrado	Licenciatura:51%sim/49%não Sem Licenciatura:56%sim/44%não
Situação laboral			
Rendimento	Sim;0,032	Médias	4,64/5,01
Motivação Cultural	Sim;0,006	Médias	107,5/102,4
Motivação geral para visitar a ilha	Sim;0,046	Médias	209,4/201,8
Visita a festival literário	Sim:0,002	Qui-quadrado	38% visita presépio
Participação em tour literário	Sim: 0,002	Qui-quadrado	46% visita presépio
Conhecimento de escritor madeirense	Não:0,128	Qui-quadrado	49% visita presépio
Viaja sozinho	Sim:0,050	Qui-quadrado	47%sim;53%não
Viaja com família	Não:0,208	Qui-quadrado	55%sim;45%não
Viaja com amigos	Não:0,501	Qui-quadrado	54%sim;46%não
Viaja com crianças	Não:0,548	Qui-quadrado	53%sim;não47%
Primeira Visita	Não:0,158	Qui-quadrado	49%sim;51%não
Despesa Diária	Não:0,667	Médias	113,7/110,3
Número total de atividades	Não:0,667	Médias	
Satisfação com a estadia	Sim:0,018	Médias	7,1/6,64
Probabilidade de retorno	Sim:0,011	Médias	7,13/6,64
Probabilidade de recomendar	Não:0,294	Médias	6,96/6,77

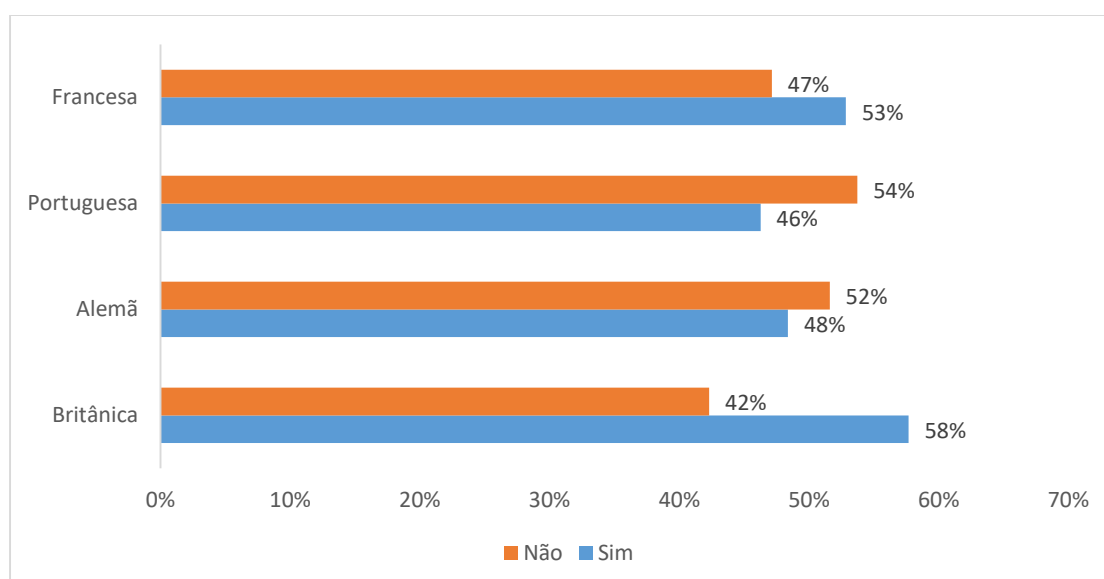
Relativamente à assistência a eventos de Natal (ver Quadro 6), e numa tentativa de encontrar variáveis que possam identificar quem assistiu de quem não assistiu utilizaram-se o teste de médios e o teste do Qui-quadrado para identificar diferenças.

Quadro 7: Visitou Presépios vs. Assistiu a eventos de Natal

	Assistiu	Não assistiu
Visitou	31%	22%
Não Visitou	22%	25%

O quadro 7 permite identificar o número de inquiridos que visitou presépios e que terá simultaneamente participado em eventos de Natal. Cerca de 31% dos turistas inquiridos participou em simultâneo nas duas atividades “Visita a presépio de natal” e “Assistência a eventos de Natal”. Cerca de 22% visitou um presépio, mas não assistiu a um evento de Natal; cerca de 22% não visitou um presépio, mas terá assistido a um evento de Natal. Cerca de 25% dos turistas não terá participado em eventos de natal nem visitado um presépio. Pelo que se pode concluir que cerca de 75% dos turistas que responderam a este questionário, tiveram contacto com um dos eventos alusivos à época natalícia, o que não deixa de ser um resultado muito positivo. Relativamente á assistência a eventos de Natal, cerca de 56% das primeiras visitas declara ter assistido a eventos de natal. Relativamente aos repetentes, os números são semelhantes (50%/50%).

Gráfico 7: Visitas a presépios por nacionalidade



Cerca de 51,3% dos turistas que responderam diz ter assistido a eventos relativos à época de Natal. Consta-se serem os turistas de nacionalidade britânica quem mais visitou um presépio seguido pelos turistas de nacionalidade alemã.

Quadro 8: Diferença de médias- Motivações Culturais vs Visitou/ Não visitou presépios

		t	Sig
Sim	107,5	2,757	0,006
Não	102,5		

Como referido acima, os resultados da análise das diferenças de médias mostram que os turistas que visitaram um Presépio estão mais motivados para visitar/explorar dos recursos culturais existentes (ver Quadro 8).

Os números indicam ainda que das primeiras visitas, cerca de 49% declara ter visitado um presépio, com 51% a responder negativamente. Contrariamente, cerca de 55% das visitas repetidas declara ter visitado um Presépio, o que mostra que os repetentes demonstram maior interesse pelo fenómeno do Natal, indicando, portanto, que a repetência da visita aumenta o grau de probabilidade de se envolver nesta experiência natalícia.

Em termos dos valores orientadores das opções de vida (Quadro 9), os valores médios apontam para uma concordância entre os inquiridos, salientando-se as categorias “Divertimento e prazer na vida”, “Segurança” e “Auto-realização” como sendo as mais referidas, estes dados devem ser tidos em conta na promoção do evento de Natal, de forma a salientar os aspetos mais relevantes do ponto de vista dos inquiridos.

Quadro 9: Motivações/expetativas relativamente à “vida”

Item	Média
Ser respeitado	6,21
Divertimento e prazer na vida	6,33
Auto-respeito	6,17
Sentido de realização	6,31
Segurança	6,32
Auto-realização	6,32
Relações calorosas com os outros	6,25
Sentido de pertença	6,23
Excitação	6,24

Tendo em conta os motivos para visitar um presépio e/ou museu (Quadro 10) destacam-se os aspetos: “experiência reconfortante e revigorante”, possivelmente por inspirar ao visitante os tais sentimentos referenciados ao longo da dissertação (fé, família e saudade), e o facto de ser uma “experiência enriquecedora”, visto que estão em contacto com uma cultura diferente daquela que conhecem, tal como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro 10: Motivos para visitar um Presépio e/ou Museu

Item	Média
Visitar este museu/presépio ajuda-me a expressar quem sou	4,42
Visitar este museu/presépio permite-me mostrar o meu conhecimento	4,32
Visitar este museu/presépio tem um efeito positivo sobre como me sinto acerca de mim	4,45
Visitar este museu/presépio permite-me interagir com outros interessados nas mesmas coisas	4,67
Visitar este museu/presépio dá-me muito gozo	4,64
Visitar este museu/presépio dá-me muita satisfação	4,48
Visitar este museu/presépio é uma experiência reconfortante e revigorante	4,92
Visitar este museu/presépio é uma experiência enriquecedora	4,77

3.2.3. Organização da Viagem

O quadro abaixo (11) descreve algumas variáveis essenciais para compreender o processo de organização/compra da viagem. De grosso modo os turistas inquiridos permanecem cerca de 13 dias, o que sugere a possibilidade de desfrutar de um leque abrangente de recursos, caso exista motivação e oportunidade para tal. Os resultados obtidos indicam claramente existir campo para explorar os recursos locais, dado que um número importante de inquiridos demonstra interesse e apetência pela questão da exploração dos recursos culturais. È de referir que a duração da estada sugere que existe tempo suficiente para os turistas descobrirem a oferta cultural da região. Um número importante viaja sozinho e para cerca de 42% trata-se da primeira visita à região. A maioria planeou a viagem com bastante tempo de antecedência, o que sugere várias possibilidades para pesquisar sobre a região.

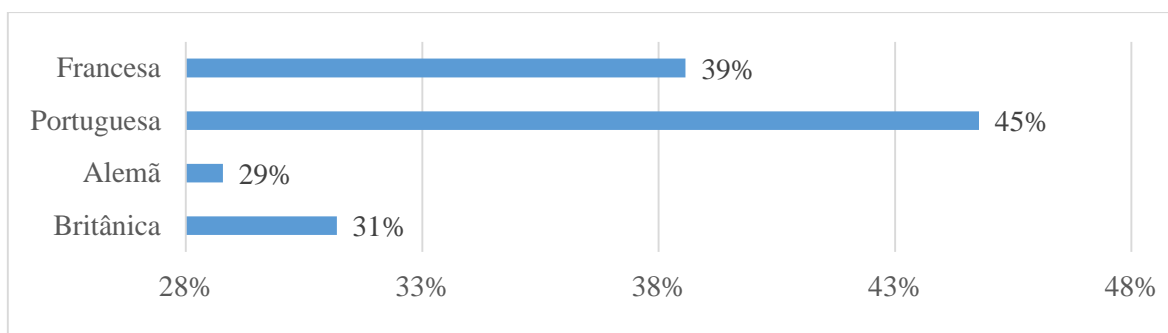
Quadro 11: Organização da Viagem

Variável	
Estadia	12,6 dias
Companhia de Viagem	
Sozinho	41,50%
Família	50,20%
Amigos	24,90%
Adultos	?
Crianças (sem crianças)	74%
Número de crianças	?
Antecedência de planificação da viagem	
Uma semana	21,10%
Um mês	27,50%
Vários meses	29,70%
Um ano	18,50%
Regime de Alojamento	16,90%
Tudo incluído	17,60%
Pensão completa	18,80%
Meia Pensão	22,70%
B&B	20,30%
Apenas alojamento	3,19%
Primeira Visita à RAM	41,90%
Tipo de hotel	
Rural	38,70%
Citadino	56,50%
Despesa Diária	107,6 euros

Relativamente a outros detalhes sobre o processo de organização da viagem será útil considerar o seguinte. Cerca de 25% dos inquiridos responde positivamente, no que respeita a visitas a festivais literários. Relativamente ao conhecimento/desconhecimento de escritores madeirenses, cerca de 35% dos inquiridos mostra ter “conhecimento” de um escritor madeirense (ver Gráfico 8). Em termos de nacionalidade, constata-se, em linha com o esperado serem os inquiridos de nacionalidade portuguesa quem mais indica “conhecer”.

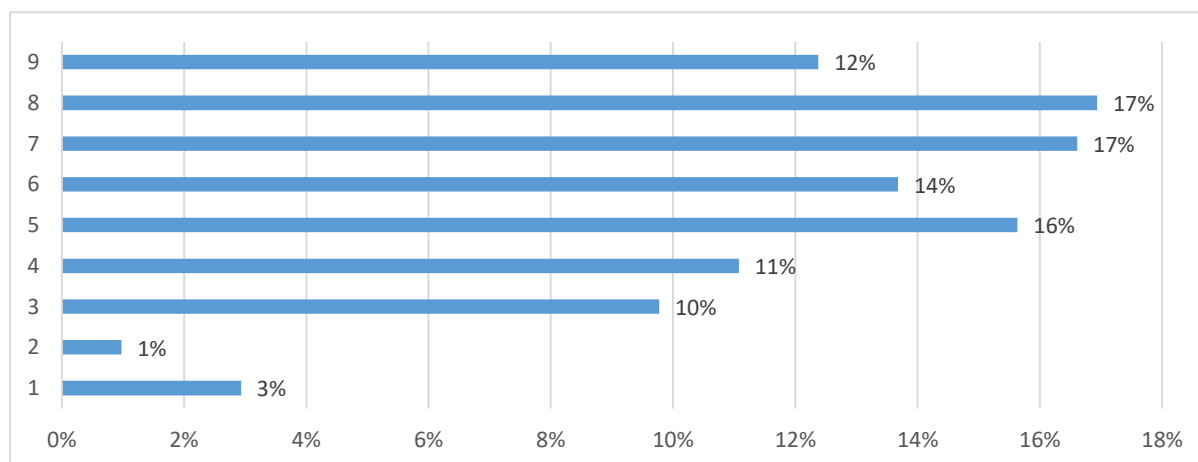
Os resultados, muito acima do que se esperaria, sugerem que existe interesse, ou uma leitura cuidada dos guias de viagem e de outra informação relevante sobre o destino antes de realizar a viagem.

Gráfico 8: Percentagem de inquiridos conhecedores de um escritor madeirense



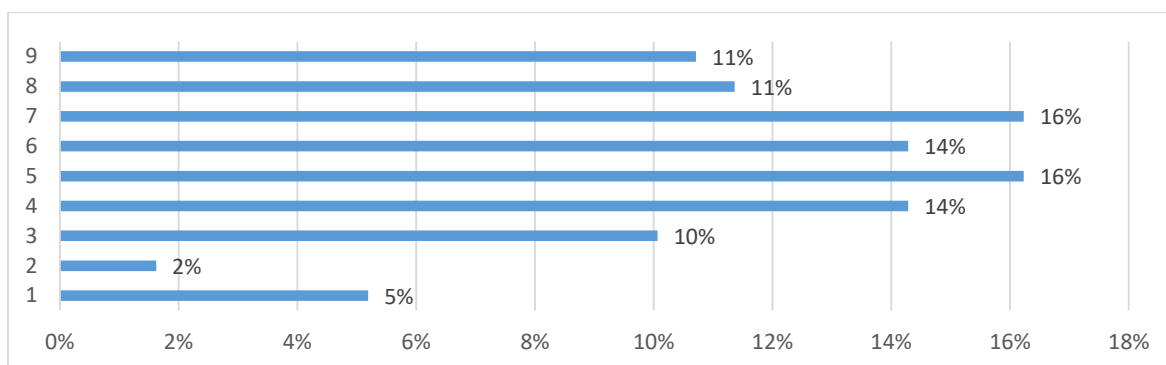
Os gráficos abaixo permitem verificar em pormenor quais as respostas a um conjunto de perguntas adicionais, para além das expostas acima, que permitem compreender o processo de tomada de decisão. No que se refere à pesquisa de informação, verifica-se que a maioria terá despendido muito tempo a pesquisar informação sobre a cultura local.

Gráfico 9: Importância dada à Cultura Madeirense ao pesquisar informação



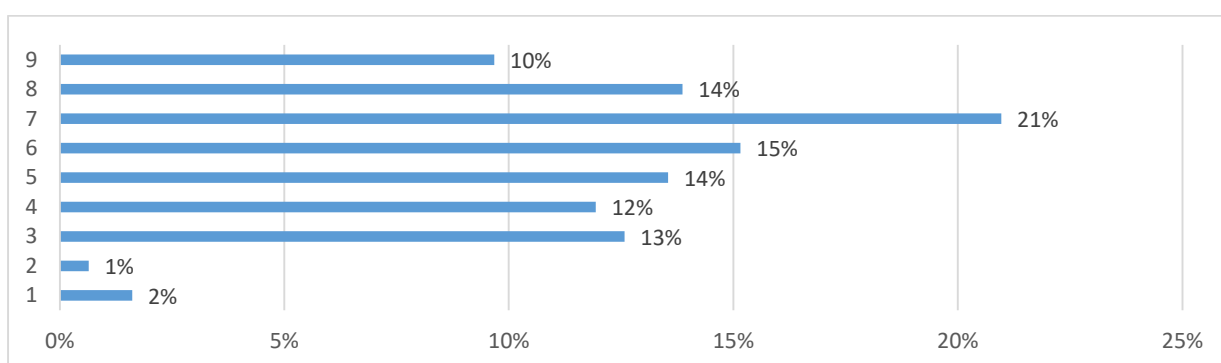
Os resultados indicam que um número razoável de turistas demonstra muito interesse na questão da cultura madeirense. Caso se considere o número 5 como neutro, e os números 6 e 7 como indicando um nível razoável de interesse e os números 8 e 9 a indicar muito interesse, 30% dos turistas indica um interesse razoável e 22% muito interesse.

Gráfico 10: Grau de importância dada à Literatura Madeirense



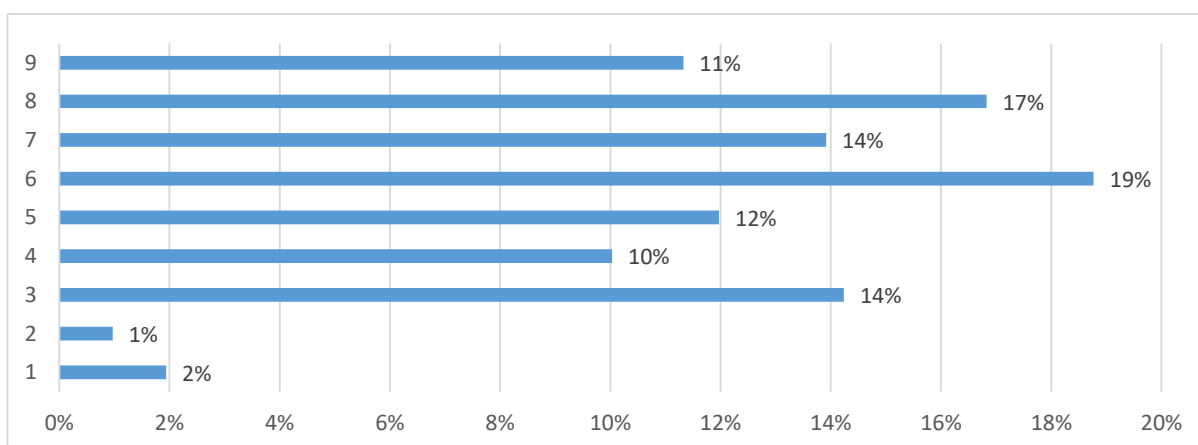
Os resultados relativos à Literatura (ver Gráfico 10) e às tradições locais (ver Gráfico 11) são semelhantes aos obtidos para o interesse com a cultura.

Gráfico 11: Grau de importância atribuída às Tradições Locais



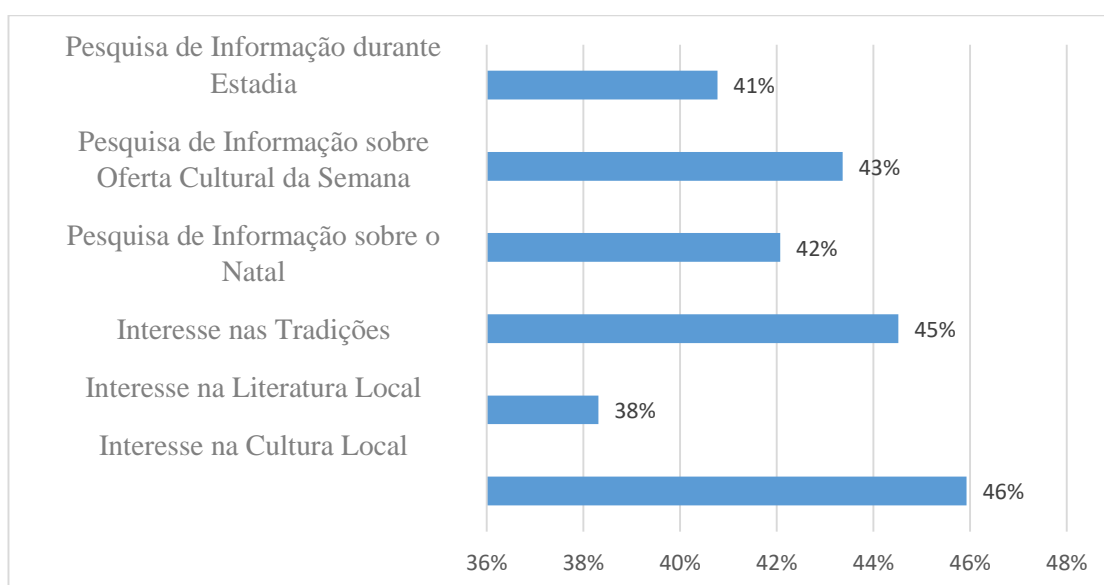
No que diz respeito às tradições de Natal (ver Gráfico 12), 28% dos turistas inquiridos indicam um elevado grau de interesse e 33% indica um grau de interesse razoável.

Gráfico 12: Grau de importância atribuído às Tradições do Natal



O gráfico abaixo (13) proporciona uma visão de conjunto relativa aos seis pontos de interesse pesquisados nesta tese: interesse na cultura local, na literatura local nas tradições locais, no Natal, pesquisa de informação sobre a oferta cultural local durante a estadia e pesquisa de informação em geral depois da chegada e durante a estadia. Para tal, somaram-se as respostas 7, 8 e 9, dado estarem relacionadas com um maior grau de interesse ou ação. Os resultados inseridos no gráfico abaixo, mostram que o interesse na cultura local surge no topo, com o interesse na literatura a ser considerada como menos interessante.

Gráfico 13: Percentagens de respostas tidas como “Importante”



Em termos de indicadores de satisfação, estes são similares aos de outros estudos, dado indicarem que a maioria estaria muito satisfeita com este período de férias.

Verifica-se, no quadro 12, que a maioria indica um elevado grau de satisfação em relação à estadia. Cerca de 44,7% está muito satisfeito (respostas de nível 8 ou 9), cerca de 41,7% definitivamente recomendará o destino a amigos e familiares e cerca de 41,3% retornará (em definitivo) à região.

A satisfação também pode ser vista através da análise do interesse em “aprender” mais sobre o destino. Relativamente a este interesse da cultura e literatura madeirense, cerca de 33% manifesta um elevado grau de interesse (resposta 8 e 9) na escala de 1-9.

Sobre a disponibilidade para “pagar” para aprender “mais” sobre a cultura madeirense, cerca de 30% estaria disposto a suportar custos adicionais para o efeito.

Quadro 12: Indicadores de Satisfação

Variável de Satisfação	Média
Está satisfeito com a sua estadia	6,88
Pretende recomendar o destino a familiares e amigos	6,87
Pretende retornar ao destino	6,90
Aprender mais sobre a cultura e literatura madeirense	6,49
As visitas e contatos com a cultura local satisfizeram as suas necessidades de lazer e aprendizagem	6,56
Está interessado em aprender mais sobre a cultura madeirense numa próxima visita	6,48
Está interessado em pagar para aprender mais sobre a cultura local na próxima visita	6,21

Os dados indicam que turistas que assistiram a um evento de natal indicam-maiores índices de satisfação e interesse em retornar ao destino. Verifica-se ainda que os mesmos demonstram maior interesse em aprender mais sobre a cultural regional (ver Gráfico 14), mas não demonstram maior disponibilidade para pagar (ver Gráfico 17).

Verifica-se ainda, com base no quadro 13, que os turistas mais satisfeitos estão dispostos a pagar mais pelo maior acesso à cultura regional.

Quadro 13: Satisfação com estadia vs disponibilidade para pagar para “fruir” da cultura regional

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
1	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
3	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
4	0,0%	0,0%	0,0%	2,6%	2,9%	2,2%	2,2%	2,2%	1,3%	13,5%
5	0,3%	0,0%	0,0%	2,2%	2,9%	1,9%	2,6%	1,6%	1,6%	13,1%
6	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%	2,9%	1,6%	2,2%	1,9%	2,2%	11,9%
7	0,3%	0,0%	0,0%	1,9%	1,3%	3,5%	4,5%	1,6%	3,2%	16,3%
8	1,6%	0,6%	1,3%	2,2%	3,2%	1,6%	3,5%	7,7%	1,0%	22,8%
9	2,6%	0,0%	0,6%	2,2%	2,6%	3,2%	4,2%	3,2%	3,2%	21,8%
	4,8%	0,6%	1,9%	12,2%	15,7%	14,1%	19,2%	18,3%	12,5%	

Tabela 2: Assistência a eventos relacionados com o Natal

	Satisfação	Recomendar	Retorno	Aprender s/ Cultura	Satisfação Necessidades	Interesse Cultura	Disponibilidade p/ Pagar
Satisfação	1	,206**	,227**	0,018	0,035	0,016	-0,057
Recomendar	,206**	1	,252**	-0,059	0,001	-0,031	-0,107
Retorno	,227**	,252**	1	-0,04	-0,014	-0,061	-0,102
Aprender s/ Cultura	0,018	-0,059	-0,04	1	,267**	,268**	,254**
Satisfação Necessidades	0,035	0,001	-0,014	,267**	1	,284**	,150**
Interesse Cultura	0,016	-0,031	-0,061	,268**	,284**	1	,262**
Disponibilidade p/ Pagar	-0,057	-0,107	-0,102	,254**	,150**	,262**	1

Tabela 3: Satisfação das atividades realizadas durante a estadia na Madeira

	Satisfação	Recomendar	Retorno	Motivações	Motivações Culturais	Volume de Atividade	Capital Cultural	Idade
Satisfação	1	,206**	,227**	,281**	,227**	-,175**	0,003	0,041
Recomendar	,206**	1	,252**	,257**	,196**	-,211**	0,041	0,106
Retorno	,227**	,252**	1	,238**	,135*	-,172**	,142*	,125*
Motivações	,281**	,257**	,238**	1	,595**	-,179**	,308**	0,069
Motivações Culturais	,227**	,196**	,135*	,595**	1	-,173**	,165**	,135*
Volume de Atividade	-,175**	-,211**	-,172**	-,179**	-,173**	1	-0,102	-,249**
Capital Cultural	0,003	0,041	,142*	,308**	,165**	-0,102	1	-0,098
Idade	0,041	0,106	,125*	0,069	,135*	-,249**	-0,098	1

Os resultados indicam que quem se encontra mais satisfeito, apresenta também maior nível de motivação, em geral, e no que se refere às motivações culturais.

Relativamente ao impacto que terá tido a visita a um Presépio de Natal em termos das variáveis de satisfação, constata-se que a iniciativa de “assistir” a eventos apenas terá resultado em termos do interesse em recomendar o destino a familiares e amigos. No entanto e no que se refere á satisfação com a estadia, mais probabilidade de retorno, interesse em aprender mais sobre cultura e satisfação das necessidades de lazer e aprendizagem, quem assistiu a eventos tende a dar respostas mais positivas. Porém na situação inversa, ou seja, quem não assistiu manifesta menos interesse em aprender mais e “pagar” para aprender mais.

Gráfico 14: Aprender mais sobre a Cultura Local

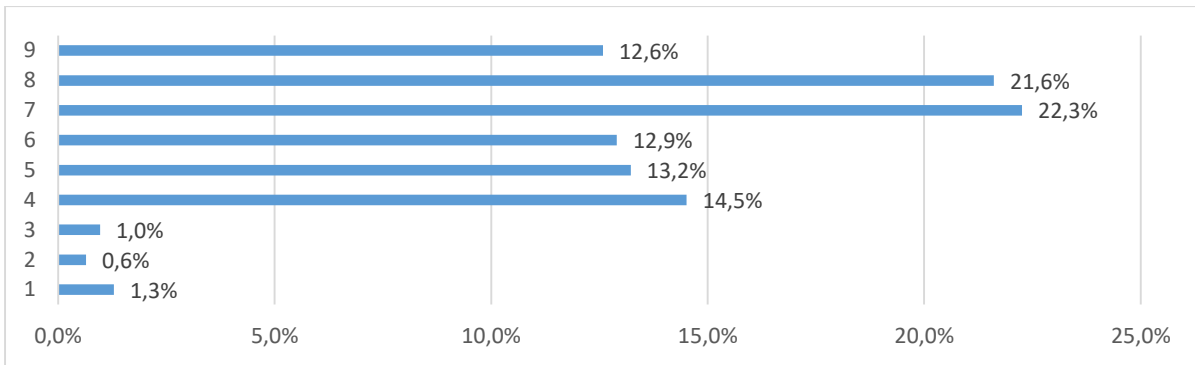


Gráfico 15: Satisfação das Necessidades Culturais

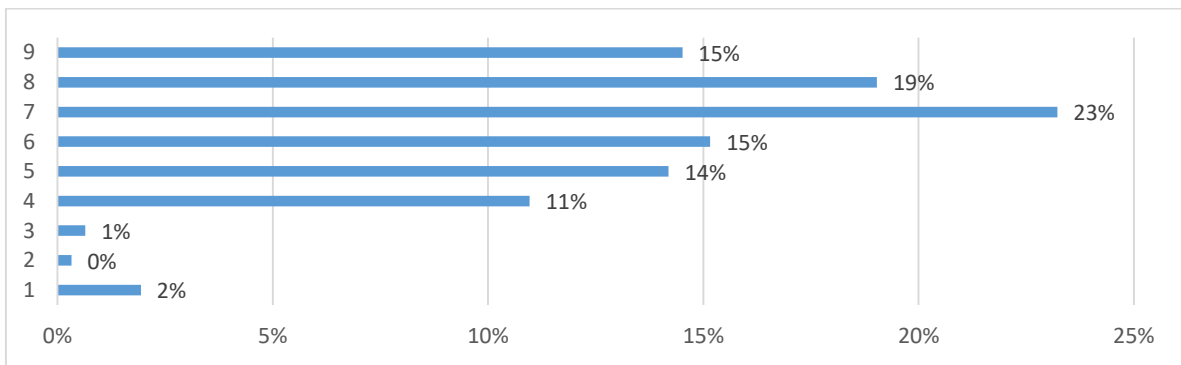


Gráfico 16: Aprender mais numa próxima visita

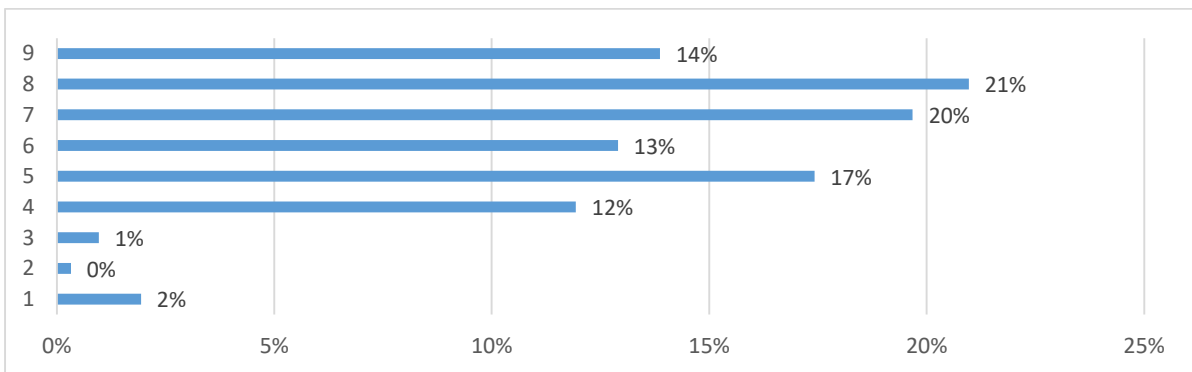
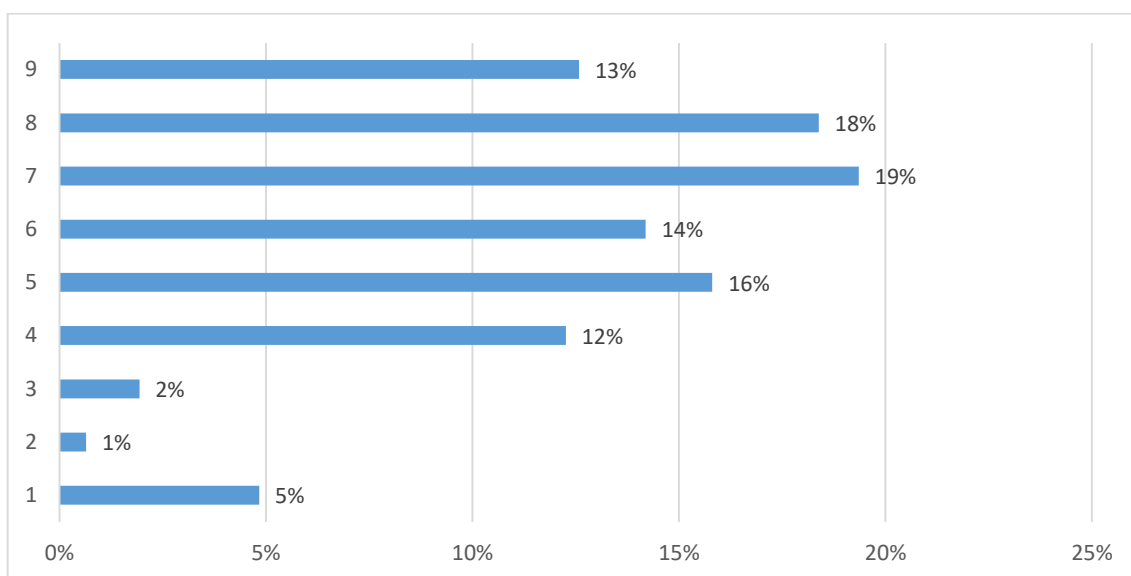


Gráfico 17: Pagar para aprender mais



Posto isto constata-se que a variável satisfação não se relaciona com: a vontade de aprender sobre a cultura (ver Gráfico 14), a satisfação das necessidades culturais (ver Gráfico 15), o interesse na cultura e a disponibilidade para pagar (ver Gráfico 17). Porém, as variáveis vontade de aprender (ver Gráfico 16), satisfação das necessidades culturais, interesse na cultura e disponibilidade de pagar se relacionam entre si, embora em grau moderado/fraco.

CAPÍTULO IV: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

4.1. Introdução

Neste capítulo pretende-se apresentar, de modo sucinto, as principais conclusões resultantes do questionário aplicado aos turistas, atendendo aos objetivos estabelecidos na introdução bem como deixar algumas sugestões para futuras investigações/ ideias a ponderar.

4.2. Conclusões dos dados obtidos

Pela análise dos resultados obtidos com o questionário aplicado a turistas que visitaram a RAM, é possível estabelecer as conclusões que se apresentam de seguida:

- a) Uma das questões apresentadas aos inquiridos relacionava-se com os eventos de natal e presépios realizados na Ilha. Tendo em conta que esta festividade tem um grande impacto na população local quisemos saber se os visitantes partilhavam destas mesmas sensações.

Constatou-se uma percentagem significativa (75%) relativamente à participação dos turistas neste tipo de eventos; ou seja, 75% dos inquiridos tiveram contacto com um dos eventos alusivos a esta época natalícia, demonstrando, através da análise dos indicadores de satisfação, terem tido uma experiência reconfortante, o que não deixa de ser positivo, pois, como referido no Capítulo I desta dissertação, o residente madeirense aproveita a altura natalícia, como palco de excelência para celebrar a sua cultura, o que poderá permitir atrair mais visitantes. Porém, apesar de existir um potencial interesse em explorar este tipo de eventos, esta assistência/ visita assenta, no chamado *tourist gaze*¹⁶⁰ com um baixo grau de envolvimento, dado que a maior parte tenderá a assistir de forma passiva. Importa, com isto, analisar e identificar métodos que permitam valorizar este tipo de experiências, alargando-a a outros recursos, acabando com isto a transformar esta experiência num produto comercial.

- b) Relativamente à pesquisa de informação constata-se algum esforço em pesquisar informação sobre a cultura na Madeira, a literatura e as tradições locais embora não de forma muito aprofundada. A maior média é computada para pesquisa de

¹⁶⁰ Existe por parte dos turistas um contacto, unicamente visual e com uma compreensão, do que está a ser visto, reduzida.

informação relativamente à cultura da ilha como um todo e a menor média relativamente à literatura local.

Cerca de 30 % dos indivíduos não terá feito qualquer tipo de investigação sobre a literatura local. Não existe qualquer grau de conexão entre a procura de informação após a chegada à Ilha e a procura de notícias sobre a literatura local.

- c) Em relação às motivações para visitar os bens culturais na Madeira, mais propriamente a visita aos presépios, os resultados obtidos não foram de encontro àquilo que era esperado.

Entre as várias razões facultadas para visitar a ilha predominam os fatores de atração clássicos como: “Qualidade dos hotéis; Desfrutar da beleza da ilha, do clima e das suas paisagens; Acolhimento e hospitalidade da população local; Atmosfera nova e exótica; Escapar da rotina diária e descobrir coisas novas e excitantes” entre outros. Dada a época em que decorreu a recolha, o *item*: “Desfrutar da época de Fim de Ano num destino diferente”, surge no topo da tabela.

Em lugares secundários surge um conjunto de fatores relacionados com a experimentação e “descoberta” de novas sensações sobre as dimensões mais importantes na vida, dado que os resultados mostram a importância, divertimento e lazer na vida, a segurança e por fim a auto-realização. Como referido anteriormente, uma das razões para visitar a ilha reside na sensação de segurança que esta oferece, pois não faltam destinos com recursos culturais em abundância, no Mediterrâneo, mas sem oferecer o mesmo grau de segurança. Este *item*, ou melhor dizendo, esta combinação de *itens* deve ser realçada. Por outro lado, o desejo de auto-realização sugere que existe um potencial para explorar as oportunidades de aprendizagem que os recursos culturais locais oferecem.

- d) Entre as razões para explorar os recursos culturais em geral e os presépios em particular, pontifica a imagem da ilha, dado o peso do *item*: “Porque adoro a Madeira, nos seus diversos aspetos”; em segunda linha emergem fatores relacionados com as oportunidades de aprendizagem da cultura local, presépios e ou monumentos, o que novamente indica que esta cultura é passível de ser explorada, devido ao facto de existir um interesse em aprender mais sobre a região. É de notar que o ponto referente à quadra natalícia: “Porque adoro a época festiva do Natal”, aparece relativamente mal classificado, ou seja, os inquiridos prezam o

Natal, mas eventualmente, próximo de casa ou da sua área geográfica, onde se encontram os familiares e amigos. A análise dos factores referentes às razões para visitar os presépios indicam quatro motivações gerais: satisfação emocional, aprendizagem, relaxamento/ escape e por fim socialização. Em termos de promoção de eventos de Natal será necessário destacar as emoções que os mesmos suscitam e com isto associar a época natalícia com espaços de convívio para familiares e amigos, ou seja, esta quadra deveria ser vivida em grupo e num contexto familiar, eventualmente, através de promoções que facilitem a vinda de grupos familiares alargados, mais, devem ser criadas oportunidades de aprendizagem, com isto concluímos que a fruição do Natal parece ser relativamente superficial.

- e) Apenas cerca de 30% dos inquiridos terá, em simultâneo, “Visitado um Presépio” e “Participado em Eventos de Natal”; no entanto, no total, cerca de 75% dos inquiridos participou em evento ou visitou um presépio. Em termos das motivações e razões para explorar a riqueza cultural da ilha, razões que radicam na imagem positiva do destino, parecem ser determinantes, ou seja, a exploração de recursos culturais está muito ligada à imagem e perceção relativamente à Madeira. Os dados não sugerem serem os turistas com maior capital cultural e experiência no usufruto de eventos culturais os mais interessados no Natal enquanto fenómeno cultural. A análise das razões para visitar os recursos culturais, mais especificamente os presépios e eventos de natal, sugere que o envolvimento emocional que os mesmos despertam é muito importante. Outra das razões que surge como relevante é o desejo de aprender mais sobre a cultura da Ilha. Uma comparação entre primeiras visitas e repetentes, no que se refere às motivações culturais, mostra serem os turistas repetentes os que manifestam maior interesse e motivação para explorar os recursos culturais. A maioria dos turistas inquiridos indica um elevado grau de dispêndio de recursos/tempo na pesquisa de informação sobre o destino, este resultado indica que a inclusão nas redes sociais e na internet de mais informação sobre a região, pelas entidades oficiais, irá ser lida, desde que esteja disponível.
- f) Cerca de ¼ dos inquiridos afirma já ter feito um *tour* literário o que sugere existir potencial para explorar este mercado, por exemplo, através de espaços, ruas e cafés que estivessem associados a escritores. Este potencial também se relaciona com o facto de cerca 30% dos inquiridos terem conhecimento de um escritor madeirense,

tal pode ficar a dever-se ao fato de os mesmos terem consultado informação em guias de viagens.

Os resultados referentes às questões: “Já visitou um festival literário?”, “Já percorreu um *tour* literário?” e “Já selecionou um destino devido ao papel que já desempenhou na vida de um escritor?”, parecem excessivos, no entanto deve ser mencionado que os turistas inquiridos apresentam uma média de idade de 45 anos, o que deixa antever muita experiência na fruição dos mais diversos produtos turísticos. Os resultados podem também ser interpretados à luz da informação de que quem conhece um escritor madeirense reporta maior esforço de pesquisa sobre a cultura madeirense e sobre literatura local, assim como sobre a oferta cultural da semana.

- g) Relativamente aos textos, crónicas, poemas e cânticos que são referidos ao longo desta dissertação constata-se que abordam esta temática de forma cuidada, muito devido ao seu cariz religioso. Os sentimentos e os valores são a base da escrita, ou seja, o tema Natal, suscita em todos os autores sentimentos comuns, como o Amor e a Saudade, valores, como a partilha, a família e a religião.
- h) A quadra natalícia estimula a dedicação à tradição, principalmente no que diz respeito aos convívios familiares ou sociais. Infelizmente, alguns costumes outrora típicos tendem a desaparecer, devido a inúmeros fatores, entre eles o modo de vida das pessoas. Porém, ainda existe quem tente manter vivo os usos e costumes típicos de um povo, demonstrando que a tradição é o pilar do Natal.
- i) A família é apresentada como sendo um valor coeso, aparece como equilíbrio de vivência. A Festa, termo que passou de geração em geração, como um património cultural sólido, chegou até à atualidade, presenciando, acima de tudo amor. A típica “lapinha”, ou o mais atual “presépio” continua a ocupar muitas situações de lazer existentes em muitas famílias.
- j) Comparando os resultados obtidos com estudos inscritos na mesma temática chegou-se à conclusão de que este é um tema sensível, pois, além de envolver a diocese, visto tratar-se de uma festa religiosa, envolve ainda o Turismo. Os

resultados vão de encontro aos de Libânia Gomes, visto que foram encontradas semelhanças em diversos aspetos. Ambos os estudos estão cientes do risco que é abordar a existência de uma cultura exclusiva da Madeira, isto porque, temos conhecimento de que as suas origens estão na cultura portuguesa, para além de concordarmos que:

“torna-se, por vezes, difícil de saber onde acaba o religioso e começa o profano e vice-versa, tal é a interligação que é feita de uma forma natural e espontânea, embora em torno dessa espontaneidade, se desenvolvam forças de sofisticada construção oportunista.”¹⁶¹

O Estudo do Gastro Turístico realizado para a SRTM¹⁶², é também ele um bom exemplo de comparação de dados, visto ir de encontro às conclusões aqui descritas.

Relativamente aos objetivos da dissertação, ou seja, às questões colocadas no início da dissertação, podemos então afirmar que em relação ao interesse dos turistas nas festividades natalícias obteve-se uma resposta positiva, cerca de 75% afirmaram querer visitar presépios e eventos de Natal. A maioria visitará um presépio na consequência das suas visitas pela cidade e no intuito de ver a oferta cultural existente. Os recursos culturais relativos ao Natal são mais apelativos aos turistas repetentes, assim como aos mais motivados para visitar a ilha. Em relação ao impacto que estas visitas têm em termos de satisfação constata-se que os turistas que declaram visitar este tipo de atividades natalícias surgem mais satisfeitos. Infelizmente, no que se refere à Literatura, constatou-se que, no seu todo, não é uma atração turística para a Região. Apesar de um número significativo de turistas (35%) afirmarem serem conhecedores de um escritor madeirense, essa não é a sua principal motivação para visitar a Madeira nesta época do ano.

¹⁶¹ GOMES, Libânia. “As “Missas do Parto” na Ilha da Madeira-Uma Tradição a Preservar”, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra,2010. P.121

¹⁶² SRTM- Secretaria Regional do Turismo da Madeira

4.3.Recomendações Gerais

Do que foi referido anteriormente, existem certos pontos que merecem algum tipo de mudança para que o turismo- Cultural e Literário na Região Autónoma da Madeira seja mais apelativo. Tendo em conta estes aspetos, serão apresentadas algumas sugestões a ponderar:

- Relativamente à presente investigação, uma vez que a amostra de turistas inquiridos é relativamente pequena não podendo criar generalizações alargadas de dados, seria conveniente desenvolver o mesmo estudo, por entidades ligadas à cultura e ao turismo da ilha, alargando-o no sentido de se poder validar alguns dos resultados.
- Podiam-se ainda realizar outro tipo de análises, utilizando instrumentos mais concretos, por exemplo gravações de áudio e de vídeo, dado que estes possibilitariam extrair conclusões mais acrescentadas, que não foram obtidas com a presente investigação. Decerto, recorrendo a uma quantidade mais variada de estratégias de pesquisa, os objetivos alcançados seriam mais conclusivos.
- Em relação ao turismo cultural, sugere-se uma possibilidade de transformação do potencial cultural e natural de diversos pontos da ilha em produtos turísticos genuínos e de qualidade, adotando ainda programas que conduzam ao crescimento sustentável do turismo da região. Apresentações culturais representativas da ilha ou dos municípios podem ser um método de motivar o interesse de potenciais turistas, representando com isto o modo de vida bem como os costumes da população local. Para ter o impacto desejado, este tipo de atividade pode ser realizado em espaços abertos, como praças, centros comerciais, áreas de convivência de hotéis ou de clubes e em centros culturais.
- Para que a Literatura tenha um impacto maior na atração de turistas podia-se associar um autor madeirense a elementos arquitetónicos, paisagísticos, gastronómicos, linguísticos, entre outros, da Ilha da Madeira, de modo a que se pudesse inserir de forma reforçada, a Literatura na oferta e procura do turismo cultural.
- A promoção de viagens em grupo na época natalícia fará com que exista uma maior adesão por parte dos visitantes em se dirigir à Ilha, isto porque o fator família é

predominante nesta quadra logo a promoção do mesmo por parte das entidades competentes deveria ser ponderada.

CONCLUSÃO

O período natalício, na Região Autónoma da Madeira, não se cinge às celebrações das missas do parto ou do nascimento de Jesus Cristo. É um tema oblíquo e abrange todas as famílias. O sortilégio do Natal afeta todos os residentes. Entre o povo madeirense, esta época é a autêntica e exclusiva Festa, como atualmente ainda é conhecida e nomeada pelo povo, conservando-se uma série de tradições, com toda a sua conjuntura envolvente, nos costumes atuais.

Tendo em conta a sua antiguidade, receia-se pelo desaparecimento de usos e costumes que acabam por fazer parte da identidade cultural. Neste estudo evidenciaram-se particularidades únicas da tradição madeirense que merecem ser preservadas.

. Lembrando ainda o avanço do turismo e da subsistência coletiva e económica na Ilha, implica revelar que, se se suprimir o património cultural e religioso local, envelhecido e fundamental, se está a conceber uma verdade sem carácter, sem biografia e sem espírito¹⁶³.

O Natal na Madeira tem como momento inicial as primeiras missas do parto, que desencadeiam na população uma alegria que só existe nesta época do ano. Testemunho de um património único, são uma vivência de fé, a que se aliam as manifestações profanas.

Reconhece-se que a insularidade terá colaborado para a preservação desta tradição, além de outras, que mantêm todo o seu vigor no meio rural, desde o início da colonização. O construir do presépio ou o armar da lapinha, denominação preferentemente utilizada na Ilha, fazem parte das marcas deixadas na região.

Posto isto, chega-se à conclusão de que os costumes e usos antigos não podem ser apagados da memória coletiva. Os seus usos e costumes e tudo o que lhes está associado, requerem uma desmedida atenção e flexibilidade para prevenir as instituições responsáveis, para que o progresso não se misture com um simples aumento momentâneo e escusado ou com aglomeração de proveitos simples e diretos que colocam em risco o carácter e os valores fundamentais da região¹⁶⁴.

A confluência de diversas linhagens de moradores faz com que estes costumes e seus rituais se sucedam, através da absorção pelos mais jovens, gerando-se um instante único de

¹⁶³ MARTINS, Guilherme d'Oliveira. *Património, Herança e Memória, A Cultura com Criação*, Lisboa, Gradiva, 2009.p. 137.

¹⁶⁴ Guilherme d'Oliveira Martins, ob. cit., p. 138.

salvaguarda da recordação coletiva local do povo¹⁶⁵. Desta maneira, esclarece-se um bem humano que não é palpável, fundamentando-se, assim, o seu apreço imaterial, que não se pode dissipar.

Dá-se uma maior atenção a esta tradição natalícia, mais concretamente a partir dos anos 80 do séc. XX Este cuidado ocorre tanto na ação pastoral da quadra conduzida pelo então Bispo do Funchal, D. Teodoro de Faria (nativo da Madeira), como na imprensa local.

Com o intuito de convidar mais turistas à Ilha, todas as tradições relacionadas com o Natal na Madeira foram revigoradas, comemorando-se com mais regozijo. Semelhantemente, as missas do parto, genuinamente utilizadas como turismo cristão, deviam ser preservadas não só pelo clero como também pelo Governo Regional, mais precisamente pela Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura. Porém, ainda é possível apercebermo-nos de uma forte manifestação e festividade existente nestas celebrações em muitas paróquias da ilha, sendo estas fruto do trabalho dos párocos em parceria com a população local.

Toda esta veemência demonstrada pelas organizações em relação às tradições mais autênticas existentes na Ilha e que se pensava estarem a desvanecer-se aos poucos, acolheu o incentivo da igreja, que não só as estimulou, mas também as honrou, contextualizando-as no tempo, afrontando-as como uma via favorável para uma doutrinação. Realmente para além do perigo da unissonância, da semelhança e do ganho simples, há que desenvolver a memória distinta de uma sociedade, que detém índole, perceção e honorabilidade, e acima de tudo não cair na concordância desinteressada de uma causa perdida¹⁶⁶.

Nesta área, há igualmente que evidenciar o trabalho que tem sido realizado pelo Conservatório de Música da Madeira que, desde 1975, não só tem difundido a orquestra clássica, mas ainda tem investido na criação de conjuntos corais, os quais planeiam concertos para a quadra natalícia em diversos sítios do Funchal e circunjacentes às lapinhas, construídas em distintos pontos, os quais aliciam o visitante desejoso em aprender acerca da cultura local.

Tendo em conta toda a informação apresentada ao longo da presente dissertação podemos acrescentar que estamos a tratar uma temática sensível¹⁶⁷, porque lhe está associada uma grande fé religiosa, articulada com manifestações de índole social e turístico-cultural,

¹⁶⁵ FREITAS, Duarte Manuel Roque de, *Pelos Trilhos do Património Cultural Madeirense: a Romaria de Nossa Senhora do Monte*, Trabalho elaborado no âmbito do Seminário Património Cultural: teoria e Prática, do III Mestrado de Museologia e Património, 2005.

¹⁶⁶ Guilherme d'Oliveira Martins, ob. cit., p. 155

¹⁶⁷ RODRIGUES, Luís F. *História do Ateísmo em Portugal, Da Fundação ao final do Estado Novo*, Lisboa, Guerra e Paz, Editores S.A., 2010, p.336

contribuindo todas elas para o desenvolvimento económico da Ilha. Por estas razões, afirmamos que se trata de um fenómeno cultural e devocional e ainda uma forma de conseguir receitas e publicidade turística.¹⁶⁸

Acredita-se que a diocese desejaria que esta temática estivesse inclinada mais para o lado religioso do que propriamente do profano, contudo, o Turismo Cultural pretenderá exatamente o oposto. Tal situação já é visível na atualidade, as igrejas estão cheias de gente, entre eles locais e turistas, a assistirem e a participarem nas Missas do Parto, tão típicas do Natal Madeirense, a que se seguem momentos de convivialidade no exterior ao som de música e de cantigas tradicionais. A separação entre o sagrado e o profano é uma linha quase invisível, então.

Relativamente ao futuro desta temática existem duas possibilidades, a de “conservar” as tradições, usos e costumes, tal como estão, o que é um tanto quanto complicado visto que sofrem constantes alterações, por mais pequenas que sejam, e a de documentar estas mesmas modificações, por períodos, conduzindo-nos este ato ao conhecimento.

A hipótese de conservação e proteção destes bens só é real caso não existam interrupções ou perturbações na sua organização e na sua comemoração, requerendo-se ainda um maior apoio, por parte das entidades competentes.

Porém, pouca proteção tem sido dada às atividades celebradas na quadra natalícia. A *Festa* precisa de ser preservada, tal como é necessário propagar todos os saberes relacionados com a mesma, porque, com o fenómeno da globalização, as alterações sociais aceleram-se revelando-se uma ameaça, pois aumentam os riscos de desaparecimento e até de perda dos valores da cultura inserida há séculos na Madeira e principalmente, muito frágeis a essas dinâmicas¹⁶⁹

Posto isto, têm tentado valorizar o património através da publicação de obras literárias relacionadas com o tema, já referidas noutros pontos da presente dissertação, e com a concretização de pequenos espaços documentais e televisivos, tratando a realidade local.¹⁷⁰

Em relação à Igreja existe um cuidado na preservação do seu património cultural, bem como uma valorização, dedicando-se à sua proteção, divulgação e conservação.

¹⁶⁸ RODRIGUES, Luís F. *História do Ateísmo em Portugal, Da Fundação ao final do Estado Novo*, Lisboa, Guerra e Paz, Editores S.A., 2010, pp.331-332

¹⁶⁹ Gema Carrera Diaz. *Iniciativas para la salvaguardia del Patrimonio Inmaterial en el contexto de la Convención UNESCO, 2003: una propuesta desde Andalucía*, pp. 189 e 190.

¹⁷⁰ V Colóquio “Património Cultural Imaterial e Material de Machico” - 26 de Maio de 2012, Sábado, Auditório da Escola Básica e Secundária de Machico

“Propõe-se também salvaguardar o seu património, tanto desenvolvendo a consciência dos cristãos sobre os valores históricos, estéticos e religiosos (...), como cooperando com o Estado, mecenato privado e as entidades sociais, nas acções necessárias para o defender, compreendendo a valorização activa do património como instrumento de formação, cultura e proveito para as pessoas e para a comunidade.”¹⁷¹

O que ainda permanece sem alterações, mantendo-se tradicional e que faz parte do Natal Madeirense são as missas do parto.

A quadra natalícia é também ela marcada pela chegada dos emigrantes que regressam com o intuito de a passar junto da família, convivendo e confraternizando nesta época marcada pela fé, amor e família. Vêm passar as férias, mas muitos trazem consigo o espírito de solidariedade, humanidade e respeito a uma tradição, puramente madeirense que os faz regressar preservando e valorizando este património cultural de que tanto sentem orgulho.

Concluindo, afirmamos que, por todo o ponto de chegada ser, genuinamente, novo ponto de partida, julgar-nos-emos gratificados se a pesquisa exposta, no decorrer desta dissertação, for válida e tiver servido de ajuda para esse objetivo.

¹⁷¹ PEDROSA, Mons. Leal. *Igrejas e Turismo Cultural*, Encontro Sobre Património Classificado, Coimbra, Gráfica de Coimbra, Lda., 1995.p.7

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus de Estudo:

- ARAÚJO, Lídio. *A Festa*. O Liberal. Madeira. Empresa de Artes Gráficas, Lda. 2002.
- Arquivo Histórico Documental do Paço Episcopal do Funchal, Caixa “circulares”, nº17, Ofício Circular
- CAIRES, Victor Maria de. *Aragens da Madeira Histórias da Beira-Mar*. Editorial Correio da Madeira. Funchal
- CLODE, William Henry. *Versos e Reversos*. Lisboa. 2010
- CORREIA, João David Pinto. *Acerca da Festa/do Natal nas crónicas de Horácio Bento de Gouveia*. Islenha nº30. 2002
- FARIA, M. Macedo. *NATAL*. Jornal da Madeira. I caderno. Quarta-feira. 25 dezembro. 1996
- FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita. *O Natal na Madeira: Estudo Folclórico*. 2.^a Edição (Reimpressão). Secretaria Regional de Educação e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2010
- FRUTUOSO, Gaspar. *As Saudades da Terra*. Fac-Símile, por Álvaro Rodrigues Azevedo. Funchal. “Colecção Funchal 500 Anos”. 2007.
- GONÇALVES, José António. *Lembro-me desses Natais*. Funchal. 2000.
- GONÇALVES, José António. *Natal na voz dos poetas madeirenses*. Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração. Funchal. 1989
- GOUVEIA, Horácio Bento de. *Águas Mansas*. Coimbra. Coimbra Editora. 1963.
- GOUVEIA, Horácio Bento de. *O Natal na Cidade, a Festa no Campo*. Crónica/ensaio. org. Nelson Veríssimo. 2001.
- NASCIMENTO, João Cabral do. *O Natal de há 30 Anos*. Revista “Das Artes e da História da Madeira”. nº4. 1950.
- NASCIMENTO, João Cabral do. *O Natal Madeirense*. Eva. Dezembro 1947.
-
- ABRAHÃO, Cinthia Sena; BAH, Miguel. *Turismo Cultural e Desenvolvimento Incluyente: o caso de Paranaguá, Paraná, Brasil, Turismo em Análise*. Vol.22. n.1. Abril 2011.
- ALLEN, J., TOOLE, W., McDonnell, I., & Harris, R. (2003). *Organização e gestão de eventos*. São Paulo: Campus.

- ALMEIDA, José António Ferreira de. *Tesouros Artísticos de Portugal*. Lisboa. Selecções do Reader's Digest (Portugal), S. A. R. L. 1976.
- ARAÚJO, António de Borja. *Carta Internacional do Turismo Cultural Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial-1999*. ICOMOS. México. Outubro 1999.
- Arquivo Histórico Documental do Paço Episcopal do Funchal, Caixa “circulares”, nº17, Ofício Circular
- ARTUR, Alberto. *O Natal na Madeira- Quando eu era estudante*. Revista “Das Artes e da História da Madeira”. Novembro-Dezembro. Vol.II.nº9. 1951.
- AZEVEDO, Duarte. *Não há Natal sem Viochene*. Diário de Notícias, Revista, Funchal, 21 dezembro. 2008
- BAPTISTA, J. *A Evolução do turismo na Madeira no período de 1975 a 2000*. Edição Autor: Funchal. 2005.
- BAPTISTA, M. *O turismo na economia – uma abordagem teórica, económica, social e cultural*. Instituto Nacional de Formação Turística: Lisboa. 1990.
- BAPTISTA Santos, Jesus, 1925. GONÇALVES, José António. *Natal na voz dos poetas madeirenses*. Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração. Funchal. 1989
- BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho. Vol. I. Edição Círculo de Leitores.
- BELL, J. *Como realizar um projecto de investigação: Um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva. 1997.
- BURNS, Peter. *Turismo e antropologia*. São Paulo: Chronos, 2002
- CÂMARA, B. *A Economia da Madeira (1850-1914)*. Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa. 2002.
- CARMO, H., FERREIRA, M. *Metodologia da Investigação: Guia para Auto – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta. 1998.
- CASTRO, Nádia. COKE, Elisa. FRIEZA, Liliana. PINA, Sancha. QUINTERO, Sílvia. *Viagens com Manuel Teixeira Gomes*. Dos Algarves, nº16, 09-15. Universidade do Algarve: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. 2007
- CARVALHEIRA, Pe. José do Vale. *Nossa Senhora na História e Devoção do Povo Português*. Lisboa. Edições Salesianas. 1988
- COUSIN, Saskia. *L'Unesco et la doctrine du tourisme culturel Généalogie d'un « bon » tourisme*. Civilisations 57. 2008. Tourisme, mobilités et altérités contemporaines.
- COUTINHO, J. De Sousa. *O Natal na Madeira (Estudo Etnográfico)*. Revista “Das Artes e da História da Madeira”. nº 19 e 20. 1955.

- COUTINHO, J. De Sousa. *O Natal na Madeira: estudo folclórico*. Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 2001.
- CUNHA, Licínio. *Introdução ao Turismo*. 1ª Ed. Editorial Verbo. Lisboa. 2001.
- DIAZ, Gema Carrera. *Iniciativas para la salvaguardia del Patrimonio Inmaterial en el contexto de la Convención UNESCO 2003, una propuesta desde Andalucía*. 2005
- DIMMOCK, K., TIYCE, M. (2001). Festivals and events: celebrating special interest tourism. In N. Douglas, N., N. Douglas, & R. Derrett (Eds.), *Special interest tourism: contexts and cases* (pp.355-383). Milton: John Wiley & Sons Australia
- DURKHEIM, Èmile. *As formas elementares da vida religiosa*. Martins Fontes. São Paulo. 1996.
- ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- FALCÃO, Bispo Emérito de Beja Manuel Franco. *Enciclopédia Católica Popular*. 2006. 2.ª Edição. Paulistas.
- FERNANDES, António Teixeira. *Poder Local e Turismo Social, Revista da Faculdade de Letras : Sociologia*. 2002.
- FERNANDES, Maurício. *da cidade no natal*. Margem 2, nº10. dezembro. 1998.
- FERREIRA, Eduardo C. N. *As Ilhas de Zargo*. Vols. I e II. Funchal. Câmara Municipal do Funchal. 1967.
- FIGUEIREDO, Fernando; COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença dos. *Crónica Madeirense (1900-2006)*. Campo das Letras. 1ª Edição. Abril 2007.
- FILIPE, Nuno. *O Natal Madeirense*. Jornal da Madeira. Pedras Vivas. Domingo. 24 de dezembro de 1995.
- FINO, Carlos. *Três poemas de Natal e uma véspera*. Margem 2. Funchal. Nº 5. Dezembro. 1996.
- FRANCO, José Eduardo (coord.). *Cultura Madeirense - Temas e Problemas*. Porto. Indústria Gráfica, S, A. DRAC. Secretaria Regional de Educação e Cultura. 2008.
- FRANCO, José Eduardo. *Festa: Liturgia Natalícia Popular na Cultura Madeirense*. Actas do Colóquio Internacional. Piedade Popular Sociabilidades- Representações, Espiritualidades, Lisboa, Terramar. Centro de História da Cultura/História das Ideias. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dezembro de 1999.
- FREITAS, Adriano Filipe de. *Natal*. 1942. GONÇALVES, José António. *Natal na voz dos poetas madeirenses*. Funchal. Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração.

- FREITAS, Pe. Alfredo Vieira de. *Era uma vez... na Madeira, Lendas contos e tradições da nossa terra*. 2ª Edição. Funchal. 1984.
- FREITAS, Duarte Manuel Roque de. *Pelos Trilhos do Património Cultural Madeirense: a Romaria de Nossa Senhora do Monte, Trabalho elaborado no âmbito do Seminário Património Cultural: teoria e Prática*. III Mestrado de Museologia e Património. 2005.
- GHIGLIONE, R., MATALON, B. *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora. 1993
- GOMES, J. Reis. *Natais – Contos e Narrativas*. Funchal. 1912. Edição do Diário da Madeira. Funchal. 1936.
- GONÇALVES, Sandra. *Missas do Parto continuam a ser uma das principais tradições dos madeirenses*. Diário de Notícias. (14 de Dezembro 2006).
- GOUVEIA, Horácio Bento de. *A Criança e o Desencanto do Natal*. Diário de Notícias. Funchal. 6 dezembro. 1970.
- HENRIQUES, C. Turismo. *Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável*. Edições Sílabo: Lisboa. 2003.
- HENRIQUES, Cláudia. QUINTEIRO, Sílvia. *O turismo literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio*. Documento apresentado na Internation Conference on Turism & Management Studies. Books of proceedings, v.I. 2008.
- HOMEM, Maria Aurora Carvalho. *Uma escadinha para o Menino Jesus*. 1.ª Ed. Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites. 2008. ISBN 978-989-8232-01-6.
- IGNARRA, L. *Fundamentos do turismo*. Pioneira Thomson Learning: São Paulo. 2001.
- LIMA, Sidnei Fernandes. *O Mistério Pascal no Ciclo do Natal*. Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Teologia Sistemática, na área de concentração em liturgia, à comissão julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob a orientação do Pe. Valeriano Santos Costa. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo. 2008.
- LUCENA, Vasco. *Simbolismo do Natal*. Revista “Das Artes e da História da Madeira”. nº9. 1951.
- MACLEOD, D.; CARRIER, G. *Tourism, power and culture: anthropological insights*. Channel View Publications: Bristol.
- MARTINS, Guilherme d’Oliveira. *Património, Herança e Memória, A Cultura com Criação*. Lisboa. Gradiva. 2009.
- MARUJO, N. *Turismo, Turistas e Eventos: O Caso da Ilha da Madeira*. Dissertação de Doutoramento em Turismo. Universidade de Évora (Policopiado). 2012.

MONIZ, Ana Isabel Damião de Serpa Arruda. *A Sustentabilidade do Turismo em Ilhas de pequena dimensão: O caso dos Açores*. Doutoramento em ciências económicas e empresariais na especialidade de desenvolvimento económico e social e economia pública. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 2006.

PEDROSA, Mons. Leal. *Igrejas e Turismo Cultural, Encontro Sobre Património Classificado*. Coimbra. Gráfica de Coimbra, Lda. 1995.

PEREIRA, Eduardo C. N. *As Ilhas de Zargo*. Vols. I e II. Funchal. Câmara Municipal do Funchal. 1967.

PESTANA, Eduardo Antonino. *Ilha da Madeira, II Estudos Madeirenses*. Funchal. Edição da Câmara Municipal do Funchal. 1970.

PESTANA, Eduardo Antonino. *O Natal Madeirense. Num Auto de Gil Vicente*. Revista “Das Artes e da História da Madeira”. Vol.V. nº3.1957.

REIS, Paula. *Desenvolvimento local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias de desenvolvimento local*. Exedrajournal. nº 6. 2012.

RODRIGUES, Luís F. *História do Ateísmo em Portugal, Da Fundação ao final do Estado Novo*. Lisboa. Guerra e Paz, Editores S.A.2010.

RICHARDS, G. Palmer R. *Eventful Cities: Cultural Management and Urban Revitalisation*. Butterworth-Heinemann: Amesterdam.

SAMPAIO, Jorge. *30 Anos de Poder Local*. Universidade do Minho. Centro de Estudos Jurídicos do Minho. Braga. 2007.

SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*. 2.^a edição. Lisboa. Dom Quixote. 1992.

SARDO, Anabela. *Turismo, Turistas e Eventos: O Caso da Ilha da Madeira*. Dissertação de Doutoramento em Turismo. Universidade de Évora (Policopiado).2012.

SARMENTO, Alberto Artur. *O Natal na Madeira quando eu era estudante*. Das Artes e da História da Madeira. Funchal. nº 9.195.

SARMENTO, Alberto Artur. *Fasquias e Ripas da Madeira*. 2^a Edição. Funchal. Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. 1951.

SILVA, Agostinho. *O ‘maestro’ do Mercado*. Diário de Notícias. Revista Mais. Funchal. 2008.

SILVA, A. *Apontamentos sobre o quotidiano madeirense (1750-1900)*. Editorial Caminho: Lisboa. 1994.

SILVA, Fernando Augusto da; MENESES, Carlos Azevedo de. *Elucidário Madeirense*. 3 vols. Funchal. Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1965.

SILVA, I. *A Madeira e o turismo: Pequeno esboço geográfico*. SRTC: Funchal. 1985.

- SILVA, João Arnaldo da. *Cânticos Religiosos do Natal Madeirense*. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Funchal. 1998.
- SILVA, Luís. *Os impactos do turismo em espaço rural, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA, Margarida Macedo da. *Natal, antologia de textos*. Comp. Ed. Minho. S.A. 1998.
- SIMÃO, José Pedro Ramalho Veiga. *Turismo como Motor de Desenvolvimento Local: o caso do Vale do Tua*. Lisboa 2009. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia do Ambiente. Perfil Engenharia Gestão e Sistemas Ambientais.
- SOARES, Maria Fátima Gouveia. “*Festas da Cidade*”. 2011. Escritos 4 (1950-1959 Horácio Bento de Gouveia). Braga.
- THEOBALD, William F. *Global Tourism* (3^{ed}). Burlington: Elsevier Science. 2005.
- TUCKMAN, B.W. *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.
- VERÍSSIMO, Nelson. *Natal madeirense. Povos e Culturas*, Lisboa: CEPCEP. ISSN 0873-592. n°11. 2007.
- VERÍSSIMO, Nelson. *Na roda do simbólico: presépios e Meninos Jesus de ontem e de hoje*. Revista Atlântico. N.º 9 (1987)
- VIEIRA, António, *Sermões*. Vol.I. Porto. Lello & Irmão.1959.

Webgrafia

- <https://www.priberam.pt/DLPO/searas-> consultado em 10-10-2015
- <http://oficinadepsicologia.com/o-natal-nao-tem-de-ser-epoca-de-stress/>. consultado a 02/02/2016
- <http://media.unwto.org/en/content/understanding-tourism-basic-glossary-> consultado a 01/06/2016
- <http://www.eumed.net/rev/turydes/15/ilha-madeira-turismo.html-> consultado a: 01/06/2016
- http://www.icomos.org/tourism/_. Consultado a 03/06/2016
- http://fugas.publico.pt/Viagens/356395_natal-e-ano-novo-a-madeira-com-um-brilhozinho-nos-olhos?pagina=-1- consultado em 04/06/2016
- <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/o-que-fazer/eventos/pesquisa/festas-de-natal-e-fim-do-ano-da-madeira-> consultado a 04/06/2016
- <http://www.quintabelasaotiago.com/pt/guestcomments.html-> consultado a 06/05/2016

<http://estalagemdovale.com/index.php/pt/>- consultado a 06/05/2016

<http://www.eiradoserrado.com/en/guest-comments.html>- consultado a 06/05/2016

<http://www.dompedrobaiahotel.com/pt/guestcomments.html>- consultado a 06/06/2016

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Orografia>- consultado a 06/06/2016

Estudo sobre o Gasto Turístico na Madeira, disponível em:
file:///C:/Users/candi_000/Downloads/2-Estudo_Gasto_Turistico.pdf, consultado a:12/06/2016

Documento Estratégico para o Turismo na RAM (2015-2020), disponível em:
http://ceim.pt/wp-content/uploads/2015/01/doc_estrategico_turismo_ram.pdf, consultado a: 12/06/2016

http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt02/arquivos/02/Turismo%20Literario%20em%20cidades%20da%20periferia%20europeia.pdf- consultado a 05/07/2016

<http://www.dalila.telesveras.nom.br/palestrasdalilatelesveras12.html>

http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Lit_Mad_Trib.pdf- consultado a: 26/05/2017

[https://cld.pt/dl/download/e5c9d4e1-0ca6-4b90-a672-](https://cld.pt/dl/download/e5c9d4e1-0ca6-4b90-a672-5008e84ab6c3/gasto%20turista%202003-2004.pdf)

[5008e84ab6c3/gasto%20turista%202003-2004.pdf](https://cld.pt/dl/download/e5c9d4e1-0ca6-4b90-a672-5008e84ab6c3/gasto%20turista%202003-2004.pdf)- consultado a 10/05/2016

ANEXOS

ANEXO I



Foto de: Gentes e Locais/A LAPINHA DE ESCADINHAS, Olhares.com

Fig.1. Lapinha ou Presépio em escadinha, cada vez mais caindo em desuso, porém as famílias mais tradicionais ainda a constroem decorando-a a seu gosto. Esta é a lapinha tradicional madeirense, em que o Menino Jesus se encontra no cimo das escadas, estando estas decoradas com frutos e searas de trigo.



Foto de: dizedores.blogspot.com

Fig.2. Menino Jesus vestido com o seu tradicional vestido branco de cetim, por vezes com bordado madeira na roda.

ANEXO II



Foto de: funchaleveryday.blogspot.com

Fig.3. Lapinha ou **Rochinha**, como também é conhecida. Esta é um costume mais recente sendo feita de socas de cana-vieira, posteriormente forrada com papel pintado com viochene de modo a imitar a cor das rochas. É uma espécie de imitação da ilha e das suas paisagens.

ANEXO III



Fig.4. Aparição da Imagem de Nossa Senhora do Monte. Já existia então no Monte a ermida de Nossa Senhora da Encarnação, mandada construir por Adão Gonçalves Ferreira, em 1470.

Diz-se que essa lendária aparição poderia ter sucedido no reinado de D. João II (1477-1495). O relato é da autoria de Gaspar Frutuoso ou de Henrique Henriques de Noronha e vem narrado no verso das gravuras que representam a pequenina e veneranda imagem. Reza assim:

“Há mais de 300 anos, no Terreiro da Luta, cerca de 1 quilómetro acima da igreja de Nossa Senhora do Monte, uma Menina, de tarde, brincou com certa pastorinha, e deu-lhe merenda. Esta, cheia de júbilo, refere o facto à sua família, que lhe não deu crédito, por lhe ser impossível que naquela mata erma e tão arredada da povoação aparecesse uma Menina. Na tarde seguinte reiterou-se o facto e a pastorinha o recontou. No dia imediato, à hora indicada pela pastorinha, o pai desta, ocultamente foi observar a cena, e viu sobre uma pedra uma pequena imagem de Maria Santíssima, e à frente desta “a inocente pastorinha que, a seu pai, inopinadamente aparecido, afirmava ser aquela imagem a Menina de quem lhe falava”. O pastor, admirado, não usou tocar a Imagem e participou o facto à autoridade que mandou colocá-la na capela da Encarnação, próxima da actual igreja de N.^a S.^a do Monte - nome que desde então foi dado àquela veneranda imagem”.¹⁷²

¹⁷² GAMA, Manuel. Aparição da Imagem de Nossa Senhora do Monte. In:

http://www.snpcultura.org/Senhora_Monte_coracao_madeirenses.html- Consultado a 10/05/2016

ANEXO IV

Este questionário surge na sequência de uma investigação para a realização de uma dissertação de mestrado, na área dos Estudos Regionais e Locais, centrada no usufruto da oferta cultural existente na quadra natalícia. As suas opiniões, relativamente aos temas em apreço, permitirão empreender uma análise estatística do tema. A informação fornecida é estritamente confidencial e a sua participação voluntária será muito apreciada.

1-Dados sócio-demográficos

Nacionalidade	Britânica <input type="checkbox"/> Alemã <input type="checkbox"/> Portuguesa <input type="checkbox"/> Francesa <input type="checkbox"/> Outra _____
Idade e Género	Idade: ____; Género e estado Civil; Mascu <input type="checkbox"/> Femin <input type="checkbox"/> ; Solteiro <input type="checkbox"/> Casado/união de facto <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/>
Escolaridade	Básica <input type="checkbox"/> ; Secundária <input type="checkbox"/> ; Licenciatura <input type="checkbox"/> ; Mestrado <input type="checkbox"/> ; Doutoramento <input type="checkbox"/> ; Outro <input type="checkbox"/>
Situação laboral	Académico/Professor <input type="checkbox"/> ; Emprego na área da cultura <input type="checkbox"/> ; Trabalhador por Conta própria <input type="checkbox"/> ; Gestor/Diretor <input type="checkbox"/> ; Funcionário Público <input type="checkbox"/> ; Indústria <input type="checkbox"/> ; Serviços <input type="checkbox"/> ; Estudante <input type="checkbox"/> ; Outra <input type="checkbox"/>
Rendimento Familiar Médio mensal	500 euros ou menos <input type="checkbox"/> ; 500-1000 <input type="checkbox"/> ; 1000-2000 <input type="checkbox"/> ; 2000-3000 <input type="checkbox"/> ; 3000-4000 <input type="checkbox"/> ; 4000-5000 <input type="checkbox"/> ; Mais de 5000 <input type="checkbox"/>

2-Motivações de viagem

2.1. Indique se visitou algum presépio de natal: Sim Não ; Assistiu a eventos relativos à época do Natal: Sim Não

2.2. Motivações relativas ao usufruto de bens culturais. Assinale com um X, o grau de importância, de 1(nada importante) a 7 (muito importante)

Indique em que medida as seguintes razões o levaram a visitar Presépios de Natal ou outros eventos ou monumentos relativos às tradições de Natal	1	2	3	4	5	6	7
Considero importante visitar lugares “culturais” durante as minhas férias	1	2	3	4	5	6	7
Desejo aprender sobre a cultura local	1	2	3	4	5	6	7
A cultura madeirense também é parte da minha cultura	1	2	3	4	5	6	7
Para alargar a minha cultura geral	1	2	3	4	5	6	7
Devido ao <i>background</i> histórico dos Presépios	1	2	3	4	5	6	7
Desejo sentir-me emocionalmente envolvido	1	2	3	4	5	6	7
Para contribuir para a preservação do capital cultural para a próxima geração	1	2	3	4	5	6	7
Devido às características físicas do monumento e/ou evento	1	2	3	4	5	6	7
Porque desejava sair da rotina	1	2	3	4	5	6	7
Porque desejava divertir-me um bocado	1	2	3	4	5	6	7
Para relaxar	1	2	3	4	5	6	7

Como parte de um <i>tour</i> organizado	1	2	3	4	5	6	7
Para partilhar a experiência com os meus amigos	1	2	3	4	5	6	7
Para acompanhar amigos/familiares	1	2	3	4	5	6	7
Para estar junto de pessoas que gostam das mesmas coisas	1	2	3	4	5	6	7
Para estar com pessoas que têm interesses similares	1	2	3	4	5	6	7
Para estar com pessoas que se querem divertir	1	2	3	4	5	6	7
Porque adoro a época festiva do Natal	1	2	3	4	5	6	7
Porque se proporcionou, sem estar previsto	1	2	3	4	5	6	7
Porque adoro a Madeira, nos seus diversos aspetos	1	2	3	4	5	6	7

2.2 Indique em que medida é importante para si, na sua vida. Assinale com um X, a grau de importância, de 1 (nada importante) a 9 (muito importante)

Ser respeitado	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Divertimento e prazer na vida	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Auto-respeito	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Sentido de realização	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Segurança	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Auto-realização	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Relações calorosas com os outros	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Sentido de pertença	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Excitação	1	2	3	4	5	6	7	8	9

2.3. Motivações gerais para visitar a ilha. Assinale com um X, o grau de importância, de 1 (nada importante) a 9 (muito importante)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Experimentar algo diferente	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Sentir a atmosfera especial do destino	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Observar os residentes na ilha no seu dia- a -dia	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Aprender coisas novas ou aumentar a minha cultura geral	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar um lugar relacionado com os meus interesses e hábitos de lazer	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar um lugar que os meus amigos ainda não visitaram	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Para poder falar sobre o destino no regresso	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desfrutar de momento de luxo	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Dar a conhecer a outros que visitei este destino	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Compras	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Sentir harmonia e paz interior	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desenvolver competências e habilidades	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Compreender-me melhor	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ganhar um sentido de realização	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Poder ter experiências inesperadas	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Ter uma experiência de aventura e ousadia	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Sentir excitação na sequência de novas experiências	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Conhecer e contactar com a população local	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Afastar-me da pressão do trabalho	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Estar livre para agir em conformidade com o que sinto	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Relaxar e descansar	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Fazer coisas com os meus amigos e familiares	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Oportunidade para aprender alguma coisa sobre a cultura local e modo de vida	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Obter uma compreensão profunda e imergir na cultura local	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Aprender sobre a literatura local	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Aprender sobre a cultura local	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar museus e outras atrações locais	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Principalmente por razões de lazer e para aprender sobre a cultura local	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desfrutar da beleza da ilha e das suas paisagens	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Atmosfera nova e exótica	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Preços competitivos e atrativos	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Qualidade dos hotéis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Destino seguro para visitar com a família	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Acolhimento e hospitalidade da população local	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Escapar da rotina diária e descobrir coisas novas e excitantes	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desfrutar de entretenimento cultural e festivo	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Destino especial e diferente	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desfrutar da época de Natal e Fim de Ano num destino diferente	1	2	3	4	5	6	7	8	9

2.4 Caso tenha visitado um presépio/museu indique com um X, o grau de importância, de 1(nada importante) a 9 (muito importante) dessa visita.

Visitar este museu/presépio ajuda-me a expressar quem sou	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio permite-me mostrar o meu conhecimento	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio tem um efeito positivo sobre como me sinto acerca de mim	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio permite-me interagir com outros interessados nas mesmas coisas	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio dá-me muito gozo	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio dá-me muita satisfação	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio é uma experiência reconfortante e revigorante	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Visitar este museu/presépio é uma experiência enriquecedora	1	2	3	4	5	6	7	8	9

2.5. Com que frequência lê/ assiste/visita de (1) nunca a todas as (5) semanas

Literatura como romances, novelas, contos, poesia	1	2	3	4	5
Concertos de música clássica	1	2	3	4	5
Visitas a museus	1	2	3	4	5
Livrarias e bibliotecas	1	2	3	4	5
Exposições de arte e outras	1	2	3	4	5
Espetáculos	1	2	3	4	5
Festivais de Música	1	2	3	4	5
Teatro	1	2	3	4	5
Cinema	1	2	3	4	5

3-Organização da viagem

3.1. Indique se:

3.1.1. Já assistiu a um festival literário Sim Não

3.1.2 A quantos festivais literários já assistiu? _____

3.1.3. Já percorreu um *tour* literário? Sim Não

3.1.4. Já seleccionou um destino devido ao papel que desempenhou na vida um escritor? Sim Não

3.2. Ao pesquisar informação sobre a Madeira indique em que medida, assinale com um X, a grau de importância, de 1 (nada importante) a 9 (muito importante)

Pesquisou sobre a cultura madeirense	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Procurou inteirar-se sobre a literatura local	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Procurou inteirar-se sobre as tradições locais	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Procurou inteirar-se sobre as tradições de Natal	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Procurou inteirar-se sobre a oferta cultural da semana	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Procurou informação depois da sua chegada à Madeira	1	2	3	4	5	6	7	8	9

3.3.1. Conhece algum escritor madeirense? Sim Não

3.4

Indique o número de dias da sua estadia _____;	
Viaja sózinho? Sim <input type="checkbox"/> ; Não <input type="checkbox"/> ; Com a família? Sim <input type="checkbox"/> ; Não <input type="checkbox"/> ; Com amigos? Sim <input type="checkbox"/> ; Não <input type="checkbox"/> ; Quantos adultos viajam consigo? _____ Quantas crianças? _____ Qual o número de crianças? _____	
Com quanto tempo de antecedência planeou esta viagem? Uma semana <input type="checkbox"/> ; Um mês <input type="checkbox"/> ; Vários meses <input type="checkbox"/> ; Um ano <input type="checkbox"/>	
Regime de alojamento; Tudo incluído <input type="checkbox"/> ; Pensão completa <input type="checkbox"/> ; Meia pensão <input type="checkbox"/> ; Bed & breakfast <input type="checkbox"/> ; Apenas alojamento <input type="checkbox"/> ; Outro <input type="checkbox"/>	
É a sua primeira visita à Madeira? Sim <input type="checkbox"/> ; Não <input type="checkbox"/>	Indique o número de visitas anteriores à Madeira; 1 <input type="checkbox"/> ; 2 <input type="checkbox"/> ; 3 <input type="checkbox"/> ; 4 <input type="checkbox"/> ; 5 e mais <input type="checkbox"/>
Indique onde está alojado; Turismo rural <input type="checkbox"/> ; hotel citadino <input type="checkbox"/> hotel <input type="checkbox"/>	
Indique a sua despesas diária, sem alojamento, e de forma aproximada _____ Euros	

4. Indique que tipo de atividades realizou. Assinale com X.

Assistência/visita a locais de artesanato	Visitais a teatros	
Visitais a sítios e edifícios históricos	Visitais a presépio de Natal	
Visitais a pontos de interesse do ponto de vista arquitetónico e patrimonial	Participação nas Tradições do Natal	
Visitais a museus	Visitais a Catedrais e Igrejas	
Visitais a atrações como jardins	Levadas	
Assistências a espetáculos culturais	Visitais a galerias de Arte	
Assistência e conhecimento de tradições locais	Prática de desportos outdoor	

5. Indique em que medida, de (1) muito insatisfeito/improvável/não a (9) muito satisfeito/provável/sim

Está satisfeito com a sua estadia	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Pretende recomendar o destino a familiares e amigos	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Pretende retornar ao destino	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Aprender mais sobre a cultura e literatura madeirense	1	2	3	4	5	6	7	8	9
As visitas e contactos com a cultura local satisfizeram as suas necessidades de lazer e aprendizagem	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Está interessado em aprender mais sobre a cultura madeirense numa próxima visita	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Está interessado em pagar para aprender mais sobre a cultura local na próxima visita	1	2	3	4	5	6	7	8	9